

CONVERGÊNCIA

MAIO, JUNHO E JULHO • 2022 • ANO LVIII

537

*“Fazei tudo o que
ele vos disser”*
(Jo 2,5)



*Exortação Apostólica
Vita Consecrata e
Mudança de Paradigma*



*«Todos Irmãos» -
Voltar ao Essencial*



*Pandemia: Dez
Critérios para a
Vida Consagrada*



*Periferias Urbanas
interpelam a Vida
Religiosa*



*A Experiência do
Deserto na Espiritualidade
Salesiana: Os Sonhos de
Dom Bosco como Fonte*



*Vida Religiosa
Consagrada Feminina
Negra no Brasil*

Convergência

Maio, Junho e Julho • 2022 • ANO LVII



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Padre João da Silva Mendonça Filho, sdb
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Padre Paulo Alessandro, oar
Padre Jaldemir Vitório, sj
Irmão Lauro Daros, fms
Irmã Nivalda Milak, fdz
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp

Projeto Gráfico e Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Padre João Mendonça Filho, sdb
Revisão Geral: Prof. Romulo Ramos Ximenes (especialista)
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da Capa: Padre Reinaldo Leitão, rcj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: publicacoes@cbnacional.org.br / pe.mendonca@hotmail.com
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73



Editorial

Diálogo entre as Gerações, Educação e Trabalho!5

Mensagem do Papa

Mensagem do Santo Padre Francisco para a Celebração do
55º Dia Mundial da Paz - 1º de janeiro de 2022

Diálogo entre Gerações, Educação e Trabalho: Instrumentos para
construir uma paz duradoura9

Informes

1ª Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe -
Todos somos Discípulos Missionários em Saída 16

A Caminho da XXVI Assembleia Geral Eletiva20

Campanha da Fraternidade 202224

Mensagem final do Capítulo Provincial 2022 da
Província Santa Cruz27

A Prática da Liderança Construtiva na
Vida Religiosa Consagrada30

Artigos

Exortação Apostólica Vita Consecrata e Mudança de
Paradigma35

Cecilia Tada

“Todos Irmãos” - Voltar ao essencial46

Francisco de Aquino Júnior

Periferias Urbanas Interpelam a Vida Religiosa57

Frei Sinivaldo S. Tavares

Vida Religiosa Consagrada Feminina Negra no Brasil.....72

Ir. M. Heloísa Helena Bento, SND

Pandemia: Dez critérios para a Vida Consagrada84

Pe. Giacomo Ruggeri

A Experiência do Deserto na Espiritualidade Salesiana:
os Sonhos de Dom Bosco como Fonte96

Pe. João da Silva Mendonça Filho, sdb

Resenha

Migração e 'Cidade de Chegada'112

Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs



DIÁLOGO ENTRE AS GERAÇÕES, EDUCAÇÃO E TRABALHO!

PE. JOÃO DA SILVA MENDONÇA FILHO, SDB

Papa Francisco, na mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2022, propôs um processo de desenvolvimento integral que passe pelo diálogo, educação e trabalho. De fato, no contexto pandêmico que estamos vivendo, a necessidade de repensar a paz é uma tarefa urgente e empenhativa.

Uma forma de colaboração da VRC para a construção da paz é a reflexão para fomentar o processo de mudança, ressignificando a nossa missão carismática e evangelizadora. Neste sentido, o artigo da Irmã Cecília Tada, sobre a Exortação apostólica *Vita Consecrata* e a mudança de paradigma, coloca-nos dentro do processo de preparação da

26ª Assembleia Geral Eletiva da CRB, com a reflexão nas dimensões espiritual e antropológica da identidade da VRC.

O padre Francisco de Aquino Júnior, em sintonia com a VRC, propõe, com o artigo *Todos irmãos*, a retomada da *Fratelli Tutti* para nos indicar o caminho do diálogo para a construção da paz à luz do valor perene da fraternidade universal.

Um dos ecos na 1ª Assembleia Eclesial Latino Americana e do Caribe foi o contexto urbano-periférico da evangelização. Frei Sinivaldo S. Tavares traz, para nossa reflexão pessoal e comunitária, o artigo intitulado *Periferias urbanas interpelam e vida religiosa*, com o intuito de nos ajudar a

repensar a opção pelos pobres, um dos desafios pastorais que resultou da 1ª Assembleia Eclesial Latino Americana e do Caribe.

A questão da mulher, reflexão pertinente na 1ª Assembleia Latino Americana e do Caribe, interpela-nos sobre os preconceitos e evidência a violência contra a mulher, sobretudo, a mulher negra, tanto dentro como fora da VRC. Com o artigo Vida religiosa consagrada feminina negra no Brasil, a Irmã Maria Helena Bento aprofunda esta delicada situação para ressignificar o Ser e o Agir em relação à mulher na VRC.

O artigo Pandemia: dez critérios para a vida consagrada, do padre Giacomo Ruggeri, é bastante provocativo e nos estimula a rever os paradigmas da VRC à luz da pandemia e das implicações que um “novo normal” irá implicar em nossas relações e missão.

Saber ler e ressignificar o carisma fundacional, no presente

e numa perspectiva de futuro, é uma tarefa que cabe a nós, religiosos(as), realizarmos numa fidelidade criativa. Com este intuito, o padre João da Silva Mendonça Filho apresenta uma reflexão sobre o carisma salesiano, com o título A experiência do deserto na espiritualidade salesiana: os sonhos de Dom Bosco como fonte. O deserto como lugar hostil e de superação está nas entrelinhas dos sonhos e da práxis salesiana.

Caríssimos(as) leitores(as) da Convergência, estamos no ano eleitoral. Somos cidadãos e cidadãs que cremos “em novos céus e novas terras;” é também o ano da nossa 26ª Assembleia Nacional Eletiva. É hora de ressignificar a nossa presença profética-mística-sapiencial a partir da concretização dos desafios que a Igreja Latino Americana e do caribe assumiu na 1ª Assembleia Eclesial. Não tenhamos medo de arriscar.

*“Fazei tudo o que
ele vos disser”*
(Jo 2,5)



DESCRIÇÃO DA LOGOMARCA TRIÊNIO 2019 -2022

A apresentação da logo foi criada para identificar graficamente a linha de reflexão, espiritualidade e atividades das instituições religiosas que compõem a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), no Triênio 2019 a 2022.

O tema escolhido para fundamentar a caminhada durante o triênio será: *Consagradas e Consagrados em Missão* e o lema: *“Fazei tudo o que ele vos disser”* (Jo 2,5).

Com essa motivação temática, busca-se ilustrar a forte presença vocacional e missionária de Maria como mediadora da graça e estrela da evangelização.

A Cruz, no centro, representa o Cristo, autor da graça, do vinho novo; alegria, princípio e ânimo para a jornada missionária.

A talha representa a vida e vocação das consagradas e consagrados que se enchem desta alegria, o Cristo, para testemunhar o amor e chamada vocacional de Deus.

O caminho e as pegadas explicitam uma vida religiosa em saída, em movimento, dinâmica e fortalecida pelo vinho novo da alegria.

*"Fazei tudo o que
ele vos disser"*
(Jo 2,5)



Triênio
2019 a 2022



CRB NACIONAL

Consagradas e consagrados em missão

Horizonte

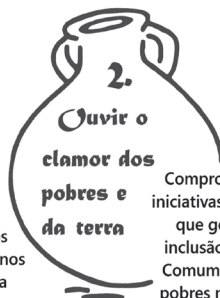
Nós consagradas e consagrados em missão, movidos por uma mística profético-sapiencial e articulados institucionalmente, procuramos estar presentes onde a vida está ameaçada, responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, ouvindo o clamor dos pobres e da terra, para que o vinho novo do Reino anime a festa da vida.

Prioridades



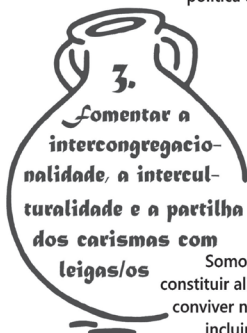
1.
**Cultivar a
mística
profético-
sapiencial**

Inspirados em Maria, queremos escutar a voz de Deus nos pequenos sinais da vida, que nos chama a anunciar, denunciar e testemunhar a esperança do Reino na noite escura da realidade socioeconômica e política dos nossos povos.



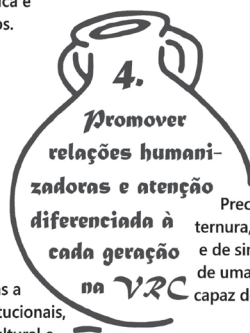
2.
**Ouvir o
clamor dos
pobres e
da terra**

Comprometemo-nos a promover iniciativas comunitárias e articuladas que gerem consciência crítica, inclusão social e cuidado da Casa Comum. Optar em favor dos mais pobres nos empenha a enfrentar a injustiça ambiental, porque tudo está interligado.



3.
**Fomentar a
intercongregacio-
nalidade, a intercul-
turalidade e a partilha
dos carismas com
leigos/os**

Somos interpelados/as a constituir alianças interinstitucionais, conviver na diversidade cultural e incluir o laicato na nossa espiritualidade e ação, abrindo novos caminhos na missão.



4.
**Promover
relações humani-
zadoras e atenção
diferenciada à
cada geração
na VRC**

Precisamos tecer relações de ternura, de fraternidade/sororidade e de sinodalidade como expressão de uma nova forma de convivência capaz de superar o individualismo e a dominação.



MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO PARA A CELEBRAÇÃO DO 55º DIA MUNDIAL DA PAZ - 1º DE JANEIRO DE 2022

Vaticano, 8 de dezembro de 2021

DIÁLOGO ENTRE GERAÇÕES, EDUCAÇÃO E TRABALHO: INSTRUMENTOS PARA CONSTRUIR UMA PAZ DURADOURA

1. **«QUE FORMOSOS SÃO SOBRE OS MONTES OS PÉS DO MENSAGEIRO QUE ANUNCIA A PAZ» (Is 52, 7)!**

Estas palavras do profeta Isaías manifestam a consolação, o suspiro de alívio dum povo exilado, extenuado pelas violências e os abusos, exposto à infâmia e à morte. Sobre esse povo, assim se interrogava o profeta Baruc: «Por que estás tu em terra inimiga, envelhecendo num país estrangeiro? Contaminaste-te com os mortos, foste contado com os que descem ao Hades» (3,10-11). Para aquela gente, a chegada do mensageiro de paz significava

a esperança dum renascimento dos escombros da história, o início dum futuro luminoso.

Ainda hoje o caminho da paz – o novo nome desta, segundo São Paulo VI, é desenvolvimento integral [1] – permanece, infelizmente, arredio da vida real de tantos homens e mulheres e consequentemente da família humana, que nos aparece agora totalmente interligada. Apesar dos múltiplos esforços visando um diálogo construtivo entre as nações, aumenta o ruído ensurdecedor de guerras e conflitos, ao mesmo tempo que ganham

espaço doenças de proporções pandémicas, pioram os efeitos das alterações climáticas e da degradação ambiental, agrava-se o drama da fome e da sede e continua a predominar um modelo econômico mais baseado no individualismo do que na partilha solidária. Como nos tempos dos antigos profetas, continua também hoje a elevar-se o clamor dos pobres e da terra [2] para implorar justiça e paz.

Em cada época, a paz é conjuntamente dádiva do Alto e fruto dum empenho compartilhado. De facto, há uma «arquitetura» da paz, onde intervêm as várias instituições da sociedade, e existe um «artesanato» da paz, que nos envolve pessoalmente a cada um de nós [3]. Todos podem colaborar para construir um mundo mais pacífico partindo do próprio coração e das relações em família, passando pela sociedade e o meio ambiente, até chegar às relações entre os povos e entre os Estados.

Quero propor, aqui, três caminhos para a construção duma paz duradoura. Primeiro, o diálogo entre as gerações, como base para a realização de projetos compartilhados. Depois, a educação, como fator de liberdade, responsabilidade e desenvolvimento. E, por fim, o trabalho, para uma plena realização da dignidade humana. São três elementos imprescindíveis para tornar «possível a criação dum pacto

social» [4], sem o qual se revela inconsistente todo o projeto de paz.

2. **DIALOGAR ENTRE GERAÇÕES PARA CONSTRUIR A PAZ**

Num mundo ainda fustigado pela pandemia, que tem causado tantos problemas, «alguns tentam fugir da realidade, refugiando-se em mundos privados, enquanto outros a enfrentam com violência destrutiva, mas, entre a indiferença egoísta e o protesto violento há uma opção sempre possível: o diálogo, [concretamente] o diálogo entre as gerações» [5].

Todo o diálogo sincero, mesmo sem excluir uma justa e positiva dialética, exige sempre uma confiança de base entre os interlocutores. Devemos voltar a recuperar esta confiança recíproca. A crise sanitária atual fez crescer, em todos, o sentido da solidão e o isolar-se em si mesmos. Às solidões dos idosos veio juntar-se, nos jovens, o sentido de impotência e a falta duma noção compartilhada de futuro. Esta crise é sem dúvida aflitiva, mas nela é possível expressar-se também o melhor das pessoas. De facto, precisamente durante a pandemia, constatamos nos quatro cantos do mundo generosos testemunhos de compaixão, partilha, solidariedade.

Dialogar significa ouvir-se um ao outro, confrontar posições, pôr-se de acordo e caminhar juntos. Favorecer tudo isto entre as gerações significa amañhar

o terreno duro e estéril do conflito e do descarte para nele se cultivar as sementes duma paz duradoura e compartilhada.

Enquanto o progresso tecnológico e económico frequentemente dividiu as gerações, as crises contemporâneas revelam a urgência da sua aliança. Se os jovens precisam da experiência existencial, sapiencial e espiritual dos idosos, também estes precisam do apoio, carinho, criatividade e dinamismo dos jovens.

Os grandes desafios sociais e os processos de pacificação não podem prescindir do diálogo entre os guardiões da memória – os idosos – e aqueles que fazem avançar a história – os jovens –; tal como não é possível prescindir da disponibilidade de cada um dar espaço ao outro, nem pretender ocupar inteiramente a cena preocupando-se com os seus interesses imediatos como se não houvesse passado nem futuro. A crise global que vivemos mostra-nos, no encontro e no diálogo entre as gerações, a força motora duma política sã, que não se contenta em administrar o existente «com remendos ou soluções rápidas» [6], mas presta-se, como forma eminente de amor pelo outro, [7] à busca de projetos compartilhados e sustentáveis.

Se soubermos, nas dificuldades, praticar este diálogo intergeracional, «poderemos estar bem

enraizados no presente e, daqui, visitar o passado e o futuro: visitar o passado, para aprender da história e curar as feridas que às vezes nos condicionam; visitar o futuro, para alimentar o entusiasmo, fazer germinar os sonhos, suscitar profecias, fazer florescer as esperanças. Assim unidos, poderemos aprender uns com os outros» [8]. Sem as raízes, como poderiam as árvores crescer e dar fruto?

É suficiente pensar no cuidado da nossa casa comum, já que o próprio meio ambiente «é um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte» [9]. Por isso, devem ser apreciados e encorajados os numerosos jovens que se empenham por um mundo mais justo e atento à tutela da criação, confiada à nossa custódia. Fazem-no num misto de inquietude e entusiasmo, mas sobretudo com sentido de responsabilidade perante a urgente mudança de rumo [10], que nos é imposta pelas dificuldades surgidas da atual crise ética e sócio-ambiental [11].

Por outro lado, a oportunidade de construir, juntos, percursos de paz não pode prescindir da educação e do trabalho, lugares e contextos privilegiados do diálogo intergeracional: enquanto a educação fornece a gramática do diálogo entre as gerações, na experiência do

trabalho encontram-se a colaborar homens e mulheres de diferentes gerações, trocando entre si conhecimentos, experiências e competências em vista do bem comum.

3. A INSTRUÇÃO E A EDUCAÇÃO COMO MOTORES DA PAZ

Nos últimos anos, diminuíu sensivelmente a nível mundial o orçamento para a instrução e a educação, vistas mais como despesas do que como investimentos; e, todavia, constituem os vetores primários dum desenvolvimento humano integral: tornam a pessoa mais livre e responsável, sendo indispensáveis para a defesa e promoção da paz. Por outras palavras, instrução e educação são os alicerces duma sociedade coesa, civil, capaz de gerar esperança, riqueza e progresso.

Ao contrário, aumentaram as despesas militares, ultrapassando o nível registado no termo da «guerra fria», e parecem destinadas a crescer de maneira exorbitante [12].

Por conseguinte é oportuno e urgente que os detentores das responsabilidades governamentais elaborem políticas económicas que prevejam uma inversão na correlação entre os investimentos públicos na educação e os fundos para armamentos. Aliás a busca dum real processo de desarmamento internacional

só pode trazer grandes benefícios ao desenvolvimento dos povos e nações, libertando recursos financeiros para ser utilizados de forma mais apropriada na saúde, na escola, nas infraestruturas, no cuidado do território, etc.

Faço votos de que o investimento na educação seja acompanhado por um empenho mais consistente na promoção da cultura do cuidado [13]. Perante a fragmentação da sociedade e a inércia das instituições, esta cultura do cuidado pode-se tornar a linguagem comum que abate as barreiras e constrói pontes. «Um país cresce quando dialogam de modo construtivo as suas diversas riquezas culturais: a cultura popular, a cultura universitária, a cultura juvenil, a cultura artística e a cultura tecnológica, a cultura económica e a cultura da família, e a cultura dos meios de comunicação» [14]. É necessário, portanto, forjar um novo paradigma cultural, através de «um pacto educativo global para e com as gerações jovens, que empenhe as famílias, as comunidades, as escolas e universidades, as instituições, as religiões, os governantes, a humanidade inteira na formação de pessoas maduras» [15]. Um pacto que promova a educação para a ecologia integral, segundo um modelo cultural de paz, desenvolvimento e sustentabilidade,

centrado na fraternidade e na aliança entre os seres humanos e o meio ambiente [16].

Investir na instrução e educação das novas gerações é a estrada mestra que as leva, mediante uma específica preparação, a ocupar com proveito um justo lugar no mundo do trabalho [17].

4. **PROMOVER E ASSEGURAR O TRABALHO CONSTRÓI A PAZ**

O trabalho é um fator indispensável para construir e preservar a paz. Aquele constitui expressão da pessoa e dos seus dotes, mas também compromisso, esforço, colaboração com outros, porque se trabalha sempre com ou para alguém. Nesta perspectiva acentuadamente social, o trabalho é o lugar onde aprendemos a dar a nossa contribuição para um mundo mais habitável e belo.

A pandemia Covid-19 agravou a situação do mundo do trabalho, que já antes se defrontava com variados desafios. Faliram milhões de atividades económicas e produtivas; os trabalhadores precários estão cada vez mais vulneráveis; muitos daqueles que desempenham serviços essenciais são ainda menos visíveis à consciência pública e política; a instrução à distância gerou, em muitos casos, um retrocesso na aprendizagem e nos percursos escolásticos. Além disso, os jovens que assomam ao mercado

profissional e os adultos precipitados no desemprego enfrentam hoje perspectivas dramáticas.

Particularmente devastador foi o impacto da crise na economia informal, que muitas vezes envolve os trabalhadores migrantes. Muitos deles – como se não existissem – não são reconhecidos pelas leis nacionais; vivem em condições muito precárias para eles mesmos e suas famílias, expostos a várias formas de escravidão e desprovidos dum sistema de previdência que os proteja. Mais, atualmente apenas um terço da população mundial em idade laboral goza dum sistema de proteção social ou usufrui dele apenas de forma limitada. Em muitos países, crescem a violência e a criminalidade organizada, sufocando a liberdade e a dignidade das pessoas, envenenando a economia e impedindo que se desenvolva o bem comum. A resposta a esta situação só pode passar por uma ampliação das oportunidades de trabalho digno.

Com efeito o trabalho é a base sobre a qual se há de construir a justiça e a solidariedade em cada comunidade. Por isso, «não se deve procurar que o progresso tecnológico substitua cada vez mais o trabalho humano: procedendo assim, a humanidade prejudicar-se-ia a si mesma. O trabalho é uma necessidade, faz

parte do sentido da vida nesta terra, é caminho de maturação, desenvolvimento humano e realização pessoal» [18]. Temos de unir as ideias e os esforços para criar as condições e inventar soluções a fim de que cada ser humano em idade produtiva tenha a possibilidade, com o seu trabalho, de contribuir para a vida da família e da sociedade.

Como é urgente promover em todo o mundo condições laborais decentes e dignas, orientadas para o bem comum e a salvaguarda da criação! É necessário garantir e apoiar a liberdade das iniciativas empresariais e, ao mesmo tempo, fazer crescer uma renovada responsabilidade social para que o lucro não seja o único critério-guia.

Nesta perspectiva, devem ser estimuladas, acolhidas e sustentadas as iniciativas, a todos os níveis, que solicitam as empresas a respeitar os direitos humanos fundamentais de trabalhadoras e trabalhadores, sensibilizando nesse sentido não só as instituições, mas também os consumidores, a sociedade civil e as realidades empresariais. Estas, quanto mais cientes estão da sua função social, tanto mais se tornam lugares onde se cultiva a dignidade humana, participando por sua vez na construção da paz. Sobre este aspeto, é chamada a desempenhar um papel ativo a política, promovendo um justo

equilíbrio entre a liberdade económica e a justiça social. E todos aqueles que intervêm neste campo, a começar pelos trabalhadores e empresários católicos, podem encontrar orientações seguras na doutrina social da Igreja.

Queridos irmãos e irmãs! Enquanto procuramos unir os esforços para sair da pandemia, quero renovar os meus agradecimentos a quantos se empenharam e continuam a dedicar-se, com generosidade e responsabilidade, para garantir a instrução, a segurança e tutela dos direitos, fornecer os cuidados médicos, facilitar o encontro entre familiares e doentes, garantir apoio económico às pessoas necessitadas ou desempregadas. E asseguro, na minha oração, a lembrança de todas as vítimas e suas famílias.

Aos governantes e a quantos têm responsabilidades políticas e sociais, aos pastores e aos animadores das comunidades eclesiais, bem como a todos os homens e mulheres de boa vontade, faço apelo para caminharmos, juntos, por estas três estradas: o diálogo entre as gerações, a educação e o trabalho. Com coragem e criatividade. Oxalá sejam cada vez mais numerosas as pessoas que, sem fazer rumor, com humildade e tenacidade, se tornam dia a dia artesãs de paz. E que sempre as preceda e acompanhe a bênção do Deus da paz!

FRANCISCO

Notas

[1] Cf. Carta enc. *Populorum progressio* (26/III/1967), 76-80.

[2] Cf. Francisco, Carta enc. *Laudato si'* (24/V/2015), 49.

[3] Cf. Francisco, Carta enc. *Fratelli tutti* (03/X/2020), 231.

[4] *Ibid.*, 218.

[5] *Ibid.*, 199.

[6] *Ibid.*, 179.

[7] Cf. *ibid.*, 180.

[8] Francisco, Exort. ap. pós-sinodal *Christus vivit* (25/III/2019), 199.

[9] Francisco, Carta enc. *Laudato si'* (24/V/2015), 159.

[10] Cf. *ibid.*, 163; 202.

[11] Cf. *ibid.*, 139.

[12] Cf. Francisco, Mensagem aos participantes no IV Fórum de

Paris sobre a Paz (11-13/XI/2021).

[13] Cf. Carta enc. *Laudato si'* (24/V/2015), 231; Francisco, Mensagem para o LIV Dia Mundial da Paz. A cultura do cuidado como percurso de paz (08/XII/2020).

[14] Carta enc. *Fratelli tutti* (03/X/2020), 199.

[15] Francisco, Mensagem-vídeo por ocasião do Encontro «Global Compact on Education. Together to look Beyond» (15/X/2020).

[16] Cf. Francisco, Mensagem-vídeo por ocasião do «High Level Virtual Climate Ambition Summit» (13/XII/2020).

[17] Cf. São João Paulo II, Carta enc. *Laborem exercens* (14/IX/1981), 18.

[18] Carta enc. *Laudato si'* (24/V/2015), 128.



1ª ASSEMBLEIA ECLESIAL DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE - TODOS SOMOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS EM SAÍDA

Cidade do México, 27 de novembro do Ano do Senhor 2021

Mensagem ao povo da América latina e do Caribe

NÓS, membros da Assembleia Eclesial, reunidos, de modo online e presencial, na sede da Conferência Episcopal Mexicana, de 21 ao 28 de novembro de 2021, sob o olhar amoroso da Santa Maria de Guadalupe, saudamos o Povo de Deus em caminho, homens e mulheres da nossa querida América Latina e do Caribe.

Fomos unidos pelo desejo de reavivar o espírito da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, realizada em Aparecida, em 2007, em sintonia com as anteriores Conferências Gerais e tendo como horizonte o Jubileu Guadalupano de 2031 e o Jubileu da Redenção de 2033.

Confessamos que Jesus Cristo Ressuscitado foi quem nos convocou mais uma vez e, como em Aparecida, fez-nos conhecer, como discípulos(as) missionários(as) do seu Reino, enviados(as) a comunicar, de forma transbordante, a alegria e o prazer de encontrá-lo, para que tenhamos nele vida em plenitude (DAp 14). Desde esse fato, Jesus nos acompanha na tarefa assumida de repensar e relançar a missão evangelizadora nas novas circunstâncias Latino-americanas e Caribenhas. Tarefa que nos tem comprometidos num processo de conversão decididamente missionária, para submeter tudo ao serviço da

instauração do reino e da vida definitiva (DAp 366). Propósito no qual avançamos e que requer ainda uma maior responsabilidade pastoral. Sonho profético que o Senhor, hoje, confirma e anima-nos a caminhar juntos, guiados pelo Espírito Santo.

É com grande alegria que vivemos esta Assembleia, como uma verdadeira experiência sinodal, na escuta mútua e no discernimento comunitário daquilo que o Espírito Santo quer dizer a Igreja. Caminhamos juntos(as), reconhecendo nossa poliédrica diversidade, porém, fortalecendo o que nos une e, por meio do diálogo, nosso coração de discípulos(as) se voltou para as realidades que vivemos, no continente, com suas dores e esperanças.

Constatamos e denunciemos a dor dos mais pobres e vulneráveis que sofrem o flagelo da miséria e das injustiças. Sentimos a dor dos gritos da destruição da casa comum e da “cultura do descarte” que afetam, sobretudo, as mulheres, os migrantes e refugiados, os idosos, os povos originários e afrodescendentes. Causa-nos dor o impacto e as consequências da pandemia que aumenta ainda mais as desigualdades sociais, comprometendo, inclusive, a segurança alimentar da grande maioria dos nossos povos. Também, sentimos a dor

daqueles que sofrem por causa do clericalismo e do autoritarismo nas relações, que leva à exclusão dos leigos(as), de maneira especial, das mulheres nas instâncias de discernimento e tomada de decisões sobre a missão da Igreja, a qual se constitui num grande obstáculo para a sinodalidade. É preocupante, a todos nós, a falta de profetismo e a solidariedade efetiva com os mais pobres e vulneráveis.

Por outro lado, a presença de sinais do reino de Deus aumenta a nossa esperança e nos leva por caminhos novos, por meio da escuta e do discernimento. O caminho sinodal é um significativo espaço de encontro e abertura para a transformação das estruturas eclesiais e sociais, que permite renovar o impulso missionário e a proximidade com os mais pobres e excluídos. Vemos, com esperança, na vida religiosa consagrada, mulheres e homens que dão testemunho de vida na contra mão da sociedade e no anúncio da boa nova do Evangelho, como também, a piedade popular, tão marcante em nossos povos.

Esta Assembleia é um kairós, um tempo propício para a escuta e o discernimento que nos conecta, de forma renovada, com as orientações pastorais de Aparecida e o magistério do Papa Francisco. Impulsiona-nos

a abrir novos caminhos missionários rumo às periferias geográficas e existenciais e lugares próprios de uma Igreja em saída.

Quais são os desafios e orientações pastorais que Deus nos chama a assumir com maior urgência? A voz do espírito ecoou, no meio dos nossos diálogos, e pelo discernimento nos mostrou vários horizontes que inspiram nossa esperança eclesial: **promover um encontro com Jesus Cristo encarnado na realidade do continente; de acompanhar e promover o protagonismo dos jovens; uma adequada atenção às vítimas dos abusos ocorridos nos contextos eclesiais e a nos comprometer com a prevenção; a promoção da participação ativa das mulheres nos ministérios e nos espaços de discernimento e decisões eclesiais. A promoção da vida humana desde sua concepção até a morte natural; a formação na sinodalidade para erradicar o clericalismo; a promoção da participação dos leigos(as) nos espaços de transformação cultural, política, social e eclesial; a escuta e o acompanhamento do clamor dos pobres, excluídos e descartados; a renovação dos programas de formação, nos seminários, para que assumam a ecologia integral, o valor dos povos originários, a inculturação e interculturalidade, e o pensamento social da**

Igreja como temas necessários, e tudo aquilo que contribua para a adequada formação na sinodalidade;

Renovar, à luz da Palavra de Deus e do Vaticano II, o conceito e experiência de ser Povo de Deus; reafirmar e dar prioridade à vivência dos sonhos da Querida Amazônia; acompanhar os povos originários e afrodescendentes na defesa da vida, terra e suas culturas.

Com grande alegria e gratidão, reafirmamos, nessa Assembleia Eclesial, que o caminho para viver a conversão pastoral discernida, em Aparecida, é o da sinodalidade. A Igreja é sinodal em si mesma, a sinodalidade pertence a sua essência, portanto, não é uma moda passageira, um lema vazio. Com a sinodalidade, estamos aprendendo a caminhar juntos como Igreja de Deus, envolvendo a todos(as), sem exclusão, na tarefa de comunicar a todos(as) a alegria do Evangelho, como discípulos(as) missionários(as) em saída.

O transbordamento da força criativa do Espírito convida-nos a seguir discernindo e impulsionando os frutos deste acontecimento, inédito, para nossas Igrejas e comunidades locais que peregrinam na América Latina e no Caribe. Compromete-nos a seguir pelo caminho que o Senhor nos assinala, aprendendo

e criando as mediações adequadas para gerar as transformações necessárias nas mentalidades, nas relações, nas práticas e nas estruturas eclesiais (DSD 30).

O itinerário pastoral, que temos pela frente, será nosso guia no processo de conversão missionária e sinodal.

Agradecemos ao Senhor da vida e a todas as pessoas que fizeram possível a realização desta Assembleia e nos colocamos

sob a proteção da Virgem de Guadalupe, que acompanha com ternura de mãe o caminhar da Igreja neste continente. A ela dedicamos os frutos deste acontecimento eclesial e pedimos sua intercessão para que com coragem e criatividade cheguemos a ser uma Igreja em saída, sinodal e missionária, que o Senhor espera de nós, uma vez que todos(as) somos discípulos(as) missionários(as) em saída.

A CAMINHO DA 26ª ASSEMBLEIA GERAL ELETIVA

PE. JOÃO MENDONÇA, SDB

A Conferência dos Religiosos do Brasil caminha para a sua vigésima sexta Assembleia Geral eletiva, de 19 a 22 de julho de 2022. Ao ritmo do processo sinodal, convocado pelo Papa Francisco, estamos unidas(os) a este grande mutirão na escuta atenta da VRC. Numa época de profundas, rápidas e líquidas mudanças precisamos manter o olhar fixo na pessoa de Jesus Cristo, para não perdemos a essência da nossa existência, pois, como Vida Religiosa Consagrada, somos convocadas(os) a viver uma fidelidade dinâmica, adaptada aos tempos, sem perder a fidelidade ao carisma fundacional de cada fundador(a). Isso, comporta um desafio constante, pois a profissão dos conselhos evangélicos, a vida fraterna e a missão

comportam um modo exclusivo de consagração que, fundada no Batismo, “supõe um dom particular de Deus, não concedido a todos” (VC 30. 36-37). Esse dom não pode ceder à tentação da autorreferencialidade, mas à criação de pontes e sinergia com a realidade dos tempos presente.

Nesse sentido, o pontificado do Papa Francisco tem se revelado como um inquietante processo de deslocamento do centro para as periferias existenciais e geográficas das pessoas, da sociedade e do mundo. Francisco pede a VRC que faça uma “memória deutoronômica” da fundação, da missão e das opções que fazemos hoje à luz do Evangelho, para sabermos olhar o passado com gratidão, abraçar o presente com



Diretoria da CRB Nacional, Equipe Interdisciplinar e Assessores Executivos.

paixão e abraçar o futuro com ousadia missionária. Trata-se de um dinamismo interno, um êxodo que se projeta em nossos sonhos e realizações.

A próxima Assembleia Eletiva da CRB não poderia deixar de estar envolvida e seduzida pelas constantes chamadas do Papa Francisco. Não podemos deixar que nos roubem a capacidade de discernir o que temos que fazer, e acompanhar os processos de inserção e respostas às demandas que brotam deste momento histórico da Igreja. O chamado a vivenciar uma fraternidade universal, além, até da religião institucional, como nos interpela a Fratelli Tutti, convoca-nos a sermos presença fraterna em todos os ambientes, com todas as

pessoas, sobretudo, com aquelas que o Espírito Santo ajudou os fundadores(as), a olhar o mundo e sentir o mundo. Esse desafio de vanguarda é permanente na VRC.

Hoje, a pandemia, dividiu ao meio o nosso modo de ser. Vivíamos a corrida do FAZER muitas coisas e, agora, estamos num momento no qual o questionamento sobre a nossa identidade, SER, de pessoas consagradas, clama por uma ressignificação do exercício do poder, da fraternidade, da missão, da centralidade de Jesus Cristo, da sinodalidade e da ousadia missionária. É preciso discernir o que “devemos fazer?” diante dos clamores do momento atual e do futuro incerto que chega e nos

assombra. A VRC não tem todas as respostas, mas necessariamente precisa continuar a busca pelo sentido da sua existência.

É assim que a preparação da 26ª AGE está movendo nossos interesses, buscas e significados. Por isso, após um período de escuta, com a assessoria técnica do casal Joaquim Alberto A. Silva e Raquel P. Andrade Silva, e do Irmão Marista Júnior, estivemos reunimos, dia 10/12, na Obra Social Santa Isabel, em Brasília, a Diretoria Nacional, os Assessores Executivos Nacionais e a equipe interdisciplinar, para refletir e discernir, a partir de nossas próprias contribuições ao processo, o que queremos como AGE e como realizaremos essa Assembleia dentro do dinamismo sinodal.

A primeira parte da reunião fer ecoar nossas próprias falas, destacando elementos da história, os temas que permeiam a VRC, a metodologia de trabalho e como, efetivamente, tornar possível a realização de uma Assembleia que tenha em conta o dinamismo da escuta, o empenho do discernimento e a clareza das opções para ressignificar o nosso SER pessoas consagradas na complexa realidade brasileira.

A segunda etapa dos trabalhos, foi começar a sintetização da grande diversidade de temas que emergiram das escutas. Parece que quanto mais escutamos, mais

aparecem vozes que clamam por novas questões, porém, precisamos ter consciência de que não daremos conta de tudo, então, faz-se urgente o saber discernir para chegar ao essencial.

Surgiram, então, temas que foram, aos poucos, sendo agregados em três dimensões: Identidade da VRC; Sinodalidade e VRC; centralidade da pessoa de Jesus Cristo e relações na intercongregacionalidade.

De olho na Palavra de Deus, chegamos a elencar uma diversidade de frases Bíblicas iluminadoras do processo, todas válidas, inquietantes, porém, foi o capítulo 15, de João, que nos impactou mais. Observamos que a comunidade de discípulos estava diante de uma crise, de incertezas e da iminente morte de Jesus. Então, a narrativa da videira e dos ramos trouxe uma imagem muito forte, para nós, de unidade-comunhão-missão em tempos de polarizações e divisões. É preciso, de fato, “permanecer em Jesus Cristo” (Jo 15,4), para que os frutos de uma VRC em saída, realmente, seja significativo, profético e ministerial.

Terminamos o primeiro dia com essas inquietações. No dia seguinte, 11/12, a equipe interdisciplinar, com a assessoria do Sr. Joaquim, continuou o processo, no objetivo de discernir o tema central da Assembleia.

Partimos da análise do dia anterior e fomos em busca de uma escuta mais atenta sobre o que, de fato, queremos com a AGE e como chegaremos a alcançar nossa meta. O trabalho foi árduo.

Depois de algumas trocas de ideias, chegamos a uma formulação de tema geral, com alguns elementos que não podem ficar de fora, ou seja, a identidade da VRC, Sinodalidade e VRC, centralidade da pessoa de Jesus Cristo e relações na intercongregacionalidade, que deverão ser referência na preparação da VRC para a AGE Assim o tema escolhido foi: **RESSIGNIFICAR A VRC NUMA IGREJA SINODAL. E o lema bíblico: “PERMANECEI NO MEU AMOR” (Jo 15,9).** Contudo, estamos apenas no início do discernimento. Dessa maneira, ainda há possibilidade de expressarmos nossa meta de outra forma, mais explicitamente.

Para favorecer o caminho de preparação e escuta, foi sugerida a composição de uma equipe de trabalho, sendo indicados:

Ir. Eliene Barros (Diretoria); Ir. Susana Rocca, Ir. Joilson S.Toledo, Pe. Daniel L.Rocchetti (Equipe Interdisciplinar); Ir. Maristela Ganassini (Assessoria Executiva); Joaquim Alberto A. Silva, Ir. José Augusto Junior, Raquel P. Andrade Silva (Equipe Técnica). A comissão terá o mês de janeiro para elaborar o processo metodológico. No dia 07 de fevereiro, numa reunião online com a diretoria, assessores(as) e a equipe interdisciplinar, apresentarão um cronograma de ações para ser avaliado. Na sequência, teremos outras reuniões para dar continuidade ao processo.

Como diz o provérbio popular, “O caminho se faz caminhando”, ou no dizer do Papa Francisco, é fundamental, no processo sinodal, “superar o intelectualismo abstrato, o formalismo puramente técnico e o imobilismo que engessa no lugar de deixar caminhar. Acredito que estamos num bom começo e chegaremos a bom termo”.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2022

São Paulo, 5 de dezembro de 2021

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS¹

A Campanha da Fraternidade de 2022 (CF/2022) reflete o tema da educação. Nos dias de hoje, trata-se de um assunto oportuno, de suma relevância e até mesmo profético. O que ocorreria com uma pessoa, um país ou uma sociedade que não levasse em conta uma formação crítica e sólida? Nosso grande educador, Paulo Freire, insistia na Educação como prática da liberdade, título de uma de suas obras básicas. Outro de seus livros, *Pedagogia do oprimido*, por sua vez, vincula a educação fundamental a um diálogo crítico e transformador com a realidade socioeconômica e cultural. Quanto ao lema, a CF/2022 optou por uma frase bíblica tirada do Livro dos Provérbios: “Fala com

1 vice-presidente do SPM



sabedoria, ensina com amor” (Pr 31,26). Vale sublinhar que estamos diante de uma das linhas mestras da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Três entraves de caráter histórico e estrutural, no entanto, impedem que o Brasil possa estender esse direito ao conjunto da população: a desigualdade social, o descaso do atual governo, diante da cultura e o preconceito racista e excludente. No caso da desigualdade social, o país caminha com um peso de chumbo atado aos próprios pés. Trata-se da discrepância que, historicamente, vem cavando um fosso cada vez mais fundo entre a base e o pico da pirâmide socioeconômica. O círculo vicioso dessa situação desigual revela-se extremamente perverso e difícil de romper. A condição de pobreza extrema impossibilita o acesso integral à rede pública de educação. Sem estudo, sem diploma e sem capacitação profissional permanece cerrada a porta para o mercado de trabalho, o que, por sua vez, levanta sérios obstáculos a outros direitos, como a habitação, a saúde, o transporte etc. Perpetua-se, desse modo, a condição de exclusão social.

Nem precisaria acrescentar que semelhante cenário, agravado pela pandemia da Covid-19 e pelo desleixo das autoridades governamentais, escancara o segundo entrave. A educação, vista como um direito estendido a toda a população, por uma parte, e as expressões culturais e artísticas, por outro, sofreram um duplo golpe com o desgoverno

de Bolsonaro. Chega a ser estridentemente ostensiva a atitude de descaso, de escárnio e de indiferença para com os artistas e intelectuais, os representantes da imprensa livre, e qualquer figura que se destaque no universo plural do saber em geral. Pior ainda, os cortes no orçamento, em vista de reservar recursos para sua campanha populista, tendem a recair sobre o campo da cultura. Uma vez mais, um ranço de consequências nocivas, e que vem desde os tempos da “Casa Grande & Senzala” (Gilberto Freire), acompanha e mantém a ideia de que pobre, preto e mulher não precisam estudar. Se as coisas avançaram no caso das mulheres, o mesmo não ocorreu com o apartheid social e racista.

Desembarcamos no terceiro entrave. Muitas palavras e muita tinta já se gastou com o tema do racismo estrutural em sociedades como os Estados Unidos, a África do Sul e o Brasil, entre outros. Ele costuma ser tanto mais difícil de erradicar quanto mais sutil e oculto se manifesta. É o caso típico da formação d’O povo brasileiro. O antropólogo Darcy Ribeiro, aliás, escreve um tratado com esse título para questionar a fundo o mito da “democracia racial”. De acordo com o autor, essa última tem muito de racista e muito pouco de democrática. Movimentos vinculados à consciência negra,

juntamente estudiosos do tema, não se cansam de alertar para o fato histórico de que a Lei Áurea, longe de pôr um fim à situação dos escravos, libertou, isto sim, os senhores do compromisso adquirido. E com indenização para os donos de escravos!

Libertos, mas sem acesso à terra, e tampouco às oportunidades de trabalho que verdadeiramente os pudessem resgatar com justiça e dignidade, os trabalhadores negros tornaram-se “livres”

na dupla acepção de Marx: livres do solo (devido à Lei de Terras de 1850) e livres para vender sua força de trabalho em um contexto de miséria e fome. A CF/2022 tenta pressionar, por políticas públicas substanciais, nos quais educadores e educadoras possam, efetivamente, “falar com sabedoria e ensinar com amor”, coisa que, por outro lado, exige uma atitude de respeito e escuta para com os demais saberes que brotam dos distintos setores da população.

MENSAGEM FINAL DO CAPÍTULO PROVINCIAL 2022 DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ

Santos Dumont, 10 de janeiro de 2022.

Acompanhamos, com indignação, o desmonte do Estado brasileiro. Reconhecemos, na figura do Papa Francisco, a autoridade legítima na condução da Igreja. Solidarizamos-nos com as famílias vitimadas pela chuva

Nós, Frades Menores, estivemos reunidos em Capítulo Provincial, entre os dias 04 e 10 de janeiro de 2022, na cidade de Santos Dumont, MG. Éramos 80 frades, das diversas regiões de Minas, inseridos em diversas frentes de evangelização. Foi, para nós, uma oportunidade de nos encontrarmos como irmãos, unidos ao carisma de Francisco e Clara de Assis, o qual continua a desafiar a humanidade a defender os pobres e sofredores, promover a justiça e a paz, empenhar-se pelas questões socioambientais.

O tema de nosso Capítulo foi inspirado pela Encíclica Fratelli Tutti (2020): “Todos vós sois irmãos” e o lema: “testemunho de esperança para nosso tempo”. Ao final de nossas reflexões, nossas prioridades foram assim escolhidas:

1) Num contexto de crise socioambiental, que nos convoca a escutarmos tanto o grito da terra como o grito dos pobres (LS 49), neste triênio, indica que os frades se dediquem a ações relativas ao cuidado com os vulneráveis e aos princípios da ecologia integral (agroecologia, sustentabilidade, produção alternativa de energia etc.);

2) A complexidade da comunicação exige-nos priorizar interações humanas e humanizadoras. Para isso, é preciso que a PSC se

empenhe no 'desenvolvimento de relações interpessoais autênticas' (FT 43) e busque capacitar os frades e os leigos, que evangelizam conosco, para o melhor uso das novas mídias digitais, a fim de sermos testemunhas de esperança para o nosso tempo.

Nosso Capítulo foi celebrado ainda no contexto de Pandemia da Covid-19, que ceifou a vida de milhares de homens e mulheres mundo afora e que, no Brasil, vitimou, até o presente momento, 620 mil vidas. Como Irmãos Menores, defendemos a vacinação para toda a população e a transparência nos gastos públicos. De maneira alguma

compactuamos com a corrente negacionista e a polarização ideológica em torno da vacinação. Defendemos acesso e possibilidades para todos, numa sociedade justa, fraterna e sem preconceitos.

Acompanhamos com indignação o desmonte do Estado brasileiro, o descaso para com a vida, as prioridades dadas à economia neoliberal, em detrimento da fraternidade e do bem comum. Como se não bastasse a dor pelas perdas causadas pela Pandemia, vemos o Brasil regressar ao mapa da fome, o aumento no desemprego, a carestia e a inflação. Fiéis ao Evangelho e ao carisma



franciscano, defendemos a cultura da paz e não do armamento, do perdão e não do ódio, com vida digna para todas as pessoas.

Reconhecemos, na figura do Papa Francisco, a autoridade legítima na condução da Igreja Universal. Com ele, sonhamos uma Igreja pobre com os pobres, em saída, atenta aos sinais dos tempos, sinodal, contra todo clericalismo e autoritarismo.

Solidarizamo-nos com as famílias vitimadas pela chuva, sobretudo no norte de Minas e Sul da Bahia, locais onde estivemos e estamos presentes em nossas fraternidades. Durante o Capítulo, as chuvas acometeram a região metropolitana de

Belo Horizonte, como a região do Citrolândia- Colônia Santa Isabel- Betim-MG e houve o triste deslocamento do bloco de rocha na represa em Capitólio. Imploramos ao Deus de misericórdia que dê às pessoas atingidas a resiliência necessária para seguir adiante.

Em Jesus Cristo, nosso Mestre e Senhor, em Francisco, o Irmão Universal, em Clara de Assis, modelo de fé e esperança, saudamos a todos vocês que estiveram unidos a nós em oração e agradecemos as tantas mensagens de carinho que nos enviaram.

Fraterno abraço, de seus irmãos Menores, da Província Santa Cruz.

A PRÁTICA DA LIDERANÇA CONSTRUTIVA NA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

IR. JARDELINO MENEGAT¹

Falar de liderança para a Vida Religiosa Consagrada é um desafio, pois sabemos que muitas pessoas desse grupo desempenham ou desempenharam funções de liderança em suas próprias congregações religiosas, e por isso possuem larga experiência e vivências neste serviço.

Mais do que uma pesquisa acadêmica sobre liderança, queremos oferecer algumas contribuições a partir da minha prática e vivências ao longo dos anos em diferentes instâncias da congregação religiosa da qual faço parte e da Igreja. São quatro

as atitudes que considero importantes para termos presente no serviço de liderar nos dias de hoje: ESCUTAR, DELEGAR, CONFIAR E ACOMPANHAR.

1. ESCUTAR

Muitos de nós sabemos como iniciar uma conversa e expressar nossas ideias, mas talvez não nos permitamos facilmente escutar o que os outros têm a dizer, pois não damos o tempo para o outro falar e tornar conhecidas as suas experiências.

Escutar é uma habilidade importante para qualquer líder, independentemente da organização à qual pertença. No entanto, escutar é uma habilidade

1 Irmão Lassalista, atualmente Reitor do Unilasalle do Rio de Janeiro, Colégio La Salle Abel e da Escola La Salle Rio de Janeiro. Palestra proferida para as coordenações das Regionais da Conferência dos Religiosos do Brasil, no dia 13 de novembro de 2021, por videoconferência.

difícil de dominar, pois exige que estejamos presentes, atentos, engajados, abertos e flexíveis para com o outro.

A atitude de escutar constitui a base de bons relacionamentos, pois demonstra que nós nos importamos com os outros. A empatia e a escuta do outro andam de mãos dadas. A Vida Religiosa Consagrada hoje, mais do que nunca, quer ser ouvida, respeitada e acolhida. Portanto, a liderança precisa estar aberta a isso e ser porto seguro para muitos que nos procuram e esperam de nós, muitas vezes, apenas uma palavra, um olhar fraterno e amoroso.

Escutar é a melhor maneira de conhecer as necessidades dos outros e fortalecer a convivência fraterna. A liderança na Vida Religiosa Consagrada precisa encorajar os(as) religiosos(as) a se entregarem por inteiro à vida e à missão. Creio que esta é uma das grandes e importantes missões que a liderança tem a partir da sua nomeação ou eleição.

Mas, como escutar mais e melhor? Escutar é uma habilidade difícil de aprender. Requer que estejamos mais presentes, atentos, engajados, abertos e flexíveis em relação aos outros. Tudo isso para o benefício de construir relacionamentos melhores com os outros e realizar com eficácia a liderança que nos cabe como consagrados(as).

A escuta atenta é uma maneira de ouvir e responder a outra pessoa por inteiro. A escuta requer de nós concentração plena na outra pessoa, isto é, com todos os nossos sentidos. Escutar significa adentrar no mais íntimo da outra pessoa, pois essa atitude fortalece a confiança que o outro tem para conosco.

Quando uma pessoa estiver falando, aproveite o tempo para realmente ouvi-la, em vez de focar no que você quer dizer como resposta. Escutar primeiro para entender o ponto de vista da outra pessoa nos ajudará a construir um relacionamento mais pleno com o outro, além de compreendê-lo.

Escutar os(as) religiosos(as) demonstra o compromisso da liderança. Isso mostra que quem está exercendo a função de liderar se importa com os(as) Religiosos(as). Porém, para isso é preciso estar abertos a novas ideias e à construção de relacionamentos que favoreçam a realização da missão da Vida Religiosa Consagrada.

Os que exercem a liderança podem mostrar esse nível de envolvimento oferecendo aos(as) religiosos(as) o máximo de atenção. Portanto, ouçam suas palavras e estejam atentos às suas atitudes e reflitam sobre elas.

Às vezes nem é necessário emitir opiniões pessoais sobre

o assunto em questão, bastando apenas ouvir e dar a devida importância à presença do outro. Demonstrar esse nível de envolvimento nos ajuda a crescer como líderes e gera confiança, envolvimento e comprometimento com a Vida Religiosa Consagrada e, principalmente, nos faz saber que ninguém espera de nós qualquer tipo de julgamento sobre aquilo que a pessoa está nos confidenciando.

Nosso coração deve estar aberto e disposto a receber tudo o que o outro quer oferecer e disposto a retribuir somente em forma de acolhida, respeito e compaixão.

2. DELEGAR

Outra atitude importante para a liderança é saber delegar. Delegar é ter a capacidade de atribuir poder a alguém para nos representar e realizar tão bem, ou até melhor, o que nós realizamos.

Desenvolver a capacidade de delegar não é algo que ajuda somente à liderança, mas também permite o desenvolvimento dos(as) religiosos(as) consagrados(as) que são seus liderados.

Muitas lideranças, principalmente na Vida Religiosa Consagrada, apresentam dificuldades em delegar, pois acreditam que podem desenvolver

todas as atividades com mais qualidade, agilidade e empenho do que delegar para outras pessoas. No entanto, parece que existem outras situações que denominamos de ego e medo, isto é, falta de confiança no outro.

Entretanto, delegar deve fazer parte da rotina de trabalho de toda a liderança da Vida Religiosa Consagrada, a fim de motivar e desenvolver as habilidades dos(as) religiosos(as). Sendo assim, delegar não é somente transmitir tarefas, mas é construir um elo encorajador, de confiança, de partilha e que seja animador para a Vida Religiosa Consagrada.

3. CONFIAR

Vivemos em uma época de muitos desafios e mudanças em nossa rotina de vida e de trabalho. Se por um lado a insegurança e a ansiedade aumentaram em nosso tempo, por outro temos que respirar e enxergar oportunidades para repensar as funções e atribuições da liderança na Vida Religiosa Consagrada, sobretudo a importância de humanizar as relações e confiar nas pessoas.

Acreditamos que a liderança na Vida Religiosa Consagrada precisa assumir o seu papel de protagonismo com ousadia e perspicácia. Para começar, é preciso livrar-se do micro

gerenciamento de atividades do dia a dia, isto é, não se preocupar somente com os eventos, as atividades e ações, mas cuidar, respeitar, valorizar e confiar nos(as) religiosos(as) da própria congregação.

É preciso estabelecer relações mais leves, genuínas e agradáveis na Vida Religiosa Consagrada, sendo para isso necessário, e cada vez mais indispensável, criar um ambiente fértil para fortalecer a união entre os(as) religiosos(as). Não somos concorrentes e todos nós estamos trabalhando para o Reino de Deus, não para o nosso próprio reino.

A relação de confiança permitirá que a liderança possa desempenhar suas funções essenciais de coordenar, animar, definir direção e criar um bom clima entre os(as) religiosos(as) de sua congregação. Além disso, permitirá o fortalecimento das relações mais humanizadas e humanizadoras entre os(as) religiosos(as) consagrados(as). Escutar com empatia e aceitar que todos(as) somos frágeis nos permite respeitar as individualidades de cada um(a).

Enfim, é preciso ter ousadia, confiança e coragem para liderar em nossa época. Acreditamos que a falta de vocações e o envelhecimento da Vida Religiosa Consagrada anteciparam o

futuro e deixaram ainda mais latente a necessidade de pensarmos e buscarmos as melhores alternativas para animar e dinamizar a Vida Religiosa Consagrada em nossas congregações religiosas.

Parece que hoje necessitamos humanizar as nossas relações. Delegar responsabilidades, confiar nas pessoas e estar presente, mesmo que distante, deve ser a tônica da liderança de hoje e de amanhã. Este tempo nos exige que sejamos melhores no amor, na fraternidade e na solidariedade.

4. ACOMPANHAR

Hoje, a Vida Religiosa Consagrada carece de lideranças, e por causa disso muitos(as) religiosos(as) não se comprometem tanto na vida e na missão, nem mesmo nas próprias comunidades e obras da Congregação. Talvez isso seja uma das razões por que em muitos lugares a Vida Religiosa Consagrada e a missão estão definhando.

Não é o suficiente apenas delegar tarefas, esperar e cobrar resultados. É preciso orientar, acompanhar e servir.

A liderança da Vida Religiosa Consagrada deve reunir os(as) religiosos(as) e interagir com eles(as), sendo comunicativos e

atenciosos. A liderança precisa transmitir segurança e encantamento para a Vida Religiosa Consagrada.

Acompanhar não é vigiar, mas é procurar saber como os(as) religiosos(as) estão se sentindo. Nunca é demais perguntar como se sentem na comunidade, na congregação e na missão. Encontros de partilha de vida e de oração são de grande importância e motivadores para a vida dos(as) religiosos(as).

Acompanhar é servir, é fazer com que os(as) religiosos(as) se sintam felizes e orgulhosos em pertencer à Vida Religiosa Consagrada, à congregação, à província e à comunidade religiosa. A Vida Religiosa Consagrada necessita de bons líderes que encantem, surpreendam e motivem seus colegas.

Para refletir:

- Diante de um problema, de um desafio na sua congregação, qual a atitude que normalmente você toma?
- Quais atitudes você considera importantes para uma boa liderança na Vida Religiosa Consagrada de hoje?
- Das quatro atitudes da liderança na Vida Religiosa Consagrada apresentadas no texto acima, qual delas você considera a mais importante para uma liderança religiosa?



EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *VITA CONSECRATA* E MUDANÇA DE PARADIGMA

CECILIA TADA¹

Resumo

A Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata* vem citada, nos diversos documentos posteriores à sua publicação, como um ponto

¹ Cecilia Tada é membro Congregação das Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Teresa do Menino Jesus. Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma com especialização em Metodologia Pedagógica. Doutora em Teologia da Vida Consagrada pelo Instituto de Teologia de Vida Consagrada – Claretianum, junto à Pontifícia Universidade Lateranense de Roma. Fez o curso de Postuladores promovido pela Congregação das Causas dos Santos. Ocupou diversos cargos de responsabilidade na Congregação. Fez parte da Equipe Executiva do Conselho Missionário de São Paulo – COMIRE e foi Assessora Nacional da Comissão Episcopal para a Amazônia – CNBB. Realizou uma pesquisa científica sobre a origem e história da sua Congregação.

de referência para os próximos anos, qual marco de um antes e um depois, definindo com firmeza e clareza a identidade da vida consagrada nos tempos de “mudança de época”, impondo uma mudança radical de modelos formativos.

Com breves acenos aos contextos desse percurso, o artigo adentra os meandros da compreensão do projeto que integra as dimensões espirituais e antropológicas, procurando revisitar o modelo de integração.

Palavras chaves: nova cultura de formação – modelo de integração – atitude docibilis

Introdução

Testemunhas da Beleza de Deus é o cabeçalho da Nota,² referindo-se à vida consagrada, em comemoração ao 25º aniversário (25 de março de 1996), da publicação da Exortação Apostólica Vita Consecrata (VC) de São João Paulo II, fruto da reflexão da IX Assembleia de Sínodo dos Bispos, celebrada em outubro de 1994.

Nos tempos de mudança de época, caracterizada pela incerteza de uma sociedade líquida, o documento definiu com firmeza e clareza a identidade da Vida Consagrada: “um ícone de Cristo transfigurado” (VC 14) que revela a glória do Pai no esplendor do Espírito.

No documento, a ideia de relação aparece com força, porque gerada no, e pelo Mistério de Deus comunhão trinitária, alcança o seu ponto fascinante e crucial, ao mesmo tempo, quando se toma em consideração o tema da formação, qual marco de um antes e depois da Vita Consecrata, tratando-se de um processo a envolver não somente os iniciantes na caminhada, mas, sobretudo, os “estabilizados” guias do percurso.

É esse o gancho que utilizamos para compreender melhor o projeto entusiasmante que integra,

2 CIVCSVA, Cidade do Vaticano, 25 de março de 2021.

admiravelmente, as dimensões espirituais e antropológicas. É tentar procurar entrar em uma nova cultura de formação contínua, permanente, qual processo de conversão, e continuar sendo sinal e profecia na Igreja e no mundo.

Relevando as principais chaves de leitura, a Nota afirma que o documento Vita Consecrata deve continuar sendo um ponto de referência também para os próximos anos, juntamente com os documentos do Magistério e da CIVCSVA³.

Uma boa chamada e uma oportunidade para quem não se embebeu, ainda, do espírito do documento é a proposta pedagógica e metodológica intrínseca à concepção do processo formativo que facilitaria conduzir as pessoas consagradas ao topo do percurso, isto é, alcançar a soleira da própria identidade de consagrados e consagradas.

Aceno à contextualização do percurso

O Concílio Ecumênico Vaticano II, qual ação do Espírito Santo, propôs inovar a Igreja em todos os âmbitos da vida eclesial. Como porção da Igreja, a vida consagrada religiosa,

3 CIVCSVA: Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica.

como todas as outras instâncias, foi convocada para uma renovação geral, discernindo e atualizando-se com fidelidade criativa. Uma sucessão de instruções, declaração, encíclicas foram publicadas, especificamente, endereçadas à vida consagrada: *Perfectae Caritatis*, *Evangelica Testificatio*, *Ecclesiam Suam*, *Mutuae Relationis* etc ... além dos capítulos dedicados nas Constituições do Concílio à vida religiosa consagrada.

Em meados de 1970, com a evasão de religiosas, religiosos e presbíteros, Pe. Luigi Rulla, Jesuíta psiquiatra e psicólogo italiano, idealizador do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, realizou uma pesquisa prolongada com o objetivo de saber se a formação oferecida nos seminários e institutos fazia com que os padres e religiosos se tornassem psicologicamente mais saudáveis e amadurecidos que as demais pessoas, por meio de estudo comparativo de jovens seminaristas, diocesanos e religiosos, com outros jovens não seminaristas, de idade semelhante, em diferentes países. Resultou que, do ponto de vista da saúde mental, há grande semelhança entre os ministros ordenados e a população em geral. Rulla apresentou a teoria da “autotranscendência na consistência”, desenvolvida a partir

O Concílio Ecumênico Vaticano II, qual ação do Espírito Santo, propôs inovar a Igreja em todos os âmbitos da vida eclesial. Como porção da Igreja, a vida consagrada religiosa, como todas as outras instâncias, foi convocada para uma renovação geral, discernindo e atualizando-se com fidelidade criativa.

da Psicologia do Profundo, que consiste na busca contínua da superação do eu atual como caminho de realização do eu ideal, por meio da internalização de valores transcendentais. A Escola existe desde 1971.

De 2 a 29 de outubro 1994, foi realizada a 9ª Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos sobre a Vida Consagrada e, em 1996, vem publicada a Exortação pós-sinodal *Vita Consecrata*, convocando todas as instituições a se adequarem às novas orientações. O documento segue três dimensões fundamentais da vida consagrada, aludindo-se à Trindade (é uma confissão, consagração), à Igreja (realiza a comunhão) e ao mundo (desempenha um serviço de caridade). Por isso, a

vida consagrada constitui-se em confissão/consagração, comunhão e serviço.

Mais de meio século dista o influxo da Escola de Rulla e de tantos outros que refletiram sobre as causas das evasões, propondo novos horizontes, da intervenção do Papa Francisco, no seu discurso em 28 de janeiro de 2017, na Plenária da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica: *“Podemos dizer que neste momento a fidelidade é posta à prova; (...) Estamos diante de uma “hemorragia” que debilita a vida consagrada e a própria vida da Igreja. Os abandonos na vida consagrada preocupam-nos. É verdade que alguns deixam por motivo de coerência, depois de um discernimento sério, que nunca tiveram vocação; mas outros, com o passar do tempo, não respeitam a fidelidade, muitas vezes poucos anos depois da profissão perpétua. O que aconteceu?”*⁴.

Como eco à voz do Papa, a CIVCSVA publicou, em 2020, Orientações - O Dom da fidelidade, a alegria da perseverança.

Em busca de resposta aos desafios

O documento Vita Consecrata define que o fim da vida

⁴ CIVCSVA, *O dom da fidelidade, a alegria da perseverança*, 2, São Paulo: Paulinas, 2016.

“Podemos dizer que neste momento a fidelidade é posta à prova; (...) Estamos diante de uma “hemorragia” que debilita a vida consagrada e a própria vida da Igreja. Os abandonos na vida consagrada preocupam-nos. É verdade que alguns deixam por motivo de coerência, porque reconhecem, depois de um discernimento sério, que nunca tiveram vocação; mas outros, com o passar do tempo, não respeitam a fidelidade, muitas vezes poucos anos depois da profissão perpétua. O que aconteceu?”

consagrada consiste na configuração com o Senhor Jesus e com a sua oblação total (VC 65). Trata-se de um itinerário de progressiva assimilação dos sentimentos (pensar, raciocinar, sentir, agir) de Cristo para com o Pai. Para se chegar a essa finalidade previu-se um caminho, a necessidade de método adequado, rico de sabedoria espiritual e pedagógica, que leve progressivamente a assumir os sentimentos de Cristo Senhor, quem aspira a consagrar-se (VC 68).

Em 1998, foi publicado o livro *Os Sentimentos do Filho – caminho formativo na vida consagrada*, de Amedeo Cencini. Seguiram-se muitas outras publicações, também de outros autores.

Passados cinco anos da publicação da VC, com a Instrução *Partir de Cristo* (2001), a CIVCSVA insiste sobre a dimensão cristológica e eclesial da vida consagrada, numa perspectiva teológico-trinitária. Continua exortando todos os institutos de vida consagrada e religiosa a aprofundar e levar à prática o documento *Vita Consecrata*, que permanece como ponto de referência mais significativo e necessário para guiar o caminho de fidelidade e de renovação.

Diante da ausência, em alguns casos, e morosidade, em outros Institutos, em dar passos para a renovação, com a Carta apostólica às Pessoas Consagradas, o Papa Francisco proclamava o ano de 2015 o Ano da Vida Consagrada.

O Ano fora recheado com cartas circulares, nas quais foram apontadas realidades concretas, seus problemas, carências, fragmentação e lacunas, com propostas e indicações práticas para viabilizar passos em vista da revitalização: *Alegrai-vos* (31), *Perscrutai* (35), *Contemplai* (41), *Anunciai* (43), *Para vinho*

novo, odres novos (46), *O dom da fidelidade e alegria da perseverança* (54).

O Doc. 54 (n.11) enfatiza que, ainda, permanece aberto o caminho da superação de uma mentalidade que vê situações problemáticas quase obscurecidas pelo temor ou na relutância em expor as fraquezas. E, continua sublinhando que, em contraposição, assiste-se impotente, ao fenômeno do “terrorismo das fofocas”⁵ que não ajuda a construir um clima de serena e respeitosa convivência.

No nosso corpo, quando o mal não é extirpado pela raiz, ele continua minando a saúde do sujeito, expondo-o a um estado de degradação, até levar à perda total de vitalidade, conduzindo-o à morte. No caso de Instituição, que é também corpo formado de indivíduos, na sua diversidade, sofre também, atingindo-se a coletividade toda com o mal, também até à morte, isto é, o seu fechamento total. Geralmente, quem está na gestão do Instituto, como equipe de coordenação, não gosta de admitir problemas e, por isso, evita todo tipo de questionamento; “prefere a

5 Em um encontro descontraído, em visita ao país indiano (Bangladesh), o Papa Francisco pediu aos padres e freiras que atentassem para o perigo do terrorismo das fofocas. Quantas comunidades religiosas já foram destruídas por causa do espírito das fofocas? Por favor, mordam a língua, disse.

comodidade doméstica à vida nova de Deus” conforme diz o Papa Francisco⁶.

Modelo de integração⁷ – uma proposta formativa a ser sempre revisitada

É o modelo mais adequado para o caminho formativo, inicial e permanente, para ser “a pedra angular” da própria vida e da própria pessoa. Trata-se de uma clara superação do conceito e da prática dos modelos anteriores: modelo de perfeição; modelo da observância comum; modelo da autorrealização; modelo da autoaceitação e módulo único.

O modelo de integração, como a própria palavra já expressa, é a integração entre perspectiva psicológica e a teológica. Trata-se de um modelo que manifesta o melhor acordo entre as ciências humanas e as disciplinas da formação espiritual, estando juntas a ideia teológica e a psicológica.

O processo de integração vem descrito como capacidade de construir e reconstruir, compor e recompor a própria vida e o próprio eu em torno de um centro vital e significativo, fonte

de luz e calor, no qual se podem encontrar a própria identidade e verdade e a possibilidade de dar sentido e realização a todo fragmento da própria história e da própria pessoa, tanto para o bem como para o mal, para o passado e para o presente, num movimento constante e centrípeto de atração progressiva.

Esse centro, para o crente, é o mistério pascal, a cruz do Filho, que, elevado da terra, atrai a si todas as coisas (cf. Jo 12, 32). Toda a vida daquele que crê se torna uma tensão constante para o mistério pascal, que dá sentido a tudo, procurando atrair a esse centro gravitacional todo fragmento de vida vivida e a própria humanidade, entrando no seu interior para receber dele luz e calor.

É evidente a natureza composta do modelo, no qual são identificáveis um esboço fundamental teológico e um dinamismo psicológico.

Aplicação prática

Podemos dizer que para a sua aplicação prática, esse modelo supõe, em primeiro lugar, uma atitude de fé na vida, à luz dos mistérios revelados em Jesus Cristo, que vai ocupando cada vez mais o próprio centro, morada da sua identidade – verdade que define a si mesmo,

6 FRANCISCO, Homilia por ocasião da Solenidade de Pentecostes. Cidade do Vaticano, 20 de maio 2018.

7 A. CENCINI, Os Sentimentos do Filho, caminho formativo na vida consagrada, São Paulo: Paulinas, 2002; A árvore da vida, proposta de modelo de formação inicial e permanente, São Paulo: Paulinas, 2007; Formação Permanente, acreditamos realmente?, São Paulo: Paulus, 2012.

conferindo-lhe o sentido do seu viver e do morrer, do amar e do sofrer, do gozar e do trabalhar. É preciso prover a lacuna deixada por uma catequese doutrinal, pobre na dimensão experiencial do mistério na oração pessoal, nas celebrações dos sacramentos e nas liturgias, muitas vezes, voltadas à exteriorização do rito com detalhes acidentais.

Supõe, também, uma visão antropológica do ser humano, que nasce incompleto, e depois composto e articulado, marcado desde o começo e em todo o seu componente por uma dialética ontológica, intrínseca à mesma vida.

O modelo de integração viabiliza o processo de crescimento e de maturação da pessoa, promovendo o autoconhecimento em chave psicológica e teológica. Em outras palavras, podemos dizer, neste caso, que o autoconhecimento deverá resultar da leitura da própria realidade humana e psicológica em chave teológica, seguindo, pacientemente, o próprio crescimento e transformação, procurando encarnar os itinerários educativo e formativo propostos pela instituição, para se chegar à meta indicada.

Percepção das realidades

São duas as realidades que devem, antes de tudo, ser percebidas e acompanhadas pelas

próprias protagonistas e também pelos formadores. A primeira é a realidade da pessoa humana, em todas as dimensões: física e mental, psicológica e emocional, afetiva e sexual. A segunda, trata-se da solidez da fé traduzida no conhecimento e na prática dos princípios e valores cristãos encarnados na vida.

As operações complexas e trabalhosas resultantes da vertente humana, psicológica e hermenêutica, ajudam-nos a compreender o sentido do projeto do Pai, para que se cumpra em nós. E as mesmas respondem, do ponto de vista psicológico, as três exigências do ser humano ligadas à riqueza do mundo interior:

- a) A exigência de descobrir e dar sentido à própria história, passado e presente, e à própria pessoa, em cada um de seus componentes, ao bem e ao mal, que são parte de toda a vida: a necessidade de verdade, de logos;
- b) A exigência de ter um centro de atração em torno do qual unificar as forças vivas da afetividade, da capacidade de relação e alteridade, da sexualidade, da fecundidade humana, numa palavra, do eros;
- c) A exigência de que tal fonte de verdade para a mente, mas que atrai também o coração, seja centro de tração que sai-

ba, ao mesmo tempo, dar unidade e colocar em movimento todo o aparato psíquico e lhe dê força e determinação para escolher e projetar responsabilmente a vida: a dimensão do pathos.

É evidente a correspondência substancial entre essas exigências e o papel e o significado da Páscoa no projeto do Pai. A cruz de Jesus é fonte de sentido e de verdade e, ao mesmo tempo, é sol que atrai poderosamente para si, é energia que estimula e impele, nada como a cruz, dá ao ser humano a certeza de ser amado, mas do mesmo modo, nada como a cruz, provoca a amar, a fazer do amor o critério de toda escolha.

Atitude *docibilis* ou *a docibilitas* – uma conquista árdua no percurso formativo

A formação é ação do Pai, que objetiva formar, em nós, os sentimentos e a sensibilidade do Filho, por isso traz uma série de consequências. A primeira é de natureza psicológica. Se formação quer dizer ter em nós o mesmo coração do Filho, do Servo e do Cordeiro, é evidente que uma ação formativa, desse gênero, não pode, senão, durar a vida toda, deve atingir tal profundidade, estendendo-se por

A exigência de descobrir e dar sentido à própria história, passado e presente, e à própria pessoa, em cada um de seus componentes, ao bem e ao mal, que são parte de toda a vida: a necessidade de verdade, de logos;

A exigência de ter um centro de atração em torno do qual unificar as forças vivas da afetividade, da capacidade de relação e alteridade, da sexualidade, da fecundidade humana, numa palavra, do eros;

A exigência de que tal fonte de verdade para a mente, mas que atrai também o coração, seja centro de tração que saiba, ao mesmo tempo, dar unidade e colocar em movimento todo o aparato psíquico e lhe dê força e determinação para escolher e projetar responsabilmente a vida: a dimensão do pathos.

toda a extensão da vida, pois ela abraça toda a vida porque abraça a pessoa inteira. É o sentido da formação contínua, que não é algo que vem depois da formação inicial, mas, que vem antes, como premissa e fundamento de

todo o itinerário formativo, como útero gerador que o guarda e dá identidade, o orienta e o anima. Não é o noviciado ou o pós-noviciado que forma o consagrado, mas é a vida que forma por toda a vida. Qual a função então da formação inicial?

O serviço da formação tem como objetivo o acompanhamento da pessoa, para que adote uma atitude sapiencial de vida. Para isso, é preciso treiná-la, na cultura do humano, para conduzi-la à plenitude cristã; para permitir-lhe o exercício da reflexão de valores; para ajudá-la a guardar a sacralidade do ser, a fim de que não se gaste em excesso, segundo os valores da eficiência e da utilidade, para evitar que transforme o saber cristão em uma constelação de diaconias e de competências técnicas. É necessário focalizar e adotar um estilo de vida que dê forma para um ambiente cujo clima habitual favoreça o olhar sapiencial, atento, amoroso à vida e às pessoas.⁸

O caminho da formação é um caminho de encontro com cada ser humano único e irrepetível, com o seu próprio rosto. É um caminho de comunicação e de comunhão, é um caminho de proximidade.

No âmbito teológico-antropológico, na lógica humano-divina,

teremos que avançar um pouco mais neste processo, acolhendo a necessidade de entrar no processo kenótico, de esvaziamento do próprio EGO, libertando-nos das raízes de todos os males que estão presentes e arraigados em nós e que nos impedem de relacionar-nos com Deus e com os irmãos e irmãs.

Jesus mesmo já dizia: “o que sai do homem, é isso que o torna impuro. Com efeito é de dentro, do coração dos homens que saem as intenções malignas: prostituições, roubos, assassinio, adúlterios, ambições desmedidas, maldades, malícia, devassidão, inveja, difamação, arrogância, insensatez. Todas essas coisas más saem de dentro do homem e o tornam impuro” (Mc 7, 20-23).

Enquanto alguém vive sozinho, pode acreditar até que é bom. Mas quando estabelece um relacionamento com os outros, então começa a conhecer uma série de monstros que moram dentro dele: o egoísmo e narcisismo, o medo, a desconfiança em relação ao outro, a exigência da posse e a vontade de se impor, a inveja e o ciúme.

No início do itinerário, é fundamental identificar e ajudar a descobrir aquelas resistências e medos que impedem olhar-se dentro e descobrir o próprio mal. Por isso, insiste Cencini: Até que a pessoa não tenha identificado,

⁸ CIVCSVA, *Contemplai*, 56, São Paulo: Paulinas, 2016.

com precisão, a própria fraqueza ou imaturidade, não haverá qualquer percurso educativo em ação, porque o indivíduo, ainda, não sabe onde trabalhar-se. É o critério elementar e mínimo, dos inícios, não do fim. Se não acontece essa identificação do próprio demônio no caminho educativo inicial, não haverá, também, formação permanente. É preciso, antes, educar; depois, é possível formar, com a esperança de chegar, finalmente, a uma transformação.

Para conformar-nos à forma que é Jesus, contemplamos uma atitude básica, fundamental para tornar-nos exegese viva do Evangelho. Basta percorrer os livros sagrados e constatar a transformação dos discípulos e seguidores de Jesus por uma profunda maturidade humana e espiritual.

Quais indicações pedagógicas e metodológicas nos apresentam os peritos da formação desse percurso formativo, vivenciado por Jesus na formação de seus discípulos e seguidores?

A proposta que encontramos, abundantemente, para o nosso estudo é a de “evangelizar a sensibilidade para ser “docibilis”, para aprender a discernir.

Há uma insistente afirmação dos peritos da formação em evidenciar que não é o noviciado ou o pós-noviciado que forma o consagrado, conforme

declarou-se anteriormente, é a vida que o forma por toda a vida. Portanto, o período da formação inicial tem uma função importantíssima, porque procura formar nos jovens a disponibilidade em continuar a deixar-se formar pela vida e por todas as suas provocações educativas.

É a docibilitas, a disponibilidade humilde e inteligente de quem “aprendeu a aprender da vida”. Conforme releva Cencini, essa expressão “da vida” indica quer a própria história – passada e presente – quer a realidade, em geral, mas indica, sobretudo, os outros, as pessoas concretas que a vida colocou ao nosso lado. Aprendeu a deixar-se tocar e a pôr-se em crise pela vida mesma, em todas as suas fases, a deixar-se iluminar e provocar pelos outros, bons e maus, pequenos e grandes, a deixar-se ensinar pelos sucessos e pelos insucessos, pelas situações agradáveis e desagradáveis... A pessoa docibilis não descuida e nem joga fora nada da vida, pois descobriu quanta graça há em cada fragmento da existência e não perde uma oportunidade. Aprendeu a deixar-se formar pela vida por toda a vida, isto é, nada daquilo que fez parte da sua história pessoal é objeto de “chacota,” porque está integrado na sua vida e carregado de sentido e de valência formativa.

Segundo Cencini, Docibilitas é o pleno empreendimento do

espírito, uma forma elevada de inteligência, talvez, a mais elevada, típica de quem não fica à espera de ordens que chovam do alto, mas ele próprio toma a iniciativa de sondar, na realidade, aquela valência e a oportunidade formativa das quais a própria realidade está repleta, e das quais ele tem necessidade para o seu crescimento. É pessoa sábia, que adquire sempre mais o dom e a virtude bíblica da sabedoria. A pessoa *docibilis* é pessoa livre para aprender a aprender a vida da vida por toda a vida. A *docilitas* é atitude interior que se conquista, que se adquire, ninguém nasce *docibilis*

É preciso, no entanto, preparação para isto, livrar-nos de todos os medos, rigidez, suspeitas, resistências com os quais, comumente, defendemo-nos da realidade, dos outros, acabando por não perceber na própria realidade a ação formativa do Pai. É preciso que os jovens aprendam a procurar Deus em tudo, em cada momento e em cada pessoa, na boa e na má sorte, nos pobres e nos fracos, também quando alguém os obrigar a ir para onde não desejem.

O tema continua aberto para ser enriquecido com outros aportes e para ajudar a vida consagrada a resplandecer sempre mais com o seu testemunho da Beleza de Deus.

BIBLIOGRAFIA

- Bíblia de Jerusalém.
- SÃO JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata*, São Paulo, Paulinas, 1996.
- Congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica; *Partir de Cristo*, São Paulo, Paulinas, 2002.
- O dom da fidelidade, a alegria da perseverança, 2, São Paulo, Paulinas, 2016.
- Contemplai, 56, São Paulo, Paulinas, 2016.
- Para vinho novo, odres novos, São Paulo, Paulinas, 2017.
- cencini a, *Os Sentimentos do Filho, caminho formativo na vida consagrada*, São Paulo: Paulinas, 2002;
- A árvore da vida, proposta de modelo de formação inicial e permanente, São Paulo: Paulinas, 2007
- Formação Permanente, acreditamos realmente?, São Paulo: Paulus, 2012.
- I Passi del discernere, Milano, San Paolo, 2019.
- DEL CINQUE S. e SPEZZATI N., *Le donne consacrate e i Giovani*, Milano, Ancora, 2020.
- TRASFERETTI J.A., CASTRO M. I., ZACHARIAS R., (ORGS); *Formação: desafios morais*, São Paulo, Paulus, 2018.
- LARRANãGA (ed.); *La missione dela vita consacrata in un mondo che cambia*, Milano, Ancora, 2020 .

“TODOS IRMÃOS”

Voltar ao essencial

FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR¹

Resumo

Nossos sonhos foram desfeitos em pedaços”, afirma o Papa Francisco na Fratelli Tutti. A dura experiência de duas guerras mundiais e da terceira “guerra aos pedaços” criou um mundo sem projeto, agravado pela pandemia. O artigo, convida-nos a repensar a fraternidade à luz da fé e da missão da Igreja. Trata-se de avaliar a práxis da fraternidade, os desafios do nosso tempo e retornar a essencialidade da vida.

Palavras-chave: fraternidade, fé, pandemia

A Encíclica Fratelli Tutti (FT), do Papa Francisco, “sobre a fraternidade e a amizade social”² é um convite a voltar ao essencial da fé e da missão da Igreja num momento, particularmente, dramático da humanidade. Seu objetivo fundamental é “propor uma forma de vida com o sabor do Evangelho” (FT 1). E, aqui, cada palavra é importante. Trata-se de uma proposta: a fraternidade e a amizade social não são um dado natural, nem algo que se pode impor por autoridade ou

1 Presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte – CE; professor de teologia da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) e do PPG-TEO da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Autor de Teologia em saída para as periferias (paulinas) e Renovar toda a Igreja no Evangelho (santuário).

2 PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica “Fratelli Tutti”: Sobre a Fraternidade e a Amizade Social. São Paulo: Paulinas, 2020.

pela força, mas uma possibilidade que pode ser apropriada ou recusada pelas pessoas e pela sociedade. Está em jogo uma forma de vida: dinamizada pela lógica da fraternidade e da amizade, do encontro e do diálogo, do amor e da inclusão, da solidariedade e da justiça; vivida tanto no âmbito das relações interpessoais, quanto no âmbito da sociedade ou das relações estruturais: economia, política, cultura, religião etc. É uma forma de vida com o sabor do Evangelho: é a dimensão social do Evangelho que não se restringe à interioridade das pessoas (conversão do coração), mas se concretiza nas relações interpessoais e na estruturação da sociedade (transformação da sociedade) ou a dimensão evangélico-espiritual da fraternidade e amizade social, nas quais se concretizam e se expressam nossa comunhão e participação no mistério de Deus que é Amor.

Certamente, há muita coisa importante na vivência da fé e da missão evangelizadora da Igreja que não se pode descuidar: sua expressão litúrgico-sacramental, sua compreensão e formulação teológico-doutrinárias, seus carismas e ministérios, sua organização e gestão institucionais, dentre outros. Tudo isso, é importante e necessário, e precisa ser cuidado e desenvolvido com muito zelo pastoral. Mas o essencial e fundamental é a vivência

da fraternidade e a missão de fermentar e iluminar o mundo com essa “forma de vida com o sabor do Evangelho” (FT 1). Tudo na Igreja deve estar em função disso que é o essencial e fundamental. Não se deve esquecer, jamais, que os sacramentos são sacramentos da fé, que a doutrina é doutrina da fé, que os carismas e ministérios e toda a organização e gestão institucionais estão a serviço da fé e da missão evangelizadora da Igreja e que a fé é “uma forma de vida com o sabor do Evangelho,” que tem como marca ou característica fundamental a fraternidade. Por isso mesmo, ao propor e convocar todas as pessoas para a vivência da fraternidade universal, Francisco de Roma, em profunda sintonia com seu irmão gêmeo de fé, Francisco de Assis, conduz-nos ao centro do Evangelho de Jesus Cristo: “todos irmãos” e recorda-nos o critério fundamental do ser cristão: “Nisso, conhecerão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns para com os outros” (Jo 13,35). A vida cristã ou o modo cristão de ser humano consiste precisamente na fraternidade universal que brota da filiação divina.

É claro que ninguém negaria que a fé tem a ver com a fraternidade, pelo menos no sentido de que ela convida e/ou conduz à fraternidade. O problema é que essa forma de pensar tende

a tomar a fé como algo diferente e anterior à fraternidade (ainda que convide e conduza a ela), identificando-a, normalmente, com ritos e doutrinas (que se tornam o essencial e fundamental). Mas a fé não é confissão de doutrina, nem observância de ritos. É um modo de vida dinamizado e concretizado na relação filial com Deus, e na relação fraterna com os irmãos. A fraternidade é mais que mera consequência da fé. É sua vivência e/ou concretização. É nossa forma de participação no mistério de Deus que é amor ou de vivência da filiação divina: nossa entrega confiante a Deus-Amor se dá na (e se mede pela) vivência do amor fraterno. Não por acaso, João insiste tanto na inseparabilidade do amor a Deus e do amor ao próximo (1Jo 3), e Paulo nos recorda que “em Jesus Cristo, o que vale é a fé agindo pelo amor” (Gl 5,6).

Para ajudar a compreender melhor essa centralidade da fraternidade na fé e na missão cristãs, chamaremos atenção para o dinamismo prático-fraterno da fé e para o desafio e a urgência da fraternidade em nosso mundo.

1. O dinamismo prático-fraterno da fé

Nosso imaginário religioso é marcado por uma tensão fundamental que constitui um

Mas a fé não é confissão de doutrina, nem observância de ritos. É um modo de vida dinamizado e concretizado na relação filial com Deus, e na relação fraterna com os irmãos. A fraternidade é mais que mera consequência da fé. É sua vivência e/ou concretização.

verdadeiro paradoxo: por um lado, aparece como algo inseparável de nossa vida concreta em suas alegrias e tristezas, conquistas e necessidade (ação de graças – súplica); por outro lado, tende a ser identificado com suas expressões rituais e doutrinárias (preceitos e ritos e confissão de doutrina). Tanto que, por mais que a invocação a Deus esteja sempre ligada aos acontecimentos da vida, quando se pensa em religião, Igreja, espiritualidade, mística, relação com Deus, fé, pensa-se logo em confissão de doutrina e prática de ritos religiosos: uma pessoa ou comunidade é considerada mais ou menos religiosa e/ou espiritual pela constância e intensidade na confissão doutrinária e na observância dos preceitos/ritos religiosos; a “dimensão espiritual” da formação, nos seminários e comunidades religiosas, em geral, é compreendida e

medida/avaliada pela constância e pelo tempo dedicado à oração pessoal e comunitária e pela participação na eucaristia. Até a linguagem denuncia: quando se fala de uma manhã ou um dia de “espiritualidade” (e o resto do dia e os outros dias são de que?), fala-se de uma manhã ou um dia de oração; quando se fala de momento da “mística,” nos movimentos populares, fala-se de uma expressão artístico-ritual da luta: canto, poesia, teatro, gesto etc. É como se o religioso/espiritual/místico se identificasse com sua expressão ritual-doutrinal.

Não se trata de negar os aspectos ritual e doutrinal do religioso/espiritual/místico, mas de tomá-los em seu vínculo essencial e constitutivo com o aspecto vivencial-existencial-prático. As doutrinas e os ritos religiosos – quando não degeneram em doutrinanismos e ritualismos estéreis (tentação e perigo permanentes das religiões!) – são expressão e mediação ritual-doutriniais de autênticas e fecundas vivências ou experiências ou práticas religiosas. Mas não se pode identificar o religioso/espiritual/místico com doutrinas e ritos. Não há um “momento/dia” de espiritualidade ou de mística, o que não significa dizer que momentos de oração/celebração e formação não sejam importantes e necessários. Mas o espiritual/místico não se identifica com isso nem se

reduz a isso. É a dimensão profunda da vida que diz respeito a todas as dimensões e as envolve com todas as circunstâncias e todos os momentos da vida. É a vida toda vivida/configurada a partir de seu fundamento ou de seu princípio ou de seu dinamismo último.

No cristianismo, as expressões “espiritual” e “espiritualidade” remetem à ação e à experiência do Espírito Santo, que é o Espírito de Jesus de Nazaré. Não se pode falar do Espírito Santo e de vivência espiritual independentemente e/ou em contraposição a Jesus de Nazaré. O Espírito faz em e através de nós o que fez em e através de Jesus (Lc 4,18-19; At 10,38). Como vemos, no Evangelho segundo João, a missão do Espírito é ensinar e recordar o que Jesus disse (Jo 14,26), dizer/explicar o que ouviu/recebeu de Jesus (Jo 16,13-14), dar testemunho de Jesus (Jo 15,26). A vida de Jesus é o critério e a medida do discernimento espiritual (1Cor 12,3; 1Jo 4,1-3). Está em jogo, aqui, um modo concreto de vida, isto é, uma forma de viver e configurar a vida.

Como ensina Ulpiano Vázquez Moro, “o que caracteriza a espiritualidade cristã não é sublimidade do imaterial, porque o Espírito não se opõe ao mundo, mas o vivifica. O Espírito não foge do mundo, mas desce por

sobre as realidades para santificá-las. O Espírito não se refugia no intimismo, mas abre o interior para expandir-se, dilatando-o. Aquele que, segundo Agostinho, tem como nome próprio a palavra Dom, manifesta seu poder na capacidade que Ele nos dá de seguir Jesus, saindo de nós mesmos para a doação ao outro. Nesse sentido, a experiência espiritual é uma experiência ética. A sua intencionalidade visa ao amor, à bondade e à justiça, e não, primo ictu, à beleza ou à verdade. Não porquê elas sejam secundárias, mas porque, no ser humano, devem ser segundas em relação ao amor que é, inseparavelmente, amor a Deus e amor ao próximo"³.

Ulpiano, fala, aqui, de "uma experiência 'exodal', uma experiência de saída ou de trânsito: pascal", recordando que Inácio de Loyola "resumia o progresso espiritual em três êxodos: 'sair do próprio amor, do próprio querer e do próprio interesse' (EE 189) e propunha como critério de discernimento espiritual o fato de 'olhar mais a necessidade dos outros do que o meu próprio desejo'"⁴.

3 MORO, Ulpiano Vázquez. "Padecer e saber". *Perspectiva Teológica* 48 - Suplemento (2016), p. 15.

4 Ibidem. Esse critério de discernimento espiritual proposto por Inácio de Loyola aparece na carta escrita à Soror Teresa Rajadell, do mosteiro de Santa Clara em Barcelona, em 18/01/1536; uma carta que sempre foi considerada como comentário

Formado nessa escola/tradição espiritual de Inácio e retomando pontos fundamentais da reflexão filosófico-teológica de Tomás de Aquino e Karol Wojtyła, Francisco insiste na encíclica *Fratelli Tutti* que "o ser humano se faz de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude 'a não ser por um sincero dom de si mesmo' aos outros" (FT 87). Enquanto ser de relação, só existe na relação e só se realiza no encontro com os outros: "Feitos para o amor, existe em nós 'uma espécie de lei de 'êxtase': sair de si mesmo para encontrar nos outros um acréscimo de ser'" (FT 88). Quando esse dinamismo antropológico de "êxtase" é assumido/vivido, de modo saudável, e, conseqüente, não nos fecha em determinados círculos de relação nem muito menos nos fecha a outros grupos e pessoas, mas, pelo contrário, abre-nos e capacita-nos a "sair de nós mesmos até acolher a todos" (FT 89).

No fundo, esse "dinamismo de abertura e união para com as outras pessoas" não é outra coisa senão "a caridade infundida por Deus" em nós (FT 91). É Deus mesmo agindo/amando em nós: Deus que é Amor amando-nos

e aplicação das regras do Discernimento dos Espíritos e notas sobre os escrúpulos, dadas por Inácio nos Exercícios (Cf. CARDOSO, Armando (org.). *Cartas de Santo Inácio de Loyola: As Primeiras Cartas de uma Vida Nova*. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 1988, p. 40-45, aqui p. 45).

e amando em nós ou através de nós (1Jo 4,7-21). Daí, seu caráter espiritual no sentido mais estrito, radical e pleno da palavra. A tal ponto, diz Francisco, que “a estatura espiritual de uma vida humana é medida pelo amor” – “o maior perigo é não amar” (FT, 92)!

Procurando explicar melhor no que consiste essa “experiência do amor”, que “Deus torna possível com sua graça”, Francisco fala com Tomás de Aquino de “um movimento que centra sua atenção no outro, ‘considerando-o como um só comigo mesmo’” (FT 93), e que “impele-nos a procurar o melhor para sua vida” (FT 94). Esse movimento “colocamos em tensão para a comunhão universal”, uma vez que, “por sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, uma maior capacidade de acolher os outros, em uma aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno da mútua pertença [...]: ‘Todos vós sois irmãos’” (FT 95). Ele “promove as pessoas” (FT 106-111) e o “bem moral” (FT 112-117) e reconhece a “função social da propriedade” (FT 118-127), assegurando “os direitos humanos, pessoais e sociais, econômicos e políticos, incluindo os direitos das nações e dos povos” (FT 122). E tem nos caídos à beira do caminho (pobres, marginalizados, sofredores) seu critério e sua medida ético-escatológicos,

como bem indica a parábola do bom samaritano: “Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano. Qualquer outra opção nos deixa ou com os salteadores ou com os passamos ao largo, sem se compadecer com o sofrimento do ferido na estrada” (FT 67); “a inclusão ou exclusão da pessoa que sofre na margem da estrada define todos os projetos econômicos, políticos, sociais e religiosos” (FT 70); “quando se trata de recomeçar, sempre há de ser a partir dos últimos” (FT 235).

Tudo isso nos ajuda a compreender que a vida espiritual ou a espiritualidade ou a fé, mais que observância de preceitos/ritos e confissão de doutrina, diz respeito a um modo de vida: seguimento de Jesus ou vida segundo o Espírito de Jesus. Tem, sem dúvida, uma dimensão ritual-doutrinal (expressão e mediação), mas, em última instância, consiste numa forma de vida que nos torna afins com Deus e com os irmãos (vivência). De modo que a fraternidade, mais que mera consequência da fé, é o modo mesmo de viver a fé, uma vez que o amor a Deus se vive e se mede no amor aos irmãos. É o caráter e o dinamismo prático-fraternal da fé. A tal ponto, vale repetir, que “a estatura espiritual de uma vida humana é medida pelo amor” – “o maior perigo é não amar” (FT 92)!

2. Desafio e urgência da fraternidade em nosso mundo

Ao mesmo tempo em que caracteriza a espiritualidade ou a fé cristã (“forma de vida com o sabor do Evangelho”), a fraternidade aparece como o desafio e a urgência maiores de nosso mundo (“um mundo fechado”). A própria encíclica Fratelli Tutti é apresentada como “humilde contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras” (FT 6). Seu objetivo fundamental é convidar/provocar para a vivência da “fraternidade e amizade social”. E seu contexto é “as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros”. Está em jogo, aqui, a missão permanente da Igreja que é viver e propor “uma forma de vida com o sabor do Evangelho” (fraternidade) no contexto de um “mundo fechado” (egoísmo).

No primeiro capítulo da encíclica, intitulado “as sombras de um mundo fechado”, Francisco chama atenção para “algumas tendências do mundo, atual, que dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal” (FT 9). Mostra como, nas últimas décadas, foi se desenvolvendo e se

impondo um modo de conceber, dinamizar e organizar a vida que, além de transformar os esforços de pacificação, integração e desenvolvimento econômico-social pós Segunda Guerra Mundial em “sonhos desfeitos em pedaços” (FT 10-14), criou um mundo “sem um projeto para todos” (FT 15-28), desenvolveu “globalização e progresso sem um rumo comum” (FT 29-31), revelado e agravado com “pandemias e outros flagelos da história” (FT 32-36), deixou muita gente “sem dignidade humana nas fronteiras” (FT 37-41), produziu a “ilusão da comunicação” (FT 42-50) e gerou “sujeições e auto-depreciação” (FT 51-53).

Ao longo da encíclica, essas “tendências do mundo atual que dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal” (FT 9) vão sendo retomadas e concretizadas em diferentes contextos e em referência a diferentes problemas e desafios. Mas as indicações, feitas no primeiro capítulo, são suficientes para percebermos que não se trata de uma questão pontual fácil de se entender e, menos ainda, de se resolver. Está em jogo uma forma de conceber e configurar a vida humana em todas as suas dimensões, dinamizada pela lógica do mercado: lucro, concorrência, consumo, sucesso, mérito. Não nos iludamos nem simplifiquemos a questão. O problema é o modelo/padrão

de civilização ou de sociedade que se impôs no mundo: “um modelo econômico fundado no lucro que não hesita em explorar, descartar e até matar o homem” (FT 22); uma “política cada vez mais frágil perante os poderes econômicos transnacionais” (FT 12); uma cultura, na qual “esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade” e “reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada” (FT 30). Tudo isso, leva a um mundo em que “partes da humanidade parecem sacrificáveis em benefício de uma seleção que favorece um setor humano digno de viver sem limites” (FT 18). É esse modo/modelo de vida que destrói a fraternidade, reduz a natureza a mero recurso econômico, subordina o bem comum aos interesses do capital, torna as pessoas frias e insensíveis ao sofrimento dos outros, produz vítimas e descarta pessoas: pobres, negros, migrantes, mulheres, idosos etc.

Daí, a radicalidade da crítica a esse modelo de sociedade: 1) “o mercado, per se, não resolve tudo, embora, às vezes, queiramos fazer crer nesse dogma de fé neoliberal”; 2) “o neoliberalismo reproduz-se sempre igual a si mesmo, recorrendo à mágica teoria do ‘derrame’ ou do ‘gotejamento’ como única via para resolver os problemas sociais”, sem se dar conta de que “a suposta

redistribuição não resolve a desigualdade, sendo esta fonte de novas formas de violência que ameaçam o tecido social” (FT 168); 3) “o individualismo radical é o vírus mais difícil de vencer”, fazendo-nos crer que “tudo se reduz a deixar a rédea solta às próprias ambições, como se, acumulando ambições e seguranças individuais, pudéssemos construir o bem comum” (FT 105).

E, tudo isso, tornou-se ainda mais visível e grave no contexto da pandemia da Covid-19. Ela “deixou descobertas as nossas falsas seguranças [...], ficou evidente a incapacidade de agir em conjunto [...], verificou-se uma fragmentação que tornou mais difícil resolver os problemas que nos afetam a todos” (FT 7); “despertou, por algum tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, em que o mal de um prejudica a todos” (FT 32); “obrigou, forçosamente, a pensar nos seres humanos, em todos, mais do que nos benefícios de alguns” (FT 33); ajudou a compreender que “se tudo está interligado, é difícil pensar que este desastre mundial não tenha a ver como nossa maneira de encarar a realidade” – “é a própria realidade que geme e se rebela” (FT 34); “permitiu-nos recuperar e valorizar tantos companheiros e companheiras de viagem [...] reconhecer como as nossas vidas

são tecidas e sustentadas por pessoas comuns" (FT 54); "evidenciou que nem tudo se resolve com a liberdade de mercado e que, além de reabilitar uma política saudável que não esteja sujeita aos ditames das finanças, 'devemos pôr a dignidade humana no centro'" (FT 168).

Mais que um problema pontual dentro de um sistema saudável, está em jogo o sistema enquanto tal, isto é, o modo mesmo de conceber, dinamizar e organizar a vida como um todo. É o sistema ou o modo de vida dominante que precisa ser mudado. Nesse sentido, a postura de Francisco é radical (vai na raiz do problema) e sistêmica (percebe a inter-relação de todos os âmbitos e dimensões da vida)⁵: "se alguém pensa que se trata apenas de fazer funcionar melhor o que já fazíamos, ou que a única lição a aprender [com a pandemia da Covid-19] é que devemos melhorar os sistemas e regras já existentes, está negando a realidade" (FT 7). A verdadeira alternativa a um mundo dinamizado e configurado pela lógica do mercado (lucro, concorrência, consumo, sucesso, mérito) é a construção de um mundo dinamizado pela lógica da fraternidade (abertura, amor, compaixão, solidariedade, justiça, diálogo). E não há aqui nenhum

5 Cf. BENTO, Fábio Régio. "Adeus reformismo – Papa Francisco e a Doutrina Social da Igreja". *Perspectiva Teológica* 50 (2018), p. 509-523.

tipo de ingenuidade ou idealismo simplista. Assim, como a lógica do mercado não se restringe às macrorrelações econômicas e políticas, mas perpassa e configura todos os âmbitos da vida, tampouco a lógica da fraternidade se restringe às relações interpessoais: "o amor expressa-se não só nas relações íntimas e próximas, mas também nas macrorrelações como relacionamentos sociais, econômicos e políticos" (FT 181).

Já no ciclo de catequeses sobre a pandemia, proferido ao longo dos meses de agosto e setembro de 2020 e intitulado "curar o mundo", Francisco insistiu muito no vínculo entre a pandemia da Covid-19 e a pandemia do sistema dominante. Essa nova pandemia a) "pôs em evidência quão vulneráveis e interligados estamos todos nós" e b) "trouxo à luz patologias sociais mais vastas" como uma visão das pessoas como "objetos a serem usados e descartados"⁶ e a "desigualdade social" que é "fruto de um crescimento econômico injusto"⁷; c)

6 FRANCISCO. Catequeses "curar o mundo"²: Fé e dignidade humana (12/08/2020). Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200812_udiencia-generale.html

7 FRANCISCO. Catequeses "curar o mundo"⁴: O destino universal dos bens e a virtude da esperança (26/08/2020). Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200826_udiencia-generale.html

“acentuou a difícil situação dos pobres e o grande desequilíbrio que reina no mundo”⁸; ajudou a perceber que d) “essas injustiças não são naturais nem inevitáveis, são obra do homem, vêm de um modelo de crescimento separado dos valores mais profundos” e que e) “para sair da pandemia, temos de encontrar a cura não só para o coronavírus, mas também para os grandes vírus humanos e socioeconômicos”⁹.

Essa insistência de Francisco, no vínculo estreito entre o “pequeno, mas terrível vírus” da Covid-19 e o “grande vírus” da injustiça social, põe os pobres e marginalizados no centro da reflexão social¹⁰ e nos ajuda a compreender a dimensão do problema e do desafio que temos pela frente: vivemos numa “sociedade enferma” (FT 65). Richard

Horton, tomando emprestada a expressão do epidemiologista Merrill Singer, advertiu que, mais que uma “pandemia”, a Covid-19 é uma “sindemia” (interação sinérgica de diferentes doenças), na qual atuam e interagem fatores biológicos, sociais, econômicos, políticos e culturais¹¹. E, Santiago Alba Rico insiste que o problema de fundo é o sistema capitalista¹². Está em jogo um modo de vida dominado pela lógica do mercado. O grande desafio é construir um modo de vida dinamizado pela lógica da fraternidade.

Em meio às “sombras de um mundo fechado”, o convite à fraternidade e à amizade social, feito por Francisco, brilha como uma luz que nasce do mistério de Deus manifestado em Jesus de Nazaré e nas mais diversas experiências humanas de amor, compaixão, solidariedade e justiça, que abre/aponta um horizonte novo de vida para a humanidade, que desencadeia processos pessoais e sociais e que indica caminhos de transformação e reconfiguração da vida em todas as dimensões.

8 FRANCISCO. Catequeses “curar o mundo” 3: A opção preferencial pelos pobres e a virtude da caridade (19/08/2020). Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200819_udienza-generale.html

9 FRANCISCO. Catequeses “curar o mundo” 9: Preparar o futuro com Jesus que salva e cura (30/09/2020). Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200930_udienza-generale.html

10 FRANCISCO. Catequeses “curar o mundo” 3: A opção preferencial pelos pobres e a virtude da caridade (19/08/2020). Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200819_udienza-generale.html

11 Cf. HORTON, Richard. “Covid 19 is not a pandemic”. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)32000-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)32000-6/fulltext)

12 Cf. ALBA RICO, Santiago. “Capitalismo pandémico”. Disponível em: <https://ctxt.es/es/20210101/Firmas/34633/Santiago-Alba-Rico-capitalismo-pandemico-sindemia-virus-desigualdad.htm>

Assim, as religiões, em diálogo e cooperação, têm um papel muito importante nesse processo de reconstrução da fraternidade. Aliás, como indica o título do último capítulo da encíclica, as religiões devem estar "a serviço da fraternidade no mundo". Não se trata de mera "diplomacia, amabilidade ou tolerância", mas de "estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais em espírito de verdade e amor" (FT 271). Para os crentes, o "fundamento último" da fraternidade universal é a filiação divina (FT 272-274). E para os cristãos, a referência fundamental é sempre o Evangelho de Jesus Cristo: "outros bebem de outras fontes. Para nós, essa fonte de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo" (FT 277). Os crentes, das mais diversas religiões, precisam "encontrar espaços para dialogar e atuar juntos pelo bem comum e pela promoção dos mais pobres" e são desafiados a retornar às "fontes" da fé e se concentrarem no "essencial," que é "a adoração a Deus e o amor ao próximo", evitando que alguns aspectos da sua doutrina "acabem por alimentar formas de desprezo, ódio, xenofobia, negação do outro" (FT 282). Francisco insiste que "o culto sincero e humilde a Deus 'não leva à discriminação, ao ódio e à violência, mas ao respeito pela sacralidade da vida, ao respeito

Em meio às "sombras de um mundo fechado", o convite à fraternidade e à amizade social, feito por Francisco, brilha como uma luz que nasce do mistério de Deus manifestado em Jesus de Nazaré e nas mais diversas experiências humanas de amor, compaixão, solidariedade e justiça, que abre/aponta um horizonte novo de vida para a humanidade, que desencadeia processos pessoais e sociais e que indica caminhos de transformação e reconfiguração da vida em todas as dimensões.

pela dignidade e pela liberdade dos outros e a um solícito compromisso em prol do bem-estar de todos" (FT 283).

Não esqueçamos que "a estatura espiritual de uma vida humana é medida pelo amor" – "o maior perigo é não amar" (FT 92)! Voltemos ao essencial: "todos irmãos"! Essa é a marca fundamental da nossa fé. Esse é o desafio/imperativo maior de nosso mundo. Esse é o clamor/apelo que vem dos caídos à beira dos caminhos. Esse é o critério ou a condição para herdar a vida eterna (Lc 10,25-37).

São Francisco, rogai por nós...

PERIFERIAS URBANAS INTERPELAM A VIDA RELIGIOSA

FREI SINIVALDO S. TAVARES¹

Resumo

O caminho de Jesus começou na periferia” e terminou às margens da cidade de Jerusalém. Vai dos pobres

para os pobres, afirma o Papa Francisco. O artigo convoca a VRC a repensar o compromisso com os pobres, pois, não pode entender a urbanização como modelo de civilização, mas sim, o urbano-periferização, onde estão excluídos. A VRC, como missão profética, precisa saber responder a 3 periferias urbanas: a opção pelos pobres; as periferias como lugar de evangelização e a evangelização inclusiva.

Palavras-chave: urbano, periferia, evangelização.

Produzidas pelo fenômeno de “urbano-periferização”, as “periferias” urbanas constituem um cenário conflitivo e paradoxal, posto que é resultado da coexistência de segregação territorial

1 Sinivaldo S. Tavares é frade franciscano, doutor em Teologia Sistemática (1998) pela Pontifícia Università Antonianum (Roma), e pós-doutor em Teologia Sistemática (2018) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Durante 13 anos, foi professor de Teologia Fundamental e de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia do Instituto Teológico Franciscano, Petrópolis. Desde 2012, professor de Teologia sistemática e pesquisador no Programa de pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte. Entre suas recentes obras, publicadas pela Ed. Vozes: Evangelização em diálogo: novos cenários a partir do paradigma ecológico; Evangelização e Interculturalidade; Teologia da Criação: outro olhar – novas relações; Trindade e Criação. Tem publicado ainda estudos em obras coletivas e artigos em revistas teológicas especializadas.

e desigualdade econômica com transgressão de regras estabelecidas e reinvenção da cultura e da política. Isso pressuposto, reputamos que as periferias urbanas constituam uma desafiadora interpelação à Vida Religiosa: desafio à presença e ação evangelizadoras, porque, em última instância, é mediação da presença e interpelação do Deus de Jesus Cristo. Por fim, indagamos acerca das principais implicações dessa consciência: o valor perene da opção pelos pobres; a eleição das periferias como prioridade na evangelização; o desafio de uma evangelização inclusiva e integral. Ao longo deste inteiro percurso, sentimo-nos desafiados pelas instigantes e contundentes palavras do papa Francisco: “Na realidade, de todos pode-se aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isto implica incluir as periferias. Quem vive nelas tem outro ponto de vista, vê aspectos da realidade que não se descobrem a partir dos centros de poder onde se tomam as decisões mais determinantes” (Fratelli tutti, n. 215).

1. “Urbanização” ou “urbano-periferização”?

Deflagramos, de início, a falácia da concepção de “urbanização” como “modelo de civilidade” em

contraposição a “estilos de vida rural”, considerados “formas pré-modernas e inferiores de existência” (LEFF, 2001, p. 288). Preferimos falar em “urbano-periferização”. Estatísticas, recentes, mostram que, de cada 10 cidadãos, 7 estão na Ásia, na África e na América Latina e Caribe; e, somente, 3 na Europa, nos EUA e no Japão. Isso significa que a realidade cotidiana de 70% da população urbana do planeta contraria, portanto, a ideologia do urbano como “modelo de civilidade”. Segundo estatísticas da ONU, dos cerca de 3 bilhões de urbanos, 924 milhões residem em favelas e, desses, 94% estão na África, na Ásia, na América Latina e Caribe e na Oceania. Em suma, o número de favelados no mundo supera a população total dos países industrializados (EUA, Canadá, Europa e Japão).

No caso do Brasil, dados divulgados, a partir do Estudo feito pelo Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, ainda que estimativos, são alarmantes. Eles se referem à porcentagem da população que vivia em favelas, em algumas cidades brasileiras, no final da década de 1990: São Paulo (22%), Rio de Janeiro (20%), Belo Horizonte (20%), Salvador (30%), Recife (46%), Fortaleza (31%), Goiânia (13%). Parece ter, de fato, razão Erminia Maricato

ao afirmar que: “O processo de urbanização se apresenta como uma máquina de produzir favelas e agredir o meio ambiente” (MARICATO, 2013, p. 22).

1.1. Periferias: produto da “urbano-periferização”

Não estaríamos testemunhando um processo de desfazimento do rural mais que de conformação ao urbano, uma vez que 924 milhões de cidadãos vivem em favelas e, portanto, encontram-se privados de serviços urbanos básicos, tais como: saneamento, habitação, saúde, educação e transporte? Não é por acaso que se tenham cunhado vários termos para nomear extensões territoriais que se formam à margem dos centros urbanos: “subúrbios”, “periferias”, “favelas”, “conglomerados suburbanos” etc. Essa nomenclatura trai o fato de nos encontrarmos, para todos os efeitos, diante de outro tipo de fenômeno “aquém do urbano e aquém do rural” (PORTO GONÇALVES, 2015, p. 184). As populações que vivem em tais aglomerações suburbanas se encontram em situação de extrema vulnerabilidade, posto que expostas a riscos de epidemias, chuvas, enchentes, desmoronamento de encostas, furacões, congestionamento habitacional, abastecimento de água, falta de saneamento, produção e

gestão de resíduos sólidos etc, são vítimas, ainda, de insegurança generalizada: haja vista a chacina na favela paulistana de Paraisópolis, produzida pela política de terrorismo policial. Sirva-nos de exemplo, entre tantos, a constatação de que há, no Brasil, um déficit populacional, entre 16 e 24 anos, comparável apenas ao de países em situações de guerra. Essas populações são, portanto, vítimas de uma desigual e injusta “urbanização” que produz verdadeiras “bombas socioecológicas” (MARICATO, 2013, p. 34.36).

Além da crescente “periferização,” com a produção de “aglomerações suburbanas”, deflagramos a presença, ainda que invisibilizada, de “não cidades” no coração dos próprios centros urbanos: a população em situação de rua. O censo da população em situação de rua de São Paulo, realizado em 2015, mostrou a existência de quase 16 mil pessoas nessa situação, só na cidade de São Paulo, isto é, sem contar a região metropolitana. Esses, talvez, sejam os mais pobres, dentre todos os que vivem à margem de nossas cidades. Além deles, deflagramos a presença de tantas pessoas com alguma deficiência física ou psíquica, idosos que vivem sozinhos, sem qualquer assistência, negros, mulheres e pessoas LGBTQIA+, vítimas de exclusão e violência nos espaços

públicos de nossas cidades.

Percebe-se, portanto, que o crescimento populacional, em nossas cidades-periferias, não tem sido acompanhado por processos de conquistas cidadãs. No Brasil, mais precisamente, esse intenso processo de “urbano-periferização”, que se tem verificado nos últimos 40-50 anos, deu-se, em grande parte, sob o regime político de uma ditadura civil-militar e, conseqüentemente, mediante sistemática criminalização de movimentos sociais e suas pautas reivindicatórias. Pressuposto que o fim do colonialismo não representou o fim da colonialidade, nossas cidades são o retrato da persistente divisão entre classes sociais e raças.

1.2. Periferias: segregação versus transgressão e reinvenção

As cidades brasileiras, de modo particular, com suas aglomerações suburbanas, compostas por favelas *stricto sensu* e conjuntos habitacionais são a prova cabal de que os habitantes de nossas periferias não são efetivamente reconhecidos como cidadãos. Nesse sentido, nossas cidades testemunham uma realidade complexa e paradoxal, posto que, constituem, simultaneamente, espaço de mercantilização das relações e da vida em geral e território público e plural de encontros e convivências.

Por um lado, nossas cidades são lugares privilegiados de consumo, uma vez que se encontram sempre controladas pela economia mercantil capitalista. Haja vista a constatação de que entre as atividades mais rentáveis, no mercado, encontra-se a indústria de alimentos e bebidas. As cidades são projetadas para acelerar a circulação, mediante o fluxo cada vez mais rápido de veículos, no intuito de apressar o consumo e despersonalizar as relações. São projetadas, em suma, para veículos e não mais para pedestres. Nossas tradicionais praças são cada vez mais associadas à insegurança justificando, assim, o gradeamento das mesmas. Lojas, mercados, feiras e outros locais de comércio que, antes, eram locais de encontro e convivência, foram se concentrando sempre mais em shopping Centers que, por sua vez, apropriaram-se de espaços e momentos de encontro e lazer.

Por outro lado, há também experiências de transgressão e de recomposição desses mesmos espaços (cf. RODRIGUEZ IBÁÑEZ, 2016, p. 318). Inúmeras iniciativas de resistência vêm reconfigurando nossas cidades por meio de estilos e práticas alternativas que contradizem o imaginário dominante. Em não poucas situações, trava-se uma espécie de disputa em torno do espaço público onde o “pensamento único,” sobre a

cidade, é confrontado por modos alternativos de habitá-la. A esse propósito, gostaríamos de salientar o emergente processo de ressignificação de nossas periferias urbanas, por obra, sobretudo, de jovens que ali habitam e que, praticamente “reinventam” a política, fazendo crítica social do cotidiano, mediante uma nova linguagem artística: hip hop, break, rap (cf. PORTO GONÇALVES, 2015, p. 189).

1.3. À moda da periferia: urbanização desigual

Pressuposto o que se disse até aqui, importa estar atentos à questão posta por Rodriguez Ibáñez: “Mas a pluralidade não é suficiente: ela exige outro debate que relacione pluralidade e igualdade, porque as cidades não são apenas predominantemente monoculturais: também são injustas na distribuição dos bens e riquezas” (RODRIGUEZ IBÁÑEZ, 2016, p. 331).

Na base desse fenômeno de desigualdade econômica e segregação territorial, Raquel Rolnik deflagra um “processo de financeirização da produção da cidade” que tem se dado mediante especulação imobiliária e privatização de serviços básicos (luz, água, moradia, transporte etc). Por essa razão, “a desigualdade socioterritorial é a característica da cidade brasileira”, posto que

“negócios urbanos definem e controlam toda a política urbana” (ROLNIK, 2016, p. 15-23). Essa “urbanização desigual”, caracterizada por Maricato como “urbanismo moderno à moda da periferia”, consiste na garantia de “bases legais para um mercado imobiliário de corte capitalista” (saneamento básico e embelezamento paisagístico) e expulsão “para os morros e franjas da cidade” das populações excluídas (MARICATO, 2013, 17). Trata-se, segundo Rolnik, “de um modelo que inclui sem incluir. Jamais a cidade disponibilizou terra, infraestrutura urbana, moradia para quem chegou. O seu lugar foi construído pelos próprios chegantes [...] Assim surgiram favelas, ocupações, loteamentos populares, acampamentos, assentamentos. Tudo isso NÃO é cidade [...] As nossas cidades produzem e reproduzem a desigualdade socioeconômica. O modelo de construção de cidades é de uma cidade para poucos: é um modelo excludente” (ROLNIK, 2016, p. 15-16).

2. Periferias urbanas como “sinais dos tempos”

Até aqui, apresentamos, de maneira sucinta, o fenômeno das “periferias” em sua paradoxal complexidade; restamos, agora, refletir sobre sua eventual condição de desafio e

“De um modelo que inclui sem incluir. Jamais a cidade disponibilizou terra, infraestrutura urbana, moradia para quem chegou. O seu lugar foi construído pelos próprios chegantes [...] Assim surgiram favelas, ocupações, loteamentos populares, acampamentos, assentamentos. Tudo isso NÃO é cidade [...] As nossas cidades produzem e reproduzem a desigualdade socioeconômica. O modelo de construção de cidades é de uma cidade para poucos: é um modelo excludente” (ROLNIK, 2016, p. 15-16).

interpelação à presença e ação da Vida Religiosa Consagrada. Remetemo-nos, em princípio, a um dos mais relevantes legados do Concílio Vaticano II (1962-1965): a consciência dos “sinais dos tempos,” como lugar de experiência de fé e de discernimento eclesial, ou seja, como “lugar eclesial”. Essa consciência desencadeou um processo de “ruptura epistemológica” responsável por

aquela “inversão metodológica” que marcou profundamente a elaboração da *Gaudium et Spes* e, de consequência, os destinos da pastoral e da teologia no pós-vaticano II. E tudo se deu em torno à maturação da compreensão dos assim chamados “sinais dos tempos” (cf. BOFF, 1979).

A concepção “teologal” de sinais dos tempos (GS 11) – para distingui-la de outra “pastoral” (GS 4) – fez com que se adotasse o método indutivo, e não mais o dedutivo, na pastoral e, de consequência, também na teologia. São inúmeras as consequências dessa opção metodológica. A maior delas, talvez, diz respeito a uma concepção distinta de pastoral: não mais como simples aplicação à vida concreta de princípios dogmáticos eternos e imutáveis. A realidade, segundo essa nova concepção, passa a ser, para todos os efeitos, dimensão integrante da ação evangelizadora da Igreja e seu discurso teológico. Estamos convencidos de que o ponto fulcral, em torno do qual se tece o inteiro discurso da Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo de hoje, *Gaudium et Spes*, seja a concepção teologal de “sinais dos tempos” (GS 11), ainda que, ali, não compareça literalmente o termo.

Movido pela fé, conduzido pelo Espírito do Senhor que enche o orbe

da terra, o Povo de Deus esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos, em que participa com os outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus (GS 11).

Como se lê, os “acontecimentos”, as “exigências” e as “aspirações de nossos tempos” são interpretados não apenas como sinais que caracterizam uma determinada situação e que, portanto, constituem um desafio à evangelização. Esse seria seu sentido pastoral (GS 4). São, para todos os efeitos, concebidos como “sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus” (GS 11). E são compreendidos como autênticos sinais que devidamente discernidos, revelam, à luz da fé e conforme a inspiração do Espírito Santo, Deus e seus planos e que, por isso mesmo, interpelam-nos a uma resposta generosa. Trata-se de uma concepção dos “sinais dos tempos” como autêntico lugar e momento de encontro com Deus e, portanto, “lugar eclesial”. E, portanto, reconhecer “as periferias” como lugar eclesial implica em testemunhar a fé e evangelizar a partir e na perspectiva dos que nelas habitam e não apenas falar sobre elas como uma realidade entre outras.

Isso pressuposto, acolhemos o fenômeno das “periferias”, enquanto produto da

“urbano-periferização”, como sinal dos tempos em seu duplo sentido. Em seu sentido pastoral, constatamos que a “periferização” urbana se coloca entre as questões mais relevantes e urgentes da atualidade. Na perspectiva teológica, sugerimos que se indague acerca dos vestígios da presença do Deus de Jesus Cristo e de Suas interpelações que nos são dirigidas em meio à complexidade de nossas “aglomerações suburbanas”. Trata-se, em outras palavras, de acolher o fenômeno das “periferias” urbanas como desafio à evangelização, não por motivações sociológicas apenas. A motivação de fundo é teológica, posto que as “periferias”, enquanto mundo onde vivem pobres e marginalizados, são acolhidas como interpelação à concreta vida de fé como, de resto, exorta-nos o Papa Francisco “Precisamos identificar a cidade a partir de um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças. [...] Ele vive entre os cidadãos promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça. Essa presença não precisa ser criada, mas descoberta, desvendada. Deus não se esconde de quantos O buscam com coração sincero, ainda que o façam tateando, de maneira imprecisa e incerta” (Evangelii gaudium, n. 71).

Quais seriam, afinal, as principais consequências de se acolher as “periferias urbanas” como lugar eclesial? Gostaríamos de reuni-las, aqui, em torno a três nós de uma intrincada trama: o valor perene da opção pelos pobres; a eleição das periferias como prioridade na evangelização; o desafio de uma evangelização inclusiva e integral.

2.1. O valor perene da opção pelos pobres

No intuito de se solidarizar com as populações pobres e marginalizadas de nossas periferias urbanas, a Igreja do continente latino-americano e caribenho tem se caracterizado, sobretudo, a partir da realização da Conferência episcopal de Medellín, por iniciativas e processos pastorais de aproximação, inserção e inclusão. Voltar-se ao pobre e a seu “mundo” tem se tornado expressão de singular experiência espiritual: a contemplação do rosto do Cristo sofredor nas feições concretíssimas dos pobres e marginalizados. Inserir-se nas periferias urbanas implica, em primeiro lugar, dar-se conta da complexidade do fenômeno da pobreza e da marginalização. Isso comporta, num segundo momento, indagar acerca das causas estruturais que a desmascaram como empobrecimento injusto. Somente a partir

desses dois primeiros passos, a opção pelo pobre pode se constituir em luta contra toda forma de opressão no intuito de sua libertação integral. Expressão de indignação ética face à situação de pobreza e marginalização são as contundentes palavras dos bispos latino-americanos em Medellín: “O Episcopado Latino-americano não pode ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantêm a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza, que em muitos casos chega a ser de miséria humana. Um surdo clamor nasce de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte” (14, 1-2). E, após pouco mais de dez anos, os bispos reunidos em Puebla, referindo-se justamente a esse texto de Medellín, afirmam: “O clamor pode ter parecido surdo naquela ocasião. Agora é claro, crescente, impetuoso e, nalguns casos, ameaçador” (n. 89).

No Documento de Puebla, pobreza e marginalização são apresentadas “como o mais devastador e humilhante flagelo” que acomete nossos povos (n.18). Essa pobreza, segundo Puebla, é crescente. Haveria uma relação diretamente proporcional entre riqueza e pobreza. Enquanto uns poucos enriquecem, a maioria é sempre mais empobrecida. Por

esse motivo, alarga-se sempre mais a brecha entre pobres e ricos. Trata-se, portanto, de um crescimento contraditório. Segue-se uma análise mais profunda que indaga acerca das causas estruturais que tornam possível tamanha brecha entre ricos e pobres: “essa pobreza não é uma etapa transitória, e sim produto de situações e estruturas econômicas, sociais e políticas que dão origem a esse estado de pobreza...” produzem... “ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres” (n. 30). Do ponto de vista ético, falam de “injustiça”, “estruturas geradoras de injustiça”, “mecanismos impregnados de materialismo”. Chegam a condenar, formalmente, o sistema social que gera essa situação de miséria coletiva. À luz da fé, esses mesmos fenômenos são interpretados como verdadeiras “situações de pecado”. Fala-se de “situação de pecado social” (n. 28; cf. ainda nn. 1032, 1225) que, por sua vez, encontra-se consubstanciada em “estruturas de pecado” (n. 452), é “causada pelo pecado” que tem “dimensões sociais gigantescas” (n. 73). Estaríamos diante de “um mistério de pecado” (70).

Trazemos, ainda, o testemunho de dois textos do Documento de Aparecida. O primeiro deles, na esteira das Conferências anteriores, declara a singular importância da opção pelos

pobres na caminhada da Igreja latino-americana e caribenha: “A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha” (n. 391). O segundo texto, de maneira firme e clara, declara: “*Só a proximidade que nos faz amigos nos permite apreciar profundamente os valores dos pobres de hoje, seus legítimos desejos e seu modo próprio de viver a fé. A opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres. Dia a dia os pobres se fazem sujeitos da evangelização e da promoção humana integral [...] À luz do Evangelho reconhecemos sua imensa dignidade e seu valor sagrado aos olhos de Cristo, pobre com eles e excluído como eles. A partir dessa experiência cristã, compartilharemos com eles a defesa de seus direitos*” (n. 398).

Na Exortação pós-sinodal, *Evangelii Gaudium*, escrita no intuito de “indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (n. 1), o papa Francisco revela o cerne de seu projeto eclesial: Igreja em saída para as periferias do mundo. E, de consequência, insiste na imprescindibilidade de se optar pelos pobres como condição da realização desse projeto de “uma Igreja pobre e para os pobres”. Gostaríamos de destacar algumas afirmações do papa Francisco a esse propósito, presentes na *Evangelii gaudium*.

“Só a proximidade que nos faz amigos nos permite apreciar profundamente os valores dos pobres de hoje, seus legítimos desejos e seu modo próprio de viver a fé. A opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres. Dia a dia os pobres se fazem sujeitos da evangelização e da promoção humana integral [...] À luz do Evangelho reconhecemos sua imensa dignidade e seu valor sagrado aos olhos de Cristo, pobre com eles e excluído como eles. A partir dessa experiência cristã, compartilharemos com eles a defesa de seus direitos” (n. 398).

Retomando a *Evangelii nuntian-di*, ele insiste na “conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana” (n. 178) e afirma que “no coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres [...] todo o caminho de nossa redenção está assinalado pelos pobres” (n. 197). E, por

essa razão, “para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica [...] esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos” (n. 198). Como, de resto, havia já escrito: “Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre nossa fé e os pobres” (n. 48). De tal forma que, “a falta de solidariedade, nas suas [dos pobres] necessidades, influi diretamente sobre nossa relação com Deus” (n. 187).

2.2. A eleição das periferias como prioridade na evangelização

A vida religiosa consagrada é chamada e enviada às periferias sociais e existenciais, segundo a expressão peculiar do papa Francisco (EG, nn. 20, 30, 59). Há um texto, do Papa Francisco, que, não obstante, tenha sido escrito a teólogos, incide fortemente sobre a presença e missão evangelizadoras da vida religiosa consagrada. Trata-se da carta, de 3 de março de 2015, enviada ao Cardeal-arcebispo

de Buenos Aires, Mario Poli, por ocasião dos cem anos da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Argentina (cf. FRANCISCO, 2015). Os desafios, postos pelo Papa, ao fazer teológico valem, em igual medida, para a ação evangelizadora dos religiosos e religiosas. Escreve o papa: “Ensinar e estudar teologia significa viver numa fronteira na qual o Evangelho se encontra com as necessidades das pessoas...”; à teologia incumbe além de estar “radicada e fundada na Revelação, na Tradição”, acompanhar “também os processos culturais e sociais, em particular as transições difíceis e os conflitos”; “não só os que experimentamos na Igreja, mas também os relativos ao mundo e que são vividos nas ruas da América Latina”. E, exorta: *“O vosso lugar de reflexão sejam as fronteiras. E não cedeis à tentação de as ornamentar, perfumar, consertar nem domesticar. Até os bons teólogos, como os bons pastores, têm o odor do povo e da rua e, com sua reflexão, derramam azeite e vinho sobre as feridas dos homens”*.

Na esteira do que diz o Papa, a solidariedade que, enquanto religiosos e religiosas, queremos instaurar, para com os habitantes de nossas periferias urbanas tornar-se-á efetiva, somente, sob a condição de que, em nossa presença e missão evangelizadora, comprometamo-nos com suas

“O vosso lugar de reflexão sejam as fronteiras. E não cedeis à tentação de as ornamentar, perfumar, consertar nem domesticar. Até os bons teólogos, como os bons pastores, têm o odor do povo e da rua e, com sua reflexão, derramam azeite e vinho sobre as feridas dos homens”.

vidas, assumindo suas necessidades e reivindicações. Nesse sentido, como fazer para que, de fato, necessidades e reivindicações dos habitantes das periferias urbanas sejam assumidas como prioridades de nossa vida e evangelização? O que fazer para que nossa presença solidária e empenho evangelizador se concentrem na resposta a tais emergências que brotam da vida cotidiana dessas populações? Trata-se de grande desafio e também de oportunidade ímpar para que, auscultando e acolhendo tais demandas, possamos reinventar práticas e discursos que revelem a perene atualidade e relevância do evangelho de Jesus Cristo. Por essa razão, uma sensibilidade mais aguda para com as populações pobres

e marginalizadas de nossas periferias urbanas tornará possível aquele processo tão almejado: a recriação de expressões de fé genuína e de resgate de nosso carisma fontal.

Todavia, somos de opinião que essas questões deverão, também, produzir uma nova configuração geográfica e espacial de nossa presença e ação enquanto religiosos. Nossas instituições eclesiais, em geral, reproduzem as estruturas das cidades. Nossas paróquias, por exemplo, possuem suas matrizes dentro dos limites considerados “urbanos”, enquanto nas aglomerações suburbanas e favelas constroem-se capelas em torno das quais se realiza, com raras exceções, uma pastoral de visitação e assistência esporádica. Acreditamos que nossas instituições constituam o retrato fiel de nosso passado colonial, uma vez que, na maioria dos casos, continuam refletindo e sustentando expedientes tipicamente colonialistas de “naturalização” de desigualdades (econômicas, raciais, sócio-culturais etc) e de segregação territorial. Como fazer, então, para deflagrar e, quiçá, reverter semelhante processo? Quais consequências práticas trariam a decisão efetiva de eleger as periferias como prioridade na evangelização? Quais seriam,

por exemplo, os instrumentos necessários para transformar nossas paróquias em rede de comunidades eclesiais?

2.3. O desafio de uma evangelização inclusiva e integral

As considerações feitas, até aqui, poderiam dar a impressão de estarmos propondo uma evangelização que opere uma exclusão às avessas, ou seja, revanchista. Poderia, num primeiro momento, pensar que para fazer frente a processos de exclusão de empobrecidos e marginalizados, moradores de nossas periferias urbanas, estaríamos sugerindo a exclusão daqueles que habitam nos espaços urbanos privilegiados e que constituem, enquanto tais, os beneficiários da atual configuração econômica, sociocultural e geográfica de nossas cidades. Nada disso. O fato de propormos a opção pelos moradores das periferias e a eleição dos mesmos como prioridade, na ação evangelizadora, tem, como motivação última, a efetivação de uma evangelização integral e inclusiva de todos e todas, sem exceção.

Sobretudo, a partir da realização da Conferência episcopal de Puebla, vai ficando cada vez mais claro que a opção pelos pobres se constitui na perspectiva, de evangelizar a todos, sem exclusão. E isso, implica no fato

de que, segundo o documento de Puebla, a imprescindível condição para que a Igreja possa “evangelizar os ricos” (n. 1156) e “evangelizar o poder” (n. 144, 515) é colocar-se em comunhão com os pobres, assumindo a “denúncia profética” (n. 1138). Acreditamos, firmemente, que a condição imprescindível para se dirigir a todos, sem exceção, é assumir a situação e a perspectiva dos empobrecidos e marginalizados de nossas periferias. Pois, só conseguiremos incluir todos e todas se elegermos, prioritariamente, pobres e excluídos. A assunção dessa parcialidade evangélica torna-se, assim, condição inequívoca da possibilidade de se fomentar uma evangelização que seja, para todos os efeitos, inclusiva e integral.

Essa convicção nos vem da leitura atenta dos evangelhos ao narrarem o ministério público de Jesus. Ele não apenas anuncia a vinda iminente do Reino de Deus, mas o torna presente por meio dos sinais que realiza em favor dos pobres e marginalizados. “Esgotou-se o tempo. O Reino de Deus foi aproximado. Converti-vos e crede nesta alvissareira notícia!” (Mc 1, 15). O início do ministério público de Jesus, segundo o evangelho de Lucas, dá-se na sinagoga, onde

faz a leitura do texto de Isaías (cf. Is 61, 1-2) que apresenta o Messias como aquele que veio proclamar o ano da Graça do Senhor e, portanto, libertar os oprimidos e os prisioneiros (cf. Lc 4, 16-21). O relato das Bem-aventuranças (cf. Lc 6, 20-23; Mt 5, 3-12) confirma essa nota distintiva da pregação de Jesus. Mas é sua prática, sobretudo, que explicita o conteúdo da pregação: a constituição do grupo dos doze a partir de pessoas consideradas impuras pela religião oficial; a ousadia na relação com as mulheres; a peculiar interpretação da Lei e das tradições de seu povo, codificada no princípio reiterado, por ele, de que o sábado foi feito para as pessoas e não o contrário; os milagres como sinal de seu cuidado e enternecimento para com os doentes, excluídos da convivência social; acolhida incondicional de pecadores, disponibilidade ao diálogo e especial cuidado em fazer com que os excluídos recobrassem a voz que lhes tinha sido sequestrada.

Concluindo, gostaríamos de lembrar o que disse o papa Francisco em duas ocasiões. Em seu discurso durante a visita ao bairro pobre de Kangemi, Nairobi (Quênia), afirmou: “O caminho de Jesus começou na periferia, vai dos pobres

e com os pobres para todos” (FRANCISCO, 2015). E, mais recentemente, em sua Carta Encíclica *Fratelli tutti*, escreveu:

“Se se trata de recomeçar, sempre há de ser a partir dos últimos” (FT, n. 235).

QUESTÕES PARA ANIMAR A DISCUSSÃO:

1. Como compreender a “periferização urbana” como fenômeno que se encontra “aquém do urbano e aquém do rural”?
2. Concretamente, o que significa eleger as periferias urbanas com seus desafios, como prioridade da evangelização?
3. Quais passos, concretos, dar na direção de uma evangelização inclusiva e integral?

Bibliografia

- BOFF, Cl. *Sinais dos Tempos. Princípios de leitura*. São Paulo: Loyola, 1979.
- FRANCISCUS. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html, visto em 22/11/2019.
- FRANCISCUS. http://m.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151127_kenya-kangemi.html, visto em 22/11/2019.
- FRANCISCUS. *Fratelli tutti. Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Edições Loyola, 2021.
- LEFF, E. *Saber ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MARICATO, E. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- PORTO GONÇALVES, C.W. *A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- RODRIGUEZ IBÁÑEZ, M. “Ressignificando a cidade colonial e extrativista. Bem Viver a partir de contextos urbanos”. In: DILGER, H.; LANG, M.; PEREIRA FILHO, J. (Org.). *Descolonizar o imaginário. Debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento*. São Paulo: Fundação

Rosa Luxemburgo-Autonomia Literária-Elefante editora: 2016, p. 296-333.

ROLNIK, R. "A questão urbana no Brasil contemporâneo". In: RODRIGUES, S. (org.). Cebos e mundo urbano: perspectivas no pontificado de Francisco. Rio de Janeiro: GraVida, 2016, p. 15-23.

Sinivaldo S. Tavares é frade franciscano, doutor em Teologia Sistemática (1998) pela Pontificia Università Antonianum (Roma), e pós-doutor em Teologia Sistemática (2018) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Durante 13 anos, foi professor de Teologia Fundamental e de Teologia

Sistemática na Faculdade de Teologia do Instituto Teológico Franciscano, Petrópolis. Desde 2012, professor de Teologia sistemática e pesquisador no Programa de pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte. Entre suas recentes obras, publicadas pela Ed. Vozes: Evangelização em diálogo: novos cenários a partir do paradigma ecológico; Evangelização e Interculturalidade; Teologia da Criação: outro olhar – novas relações; Trindade e Criação. Tem publicado ainda estudos em obras coletivas e artigos em revistas teológicas especializadas.

VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA FEMININA NEGRA NO BRASIL

IR. M. HELOÍSA HELENA BENTO, SND¹

Resumo

Este artigo é uma continuidade de um trabalho apresentado, em 2020, que abordou o início das instituições religiosas, no Brasil colônia, e como e, a partir de quando, deu-se a inserção da mulher negra nessas instituições. O como, a maioria das negras, foi para as senzalas como escravas servindo. Em relação a essas, não temos nenhum registro de que chegaram à Vida Religiosa como consagradas. A abertura para as

vocacionadas se deu nas casas de recolhimento e, muito mais tarde, uma ou outra congregação passou a aceitar tais vocações. Com o Concílio Vaticano II, as Congregações, muitas delas de origem europeia, abriram-se para receber as negras vocacionadas. Tendo como base essa peculiaridade do país, que é o racismo estrutural, velado, institucional, as perguntas são: Como está/vive essa religiosa negra em nossas instituições nos dias atuais? A religiosa negra já conseguiu vencer o estágio de submissão? É incentivada a estudar a sua história, a buscar as suas

1 Religiosa da Congregação de Notre Dame. Este artigo é fruto de um trabalho de pesquisa de iniciação científica de graduação em teologia, sob a orientação do professor: Pe. Luis Corrêa Lima, SJ.

origens? Ela se percebe como negra e está diretamente ligada ao trabalho com essa população, os anawins de Jesus, ou ela assumiu a cor da Congregação/ Instituição onde atua? A maioria das irmãs que foram entrevistadas, ou que responderam o questionário, vêm de Congregações oriundas de países da Europa. Países que participaram de forma ativa na escravização de negros africanos, e que mesmo depois da abolição da escravidão, defendiam a eugenia que colocava o negro, o não branco, sempre em uma posição inferior à raça ariana. Sofremos os malefícios desse pensar, desse agir, até os dias atuais, e, infelizmente, até mesmo no interior de nossas casas.

Palavras-chave: Mulheres, Brasil, Servidão, Racismo Estrutural, 2021.

Introdução

No estudo anterior², por meio de dados bibliográficos, foi traçado um caminho percorrido pela mulher, desde que saiu de Portugal e países da África, para contribuir para a formação do Brasil, dando ênfase à mulher negra. Uma vez aqui, na Terra de Santa Cruz, deteve-se em como se deu a fundação dos institutos religiosos, bem como das casas de recolhimento, destino certo para as mulheres que

não pertenciam às famílias que detinham o poder, bem como as indígenas, as viúvas, as negras e as madalenas¹ que gostariam de entregar a sua vida a Deus.

O Concílio Vaticano II potencializou a inserção de negros e negras em espaços de decisão. Salvo raras exceções, a acolhida e ingresso à Vida Religiosa até então também passava por dificuldades.

Diante das novas oportunidades e possibilidades, busca-se entender como se dá a construção da identidade da religiosa negra e perceber se existem conflitos pessoais e confrontos institucionais e/ou estruturais que, porventura, possam impedir a irmã de contribuir para a missão de maneira mais ampla e como a irmã se posiciona diante dessas barreiras, caso existam.

Ao se tornar religiosa e fazer parte de uma nova família, a mulher assume a instituição com sua história, instituição que, muitas vezes, tem como autoridades a face branca oriunda do colonizador. Este estudo se deu em duas etapas: a princípio, com dados bibliográficos e, posteriormente, uma entrevista, tendo como base a história de vida da irmã.

De onde viemos?

A vida religiosa nasce na Europa e chega ao Brasil sob forte influência de um “euro

² Publicado em *Convergência* 533, maio-julho 2021, p. 38

crístocetrismo” que apresenta a família de Nazaré branca, não atentando para o corpo negro, o ser negro e as negritudes (ancestralidade, cosmopercepção³, estética, relações etc.), deixando de fora passagens como a do livro do Apocalipse: “O que estava sentado, no trono no céu, tinha um aspecto de uma pedra de jasper e sardônico (ou cornalina, como na Bíblia de Jerusalém)...” (Ap 4,3), que poderia questionar essa família de Nazaré, nascida de um imaginário embranquecido, no qual Maria tem a sua tez clara e o menino Jesus é, muitas das vezes, representado como uma criança loira e tem olhos azuis. Sem uma referência, que venha ao encontro de suas origens, em que a mulher negra possa se identificar, o belo torna-se aquilo que o outro apresenta e não aquilo que se percebe, se experimenta ou se é:

“O mundo institucional e a atividade humana objetivada foi construído pelo homem ao longo da história. Neste sentido, acentua-se que a relação entre o homem, o produtor e o mundo social, produto dele, é e permanece sendo uma relação dialética, (...). O produto reage sobre o produtor.” (Joaquim, p.43.)

Em se tratando de negritude tem-se a religiosa e sua relação com a instituição e a religiosa e sua relação com as comunidades. Se o seguimento do Evangelho

afirma que somos todos iguais, essa experiência pode ser vivenciada de formas diferentes dentro e fora da instituição. Aqui, a fala que afirma a igualdade não permite que o debate aconteça e lá, nas comunidades onde se atua, a fala contribui para a negação da sua negritude e não raro até da sua cor. Deixa-se de ser negra e se assume a identidade da congregação, tornando-se “irmã”, muitas vezes, não percebendo as falas e atitudes racistas, que acabam fazendo parte do dia a dia, mas que “passam” despercebidas ou simplesmente são ignoradas.

Sabe-se que o fato de se aceitar vocações negras, não significava a quebra do preconceito, do racismo, das humilhações... Muitas congregações ainda trazem no íntimo de suas estruturas os vestígios, a história, a mácula de um passado de segregação, podas e vozes que foram, que são silenciadas pelo racismo estrutural ou pelo racismo inconsciente que, na maioria das vezes, torna-se difícil para o não negro assumir e o não branco perceber, pelo fato de não se ter a ofensa e/ou a injúria direta.

É fato, também, que a auto-descoberta, a autoidentificação como um corpo negro, que tem uma história, muitas vezes, dá-se tardiamente. E, enquanto isso não acontece, percebe-se um comportamento servil, ou

³ Termo defenido pela socióloga feminista nigeriana Oyewùmí (1997).

acomodado no qual a zona de conforto faz com que a mulher negra religiosa consagrada não assuma a dor de seu povo como sua, não consiga perceber a discriminação e passa ver com normalidade e, até muitas vezes, reproduzindo a fala de uma igualdade entre as pessoas, não se atentando para as grandes diferenças que fazem com que uma grande porção da sociedade ainda sofra com o apagamento ou invisibilidade.

Tem-se conhecimento, também, de que o conceito de raça foi um conceito criado que atendia a interesses econômicos e políticos, que visava ao poder, como defendia Stuart Hall em seu trabalho intitulado *Raça*, o significante flutuante. O que existe é uma única raça, a raça humana, mas visto que o conceito é usado em nossa fala do dia a dia para fazer a diferença entre as pessoas e, assim, evidenciar as diferenças, não se pode fechar os olhos para essa realidade iminente

Reinaldo Azevedo, citando Joaquim Nabuco, em seu programa “O é da coisa”, que foi ao ar no dia 22/06/2021, no qual faz a análise de um anúncio de emprego para governanta, que revela a herança que recebemos da época da escravidão, afirma: “Não é que a pessoa ache que é má não, diria Joaquim Nabuco: Ela é insciente, ignorante da própria truculência e, às vezes,

quem a serve é ignorante da própria subserviência, que é quando a coisa é realmente arraigada.”

E, parafraseando Reinaldo Azevedo, em seu programa, e diante da realidade, observa-se que: A irmã não negra, muitas vezes, apresenta-se como um ser insciente, ignorante de sua própria truculência e falta de vivência evangélica, e as não brancas, muitas vezes, são, da mesma forma, inscientes, ou seja, ignorantes da própria subserviência...

“(...) É que tanto a parte do senhor era inscientemente egoísta tanto a do escravo era inscientemente generosa. A escravidão permanecerá...”
Joaquim Nabuco.

Ricardo Franklin, em seu livro *AFRO DESCENDENTE. Identidade em Construção*, traz-nos quatro estágios pelos quais a pessoa negra passa até assumir a sua negritude de maneira mais consciente. Admite que existem outras interpretações de como se dá essa construção. São eles: os estágios de submissão, de impacto, de militância e de articulação.

Estágio de submissão: caracteriza-se pela tendência dos afrodescendentes desenvolverem uma identidade não articulada em torno de matrizes culturais do grupo de referência africana, ou identificam-se com os valores do grupo de pessoas “brancas”, comumente absorvendo e submetendo-se às suas crenças e valores.

Estágio de impacto: descoberta do grupo etno-racial, vem logo após o estágio de submissão, e tal processo, geralmente, é provocado por certas experiências de choque. Passa a desenvolver-se no indivíduo a partir do momento da tomada de consciência da discriminação sofrida ao longo da vida, exercida pelo grupo de hegemonia branca.

Estágio de militância: construção de uma identidade afrocêntrica. Após a fase de impacto, inicia-se um processo de intensa metamorfose pessoal, no qual ela vai, gradualmente, demolindo velhas perspectivas e passa a perceber referências em valores etno-raciais de matrizes africanas. Ela está muito mais familiarizada com os aspectos da identidade a serem destruídos do que com aqueles para os quais se dirige. A pessoa ainda não tem familiaridade com a nova estrutura que deseja desenvolver, com a pessoa que deseja tornar-se. Existe o perigo da pessoa tornar-se fixada nesse estágio, levando-a a preservar o mesmo padrão de subjetividade que visava transformar, ou seja, uma estrutura pessoal que favorece o preconceito, nesse caso, contra a população de matriz branco-européia.

Estágio de articulação: uma maior abertura para a alteridade. Nesse estágio percebe-se que não se vence uma luta sem a ajuda de todos.

Muitas religiosas já conseguiram romper com o estágio de submissão, já integram grupos e pastorais que visam à defesa e o cuidado da população negra. Transitam entre os estágios de impacto e militância, no qual a probabilidade de assumir as características da branquitude é grande, como o olhar com desconfiança para tudo o que é produzido por autores brancos. Esse fato pode tornar-se um impedimento para o crescimento mútuo, como já defendia Franz Fanon e como Franklin sinalizou. Esse fechar pode provocar atitudes violentas, de ódio, falas atravessadas, o que fere de forma contundente o Evangelho de Cristo.

King, em resposta ao repórter Clarck, a um questionamento sobre o movimento pacifista que liderou nos anos 60, no livro "O protesto preto" responde: "Não vejo o amor como uma inconseqüência emocional nesse contexto. Não vejo como uma fraqueza, mas como uma força que se organiza em poderosa ação direta. (...) não nos engajamos em uma luta para cruzar os braços; há uma grande diferença entre a resistência à maldade e a resistência não violenta. A não resistência conduz a um estado de passividade e a uma complacência mórbida, ao passo que a resistência não violenta significa resistir decidida e determinadamente. (...)".(King, p. 72)

A luta ainda é grande, como fala muito bem o negro professor doutor Sílvio Almeida.

As relações, os conflitos raciais têm uma base muito forte nas salas de aula dos colégios e das escolas, e como proprietárias de várias instituições de educação, urge que a Vida Religiosa se atente a isso. O tema não se esgota, e traz a “furo”, desnuda, outras questões, outros temas, como a branquitude que pode enriquecer grandemente o debate, pois mostra os privilégios de uma população que há muito se encontra em uma posição de poder, seja nas instituições conventuais, seja na vida laical.

No intuito de continuar o debate sobre essas questões, iniciamos uma etapa de entrevistas diretamente com irmãs, via online, ou indiretamente, nas quais elas tiveram acesso às questões e posteriormente, enviaram-nas. Diferentemente do trabalho anterior, optamos por ocultar, em todas as entrevistas, o verdadeiro nome da irmã, bem como a Congregação a qual pertence. São reais a idade da irmã e o tempo de vida religiosa. Ir. Maria do Carmo, 50 anos e 24 anos de vida religiosa, Ir. Cássia Maria, 36 anos e 13 anos de vida religiosa, Irmã Rosa, 32 anos e 8 anos de vida religiosa e Irmã Regina, 58 anos e 31 anos de vida religiosa

1. Quais são os maiores desafios que você percebe, no que tange à negritude dentro da sua comu-

nidade, província, congregação?

Ir. Maria do Carmo: É o racismo estrutural, não é, irmã? Eu percebo, assim, que é um racismo estrutural em que as pessoas nem se dão conta de que são racistas... (...). Vidas negras importam! Mas aqui, aqui dentro. Um silêncio total. Não se fala nisso.

Ir. Cássia Maria: Eu acho que um dos desafios é nós podermos falar disso com tranquilidade, sem palavras dúbias, poder falar negro com tranquilidade, poder falar religiões de matriz africana, poder falar afrodescendente de uma forma tranquila, sabendo o que está sendo falado, ou pelo menos compreendendo em parte, e de nós podermos vencer, de fato, o preconceito e o racismo que existe dentro das nossas estruturas.

Então, quando a gente fala palavras como: racismo, preconceito, elas vêm com um peso muito grande, como se nós fossemos pessoas, pelo fato de sermos religiosas, que não cometemos essas coisas. E aí, como a gente invisibiliza o pecado a gente não consegue trabalhá-lo.

Irmã Rosa: Os desafios, hoje, no Instituto, são romper com o preconceito. Em geral, vivemos em comunidades com irmãs, de diferentes países. Por ter uma característica missionária, o preconceito começa nas que são do próprio país, pela diferença de

região, assim, estende-se ao que vem de fora do país (Xenofobia). Pela cor, somos denominados como menos inteligentes, desprovidos de cultura. No trecho do livro de Euclides da Cunha: Os Sertões (1902) “ Mestiço... é, quase sempre, um desequilibrado(...) sem atitude intelectual dos ancestrais superiores”. Retrata bem, o que ainda hoje, vivemos.

Irmã Regina: O maior desafio é conscientizar as minhas irmãs negras da sua identidade negra. Pessoas que ainda não se aceitam por terem uma pele mais clara, o cabelo mais liso e que sabemos bem que nada disso define um negro ou negra, enfim, trabalhar questões de negritude dentro é bem difícil.

2. Tendo em mente a fala do Franklin, com qual dos estágios você mais se identifica nesse momento? E por quê? Como se deu a construção de sua identidade? Quando você chegou à congregação, já tinha conhecimento de si, da sua negritude?

Ir. Maria do Carmo: Nesse momento acho que estou nesse de querer fazer uma ponte, onde as pessoas possam tomar consciência de que elas são racistas. Submissão não, o impacto eu já passei. Agora, militância. Articulação e militância.

Ir. Cássia Maria: Eu acho que, acho que já passei por cada uma,

digamos: eu acho que estou entre a militância e a articulação, estou no meio ali, descobrindo-me. Você sabe, eu sou filha de pai negro e mãe branca. Minha mãe é branca, tem os cabelos lisos e toda família do meu pai é de origem afrodescendente. E eu morava em um local em que a maioria da população é branca de cabelos lisos. Eu estava, lá, naquele contexto, e eu nunca tinha parado para pensar que eu sou negra, filha de um pai negro e uma mãe branca, eu nunca tinha parado para perceber que tudo isso constitui a minha identidade, sabe quando é que eu parei e me dei conta disso? Quando eu fui para o Rio Grande do Sul. Eu sou do norte do país, e isso para nós é muito comum. Vai havendo essa miscigenação, né? E para mim, isso era normal, eu nunca tinha parado para pensar, dentro de tudo isso, quem eu sou, quem é a Cássia e aí, quando eu cheguei no Sul, a primeira coisa que as pessoas perguntavam era “de que família tu é?” E me diziam assim. “Ah! Ela é pelo duro”, que, a meu ver, é uma expressão extremamente preconceituosa. “Ah! ela é luso-brasileira,” então, de tanto perguntarem a minha origem, um dia eu parei. “Ah! Cássia tu é filha de um pai negro e uma mãe branca”. Eu só me dei conta disso, eu só tive um impacto maior quando eu cheguei no Rio Grande do Sul, por

ser questionada o tempo todo sobre a minha origem, a origem do meu sobrenome e... de fato é uma descoberta que a gente vai fazendo, de se acolher e de se entender e que é uma descoberta que a gente precisa da ajuda de outras pessoas.

Ir Rosa: No estágio da articulação. Porque, hoje eu estabeleço diálogos que podem começar a romper as barreiras do preconceito racial no Instituto, tomando conhecimento de movimentos e ações que ajudam nesta caminhada do papel da vida consagrada negra e seu protagonismo. Quando cheguei no Instituto, foi nítido que éramos uma minoria negra, submetidas ao estilo europeu trazido para o Brasil, pelas primeiras irmãs que perduraram até os tempos atuais. Não me senti excluída, mas via que o trato se diferenciava e, algumas vezes, comentários racistas, mas isso não me abalou. Minha vocação não passa pela minha cor, eu me amo tal como sou, negra. Na minha cor está a história de meus ancestrais e isso ninguém pode tirar de mim.

Ir. Regina: Eu penso que já alcancei o estágio de articulação. Quando cheguei à Congregação, eu não tinha nenhum conhecimento da mim, como negra “empoderada”, pois vinha de uma cidade extremamente racista, que foi toda construída por

escravos-Goiana/PE. Engenhos-Casa Grande. No noviciado ouvi falar do Greni, aqui em Recife, quis conhecer, mas não foi permitido porque eu estava no primeiro ano de noviciado. No segundo ano, fui enviada em missão ao Maranhão e, lá, conheci o AGENTES DE PASTORAL NEGRAS (APNs) e foi onde tudo começou. Passei por todas as fases que o Franklin fala no seu texto. Aí, comecei a pesquisar, buscar conhecimento das minhas raízes, dos meus ancestrais. Foi um percurso muito difícil, pois as próprias irmãs diziam que era eu a racista etc. Passei a mudar a minha forma de vestir, usar colorido, que eu não gostava, usava broches com o nome NEGRA SIM.

3. Qual a sua formação? Você atua dentro da tua área? Existem conflitos pessoais e confrontos institucionais e/ou estruturais que porventura te impede de contribuir para a missão de maneira mais ampla? E como você se posiciona, caso existam?

Ir. Maria do Carmo: Sou filósofa e fiz curso técnico de cinema na academia internacional de cinema. Sou produtora e roteirista de cinema, porém, hoje em dia, eu estou em outro trabalho, totalmente diferente. Um trabalho na paróquia, dando palestras, porém, eu já falei várias vezes com a provincial que eu

gostaria de estar ajudando na parte cinematográfica e nessa parte áudio visual que fazemos para o YouTube, posso dar uma orientação. Eu tenho o estudo, a técnica e a experiência.

Ir. Cássia Maria: Sou assistente social, quando vamos escolher a nossa profissão, elas acabam sendo mais tendenciosas para um lado, ofereceram-me outras coisas, mas na época, eu recusei e me deixaram. Hoje, eu não atuo como assistente social.

Eu observo, assim, que, além de serem conflitos relacionados à questão também racial, cultural, esses conflitos são muito velados. É algo que só com muito tempo, depois de muito sofrimento você consegue perceber que os tentáculos desse racismo, dessa estrutura estavam, ali, o tempo todo fazendo pesar as coisas.

Sim, eu já tive alguns conflitos em relação a isso, sobretudo, quando estava muito forte ainda essa parte da militância, de perceber frases, expressões extremamente de cunho racista que eram repetidas pelas pessoas e, isso atrapalhava na minha missão, porque eu acabava explodindo e falando, posicionando-me radicalmente contra e indo, e, aí, talvez eu não tinha a maturidade, o manejo verbal necessário, a maturidade que provocasse nas pessoas a reflexão. Eu explodia e não conseguia compreender

como uma religiosa era capaz de falar tamanho absurdo e, agora, quando eu paro e penso: bem, ela foi ensinada a entender que os negros eram subalternos. E aí, você para e pensa: mas ela pode mudar esse jeito de pensar, ela pode...

Ir. Rosa: Sou formada em administração de empresas e teologia pastoral, atuo dentro de minha área. Neste momento, assumi o cargo de liderança de comunidade e uma missão na animação vocacional a nível provincial. Não sinto que nada relacionado a minha cor me impeça de viver bem estes serviços. Também, não posso esconder que existe um preconceito incrustado.

Ir. Regina: Minha formação é em arte, foi outra barreira que tive que derrubar na Congregação, pois todas as irmãs que iam estudar, era na área de pedagogia, eu escolhi arte. Sou arte-educadora. Já atuei na minha área em escolas nas quais trabalhei. Já atuei no conselho da minha Congregação. O grupo que está na coordenação da minha província e um grupo mais jovem, inclusive nela compõe uma Irmã Negra (embora não discute essas questões). Sim, já houve muitos conflitos, hoje, o grupo está mais tranquilo, com relação a estas discussões. Devido à própria caminhada e conquistas do negro dentro do contexto de Brasil e de mundo.

4. Como são os cargos de liderança? Alguma negra no conselho, ou a frente da província? Você já se perguntou o por quê?

Ir. Maria do Carmo: Não temos, são todas brancas. Estão à frente, mas nem sempre são aptas a estar à frente do serviço que estão realizando. Há um desconhecimento do mundo africano, do mundo egípcio. O racismo estrutural apagou a epistemologia africana, então desconhece-se. Pensam que só servimos para trabalhar em coisas pesadas. Mas temos grandes nomes nos primórdios da matemática, medicina, metalurgia...

A fala não existe. Sabemos o motivo, mas ele se oculta atrás daquilo que é velado e evitado ser dito ou admitido.

Ir. Cássia Maria: Não temos, no conselho, mas uma das negras já assumiu a direção de uma de nossas unidades e as falas em relação a ela eram, muitas vezes, pejorativas.

Nem no conselho, nem perto de ser provincial, nós não conseguimos mudar, até mesmo no processo formativo, tínhamos duas candidatas negras que saíram, não as acompanhei, provavelmente sofreram preconceito, pois reproduzimos aquilo que vivemos, percebemos na sociedade.

E a entrevista terminou com um levantar de sobrancelhas e

um sorriso contido, ao mesmo tempo de indignação e decepção.

Ir. Rosa: Sim, existe uma conselheira negra no conselho. Penso que ainda predomina o pensamento de que os negros são desprovidos de conhecimento e os espaços nas lideranças são mínimos ou as pessoas negras precisam ganhar mais confiança em seu potencial e não viver de forma submissa pela cor.

Ir. Regina: Temos uma irmã em uma instituição a nível nacional, outra no conselho da província (não fala do assunto), temos coordenadora de comunidade. A minha congregação deu um bom passo com relação à questão da negritude, poderia ter caminhado mais, porém tudo tem um tempo, ela tem o seu tempo.

Conclusões

A realidade da religiosa negra, no que tange ao seu processo de construção de sua identidade, não foge daquilo que é comum, daquilo que qualquer mulher negra, em seu processo de autocohecimento e construção, passa. Se o assunto negritude é tratado, nos institutos, e se há um incentivo para que a irmã busque fora, em pastorais do negro, coletivos, grupos como o GRENI, entre outros, a irmã pode até chegar a ter uma visão mais crítica do que a cerca e pontuar o que é racismo

ou não, o que é institucional, o que não é intencional e o que é... Ela torna-se capaz de florescer e fazer germinar. Se o assunto não é tratado e a irmã ainda traz a marca da subserviência e da submissão, é muito difícil que ela consiga avançar as etapas defendidas por Franklin. Para tal, ela precisaria ter uma base muito grande já trazida de casa que lhe propusesse romper com as possíveis dificuldades e seguir.

Durante as conversas e entrevistas, percebemos que as barreiras ainda existem, mas, quando o assunto é colocado em pauta, percebe-se a dificuldade de se fazer a ligação com o racismo, algo comum nas casas conventuais, pelo fato de não se ter a injúria direta, a ofensa direta. Erroneamente, no imaginário das pessoas, só há racismo quando ocorre a injúria. Aquilo que ocorre de forma sutil, ou até mesmo clara, não é visto, não é lido como um ato de racismo infelizmente.

A professora Kimberlé Williams Crenshaw, defensora dos direitos civis americanos e uma das principais estudiosas da teoria crítica da raça, leciona em tempo integral, na Faculdade de Direito da UCLA e na Columbia Law School e criou o conceito de Interseccionalidade, após conhecer a história de uma mulher americana que não conseguiu

processar uma empresa por duas categorias de discriminação: ser mulher e negra. O juiz responsável julgou o caso em separado. Como na empresa tinha, em seu quadro de funcionárias, mulheres e também homens negros, ela não recebeu a punição por estar praticando um ato de racismo. Contudo, na empresa, todas as mulheres eram brancas e todos os homens negros. Nem os homens e nem as mulheres ocupavam um cargo de direção.

Para pensar a discriminação contra a irmã negra, nas instituições muitas vezes, têm-se que usar, entender o termo interseccionalidade, pois ouvindo as histórias, muitas não negras passaram pelo mesmo processo de discriminação por várias razões. As negras que conseguiram romper com as barreiras da discriminação, já, saíram do estado de submissão, sentem com dor, mas reconhecem a dificuldade de se estabelecer diálogos.

O fato é que temos que avançar, tornar essa conversa algo que permeie as nossas vidas, se quisermos verdadeiramente pensar em um mundo no qual se viva a igualdade evangélica de verdade.

Terminamos este trabalho com um texto de Fanon e as palavras de uma das irmãs entrevistadas, a Irmã Rosa.

“Sou negro, realizo uma fusão total com o mundo, uma compreensão simpática com a terra, uma perda do meu eu no centro do cosmos: o branco, por mais inteligente que seja, não poderá compreender Armstrong e os cânticos do Congo.

Se sou negro não é por causa de uma maldição, mas, porque, tendo estendido minha pele, pude captar todos os eflúvios cósmicos. Eu sou verdadeiramente uma gota de sol sob à terra” (Fanon).

“Minha cor é bela, sou expressão do criador!
Quando ele pensou em mim, também pensou em você,
porém nos criou diferentes, singular...
na minha singularidade, eu amo e encontro
um outro eu, diferente de mim que aprendo a amar.
Sua cor é sua identidade, nela carrega a história,
as lutas e as conquistas, suas e de seu povo.
Não recue! Não tenha medo!
Grite ao mundo inteiro que és obra prima do Criador, é
Ele que te formou.
Pois minha cor é bela, é obra do Criador”. (Irmã Rosa)

Referências

1. FERREIRA, R.F. – Afrodescendente: Identidade em Construção. São Paulo: EDUC: Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora LTDA, 2009.
2. JOAQUIM, M.S. – O papel da Liderança Religiosa Feminina na Construção da Identidade Negra. São Paulo: EDUC: Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora LTDA, 2001.
3. CLARK, K B. – O protesto preto 1963. Massavhusetts, USA. The Beacon Press. 1963. Edição brasileira: Editora Filhos da África, 2019.
4. FANON, F – Pele negra, máscara branca. Salvador: EDUFBA, 2008. Tradução de Renato da Silveira.
5. AZEVEDO, R. Reinaldo Azevedo: A herança da escravidão num anúncio para (?) doméstica. Programa O É da Coisa. 22/06/2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AFFBoEg6B3c>. Acessado em dia/mês/ano.

PANDEMIA: DEZ CRITÉRIOS PARA A VIDA CONSAGRADA

PE. GIACOMO RUGGERI¹

Resumo

O autor propõe, à luz do discernimento e da busca de um redimensionamento da VRC pessoal e comunitário no mundo, a partir da pandemia, dez critérios, em vista de uma retomada, e não de um retorno ao passado. A cada critério uma possibilidade de reinventar o projeto carismático que não pode ser compreendido como algo fixo, mas no dinamismo da história e no aprendizado da pandemia.

Palavras-chave: pandemia, vida religiosa, redimensionamento.

Introdução

Vida e vivência da Coronavírus também com relação ao digital

Normalidade. Não é o tempo do pré-covid-19. O que chamamos “normalidade é o verdadeiro problema. Há um desejo latente de querer voltar à normalidade, sem estar plenamente consciente de que, no tempo da pré-covid, pululavam muitas problemáticas anestesiadas pelo frenético ativismo e muitas outras situações. O vírus, em

1 Presbítero da Diocese de Concordia-Pordenone/Itália. Orientador espiritual de retiros espirituais, acompanha Institutos de vida religiosa consagrada nos processos de discernimento comunitário. Artigo publicado na revista *Vita Consagrada*, ano LVII, 2021/1, Janeiro-Março, p. 44-55. Tradução Padre João Mendonça, sdb.

definitiva, mesmo com sua pesada carga negativa de morte, colocou fim a esta anestesia, desvelando com forte realismo, tanto aspectos individuais, como comunitários, que não mais irão retornar ou postergar.

O vírus colocou, diante de nossos olhos e relógios, o caminho da Igreja e da vida religiosa, todos os termos invocados pelo ativismo e atividades frenéticas (pastorais, apostolado, ministério, carisma, relações, formações, fraternidade, bens materiais e imateriais, para citar alguns).

Pandemia. Será um caminho em quatro etapas, um percurso que não pretende ser exaustivo, mas que abrirá caminhos inéditos sobre como estamos vivendo este tempo pandêmico (o covid-19, Sars-Covid-2). Um caminho pessoal e comunitário: as duas margens ao interno, das quais inicio este percurso, resultado do aspecto pessoal (como cada um de nós o vivencia), e de como transformar uma tragédia numa oportunidade. Eis as etapas do caminho a partir do presente artigo:

1. Pandemia: dez critérios para a VRC no pós-covid-19. Vida e vivência do coronavírus dentro do espaço digital;
2. Palavras da pandemia não apenas pelo Whatsapp: infec-

ção, vírus e distanciamento social, provocam a VRC de amanhã;

3. Os 10 mandamentos do Youtube: causas e efeitos da era digital na VRC em tempos de coronavírus;
4. Qual apostolado e consagração depois do covid-19? Novas perspectivas que a pandemia deixa para a vida religiosa;

Premissas

Trata-se de um risco real, o não saber enfrentar os dinamismos que a pandemia me colocou nos dias de hoje e que deixará desvelado, adiado e ampliado. Tudo que está sendo enfrentado, nos tempos atuais, já estava escondido no período pré-pandemia. Inúmeras eram as agendas repletas de fazer coisas, projetos e realizações que não foram capazes, ainda, de me estacionar.

É real o risco de dizer a nós mesmos e entre nós: “cedo ou tarde, tudo voltará ao normal e retornaremos ao que era antes”. Esta é a questão de fundo. O que eu chamo de “antes” estavam saturadas, não geravam vida, estavam anacrônicas.

É também real o risco de não encontrar respostas sábias – científicas – porque não dizem respeito a mim, mas aos outros, e

as respostas que brotam em mim são: “Tu, ó Deus, falaste, gritaste a mim nesta pandemia. E, agora, qual é a minha resposta a tantas inquietações?” Se eu buscar a resposta no pré-covid, ficarei frustrado, e no dizer de Papa Francisco, “pior do que esta crise é o drama de desperdiçá-la”. A expressão constante, do Papa, da perigosa sentença “sempre foi assim”, é atualíssima, nesta pandemia, quase a tentação de retornar a dizer: “Esperemos que chegue outra vacina, preparemo-nos, também, para outra onda de novos vírus e depois retornaremos a ser aquilo que éramos antes”.

Com os 4 artigos que serão publicados, na revista Vida Consagrada, durante este ano, pretendo abrir novas pistas, sobretudo, saber ouvir os apelos que, este tempo pandêmico me está proporcionando.

1º Critério: A vida consagrada não coincide com a vitalidade do Instituto

O primeiro obstáculo com o qual a VRC teve que enfrentar, graças a pandemia, é este: acreditar que a vida consagrada seja sinônimo de vitalidade do instituto. Várias vezes, encontrei governos gerais que repetem o pensamento: “O instituto é florescente graças às atividades que realiza e garantem o

nosso futuro.” A vida religiosa fundamenta-se em Cristo e na cruz. As atividades, mesmo com seus benefícios e significado, no território, não são determinantes para a vida religiosa. Os aplausos e reconhecimentos já fizeram naufragar muitos institutos e muitíssimas pessoas na vida religiosa. A verdadeira vitalidade de um Instituto é ponderada pelos religiosos (as) e pela fé de seus membros. Para muitos religiosos(as), a busca de resultado no apostolado, o afã pelo sucesso, está sendo um caminho de perda vocacional, aridez espiritual e os conflitos na vida comunitária. A expressão que, muitas vezes, escuto dos religiosos (as) e que confirmam o que digo é “padre, eu permaneço no Instituto fechado (a) fazendo a minha vida”.

2º Critério: A pandemia encontrou uma forma de vida espiritual frágil: recuperação do acompanhamento.

Sem avisar, rápido e invasivo, o vírus caiu sobre todos (as). A quarentena não foi tão pesada e muito menos as restrições impostas. O peso maior foi sentido na vida espiritual – interior – frágil e debilitada, limitando ao “mínimo o cotidiano” do ser religioso (a), oração comunitária, missa, confissão, devoções.

Fazer os devidos descontos e atalhos sobre a vida espiritual, sobre a direção espiritual, os exercícios espirituais, vividos como um cartão a ser marcado cada dia e não como um verdadeiro sentimento de pertença que adverte sobre o agir de Deus e do demônio, está sendo uma nova realidade.

A pandemia ajudou-me a perceber que o acompanhamento espiritual não coincide com a confissão. A confissão é um componente importante da vida espiritual pessoal, porém, chama em causa o confronto constante, não com uma pessoa muito mais forte que eu, mas com algo que se reconhece numa forma de ser diferenciada – Deus e o demônio – porque sozinho (a) não consigo entender.

A questão, portanto, não é que aparecem determinados fatos e eventos na minha vida – mesmo os traumáticos e de difícil compreensão – mas a questão é como e de que forma os enfrento, aprendendo a buscar a vontade de Deus em todas as coisas, ou seja, em tudo.

3º Critério: Abandonos, demissões, entradas: exercício do saber discernir comunitariamente.

O tempo de pandemia, para muitas religiosas(os), foi uma

A pandemia ajudou-me a perceber que o acompanhamento espiritual não coincide com a confissão. A confissão é um componente importante da vida espiritual pessoal, porém, chama em causa o confronto constante, não com uma pessoa muito mais forte que eu, mas com algo que se reconhece numa forma de ser diferenciada – Deus e o demônio – porque sozinho (a) não consigo entender.

pancada forte. As pessoas com situações psicológicas fracas, com tendência a ansiedade e depressão, com aspectos obsessivos-compulsivos, viveram a pandemia com multipandemias. Acompanhei pessoas consagradas que afundaram em crises, não pela pandemia em si – mesmo que tenha sido muito forte – mas, porque o tempo pandêmico acelerou, fortemente, os dinamismos que estavam escondidos no inconsciente. Acompanhei Institutos que tinham processos de demissões de pessoas e a pandemia bloqueou tudo. Em alguns casos, as tensões se multiplicaram;

em outros, o tempo se revelou providencial para rever os processos que foram feitos, de forma, muito acelerados e escolhas que vinham sendo empurradas com a barriga, com sentimentos, muitas vezes, corrompidos e amargos de ambas partes – pessoa consagrada e governo – Portanto, na desgraça, vi claramente a presença da graça de Deus.

A pandemia escreveu em letras garrafais, nas paredes dos Institutos que o discernimento não pode ser feito quando há um problema, como dar um remédio a um paciente. Não pode ser assim. O discernimento é um saber respirar cotidiano que usa os dois pulmões, da pessoa e da comunidade, ou corre-se o risco de realizá-lo, sem acreditar em sua eficácia ou sem crer em sua efetividade. Abandonos, demissões, entradas não devem ser uma mera questão de muito ou poucos do Instituto, às vezes, silenciada como um aborto, mas são momentos preciosos de exercitar o discernimento comunitário. Abandonos repentinos, fugas do Instituto, lama e escândalos oriundos de escolhas imorais são passos que devem ser considerados no percurso de uma Congregação. Quanto mais me exercito, pessoalmente, no discernimento ativo, menores são os estragos que o demônio produz. Quanto mais ajudo todo o Instituto a exercitar, constantemente, o discernimento comunitário,

maior será a consciência adquirida sobre a profundidade do processo, mesmo sem excluir que os desvios e falhas possam acontecer.

4º Critério: preparar a comunidade para os reversíveis caminhos do provisório

Por alguns meses, vivi com uma comunidade monástica beneditina. Tive a oportunidade de estudar e aprofundar a Regra da Ordem. Como padre diocesano, procuro constantemente nutrir-me das espiritualidades de hoje (inaciana, beneditina, franciscana) e sou sempre levado a reforçar a minha estabilidade e equilíbrio interior. Descubro que a *stabilitas loci* (estabilidade de local), da qual fala a regra de São Bento, no entanto, mais do que o texto da Regra, trata-se do lugar da interioridade onde habita a relação com Deus.

Por muitos anos, a VRC conectou a estabilidade ao slogan de que muitos jovens poderiam se sentir até mais idosos apenas entravam no Instituto: “recorda-te, caro, que aqui as coisas sempre foram feitas desta forma e nisso está a força do instituto!”² Posso dizer que essa frase, pelo que tenho observado, causou e causa muitos danos.

2 Pessoalmente nunca ouvi este tipo de frase no meu Instituto. O que chamavam a atenção era a obsessão de reformar por reformar, não sei se tem o mesmo sentido.

A pandemia não descobriu nada de novo, somente revelou que muitos governos de Institutos e Congregações negam admitir e aceitar, como ocasião apropriada de que: a estabilidade de um Instituto não provém apenas de regras, normas, processos, percursos que a cada década são afirmados e pelos quais as coisas funcionam. É bom recordar que a base de cada discernimento é a realidade, e não a sua mera construção.

A estabilidade, paradigma fundante e fundamental, foi sempre pensada e exercitada na vida religiosa como rigidez. Uma espécie de imobilidade e imobilismo, pensado de forma errônea, pautado na perpetuidade de um determinado estilo de governo geral, de uma formação, às vezes não amadurecida, uma gestão do apostolado sem autocrítica e sem constante discernimento, tenha mais sucesso.

Em muitos Institutos, por décadas, dominou-se o lema “equipe que vence não se muda”, construindo, de fato, superiores (as) com personalidades religiosas que nem sempre são de sucesso. Considerando que a maior parte dos Institutos e Congregações determinam seis anos de mandato e, se há reeleição por dois ou três mandatos, corre-se o risco de ficar pelo menos duas décadas de estabilidade sem mudanças.

Nos mosteiros de clausura, apesar de que nesses anos houveram mudanças, às vezes, um mandato chegava a 35-40 anos com o mesmo abade ou abadessa.

É necessário preparar, como governo geral, a estrutura de comunidades com reversibilidade. Exemplo: quando uma comunidade, durante um período, desenvolve um serviço, num território, e nunca dedica um tempo para refletir sobre a missão, em vista de fazê-la crescer mais, sem mudar as pessoas, apesar das mudanças, no território, ela apenas gera uma comunidade de pensamento irreversível, rígido. Por isso, quem chega na comunidade sabe que, para permanecer, deverá, simplesmente, adequar-se, pagando um preço altíssimo. Por outro lado, quem está na comunidade há anos, não permite que nada mude. Caso se queira acabar com as pessoas e o Instituto, esta é uma opção muito rendável.

É urgente preparar caminhos de provisoriedade. Por mais doloroso que seja refletir, pesquisar sobre o território, o lema “será sempre assim” é uma realidade que não prospera. O número de abandonos e de demissões nos Institutos falam por si mesmos e experimentam que não mover nada é uma solução desastrosa e que nada contribui para a vida religiosa. Tenho encontrado, nos retiros espirituais e na formação

Em muitos Institutos, por décadas, dominou-se o lema “equipe que vence não se muda”, construindo, de fato, superiores (as) com personalidades religiosas que nem sempre são de sucesso. Considerando que a maior parte dos Institutos e Congregações determinam seis anos de mandato e, se há reeleição por dois ou três mandatos, corre-se o risco de ficar pelo menos duas décadas de estabilidade sem mudanças. Nos mosteiros de clausura, apesar de que nesses anos houveram mudanças, às vezes, um mandato chegava a 35-40 anos com o mesmo abade ou abadessa.

permanente pessoas, que transformaram o “será sempre assim” numa espécie de adaptação, na busca da sobrevivência para seguir adiante, transformando a casa religiosa numa espécie de resort e esconderijo.

Quando me refiro a preparar caminhos de provisoriidade, não entendo algo temporário, nem muito menos instável. Provisório, entendo como um caminho que não posso garantir como uma meta, mas gerar uma

personalidade equilibrada que tenha como base a interioridade da pessoa, pois, alguns religiosos (as) são mantidos, na instituição, quando deveriam ser ajudados a se retirar, colocando no centro da questão o bem viver da pessoa, mais que números para o Instituto, para aumentar a estatística, porém, quando chegam nas comunidades, tornam-se meros nomes na hospedaria. Já tive a constatação de encontrar percursos formativos, muitas vezes, de pessoas que deixam a vida religiosa, com critérios totalmente irreais. Às vezes, escuto o comentário “A Congregação Romana produz muitos documentos, no entanto, continuamos indo pra frente fazendo o de sempre”.

“Comunidade reversível” e “caminho provisório” são uma das heranças da pandemia à vida religiosa de hoje e do futuro. É necessário estar preparados para este novo processo, para não ter a duras penas, de reconhecê-lo mais tarde.

5ª Critério: preparar-se para acompanhar crises que voltarão, aridez inédita

Quando, no passado, uma pessoa consagrada, estava em crise, tinha dois cenários: ou era transferida da comunidade ou mudavam o local de apostolado. Nos

tempos atuais, a contribuição das ciências humanas e também nos corredores dos Institutos e Congregações, a saída é enviar o religioso (a) para o divã do psicólogo.

É fato, porém, o religioso (a) atormentado pela eclosão da crise, percebe, diante de si, outro problema: o isolamento. Pensa-se a crise como problema da pessoa e cria-se uma espécie de falimento do processo, sem caminho de volta, sobretudo, se a crise envolve religiosos (as) reconhecidamente inteligentes, com boa reputação, com funções importantes do Instituto.

A crise, no entanto, é uma fase que abrange a pessoa e o Instituto. O ideal de uma vida religiosa de perfeição gerou, ao longo dos anos, feridas, traumas, mortes. Danos que foram sendo sobrepostos e sem solução, porque a perfeição não é possível nem ontem, nem hoje e nem será amanhã. Ao acolher a escuta, às vezes sofrida, de religiosos (as), já toquei, com as mãos, as distorções da perfeição que anulam a pessoa totalmente, mesmo quando este ideal de vida permanece intocável. Para muitas pessoas, a expressão “ser perfeito” é vivida como um trabalho fatigoso, estressante de eliminação da própria pessoa, de suas fragilidades, confusões, fadigas, dependência, patologias

como se fossem impedimentos para aderir a Jesus Cristo. Nem comento, aqui, o sofrimento recolhido na intimidade com uma grande sobrecarga de sentimento de culpa.

Quando um religioso (a) está em crise, a primeira atitude não pode ser aquela de se refugiar, de se isolar, muito menos de assistir comentários que circulam entre os membros do governo, no whatsapp, que comentam, “eu já tinha dito que este seria o fim desta pessoa.” A crise é uma etapa, igual àquela da entrada no Instituto, à profissão temporária e perpétua, que o governo do Instituto deveria saber enfrentar com inteligente discernimento. Da minha própria experiência, considero que a crise tem várias etapas:

- 1ª etapa: o cuidado da pessoa, por parte do instituto sem esconder, nem minimizar, adocicar com remédios sem efeito;
- 2ª etapa: saber escutar, com paciência, a pessoa, porque cada crise não é algo de minutos, mas de tempo. Por isso, é necessário uma memória narrativa, primeiramente, por parte de quem governa o Instituto, porque a paternidade e maternidade espiritual exerce-se quando a pessoa é acolhida, no início, durante o desenrolar

da crise ou, eventualmente, quando acaba sendo encaminhada para a saída da vida religiosa;

- 3ª etapa: possibilitar que a pessoa possa ir para um outro local, diverso da comunidade do Instituto, dando condição de ser acompanhada por alguém que o Instituto confie, num clima de família, onde trabalho e oração ajudem num processo de discernimento. Há casas, por exemplo, a dos Jesuítas, que mesmo no cotidiano do trabalho, desenvolvem esse tipo de acolhimento e prestam o valioso serviço para as pessoas que os Institutos enviam, ajudando-nos a colocar em ordem algumas situações do projeto de vida;
- 4ª etapa: o serviço de ajuda psicológica pode ter um bom resultado, contudo, o serviço de um profissional é recomendado apenas quando necessário. Não é bom alimentar ilusões que somente isso pode tranquilizar o Instituto. A competência, em todo tratamento, é um mosaico muito amplo. À base de muitas crises, há a questão relacional, ou seja, a própria pessoa que rever sua vida e o governo do

Instituto que busca, rapidamente, resolver o problema, com menos danos possíveis. A busca de um lugar onde a pessoa possa ser ajudada, gradualmente, a vomitar todas as toxinas internas é um passo importante para o processo de superação;

- 5ª etapa: a meta da crise não é ajudar a pessoa a sair do instituto ou voltar. Essa escolha deve ser o resultado da maturidade, da pessoa, no processo de discernimento. O objetivo é ajudar a pessoa a assumir sua própria vida, colocar em ordem suas vivências dando novo sentido e significado, sabendo avaliar seu processo existencial, sabendo elencar seus motivos, novas escolhas e decisões. Entender quais são os sujeitos e de que modo a pessoa se orienta, é fundamental para o bom êxito. Deus e o diabo coabitam em cada um de nós. A crise, de modo particular, é o lugar da habitação do demônio e também de Deus.

A causa da aridez, de muitos religiosos(as), no cenário atual, é o uso abusivo da internet e do celular, quase uma escravidão digital. Contudo, não há espaço, aqui, para adentrar nesta reflexão, talvez em outro artigo. O tempo de lockdown comprova o

que estamos constatando. O fato de muitos estarem, por meses isolados, tendo o celular como único companheiro, influenciou no modo de ser, na psiquê, na vida interior. Em outra ocasião, espero poder escrever sobre esse fenômeno.

6º critério: discernimento mais comum: redimensionar o carisma

Antecipei, no 3º critério, o confinamento que está, em ato nessas últimas décadas, na vida eclesial, não apenas a VRC, do paradigma do discernimento pessoal e comunitário. Era necessário um Papa jesuíta para que o discernimento voltasse a ser um tema recordado cotidianamente.

Na pandemia, para muitos Institutos, a situação tornou-se dolorosa e uma prova de teste para o próprio carisma. São muitos os institutos, cujo cartão de visita, são as escolas. No entanto, foram, exatamente, as escolas que fecharam, em muitos Institutos devido ao coronavírus. Escolas que, por muitos anos, foram verdadeiras bênçãos para o território e para muitas famílias, agora, improvisamente, fecharam, ficando a pergunta sobre o que fazer com o imóvel.

A pandemia, assim entendo, está ajudando a muitos institutos

e Congregações a redimensionar o próprio carisma. Entenda por redimensionar, a capacidade de avaliar quando um serviço chegou ao seu término e pede ao Instituto não de acabar, mas de reinventar-se. O carisma do Instituto não é sinônimo de acabamento terapêutico segundo o pensamento do fundador (a). Muitos carismas, de Institutos, que existem, hoje, na europa, nasceram em 1800, século XIX; portanto, imaginar que se pode manter, de pé, a mesma estrutura fundacional, com o sangue dos inícios, com a ideia fixa de não trair o carisma, é uma grande ilusão. É, sim, uma traição ao carisma, quando não se procura encarná-lo no momento histórico atual.

7º critério: fechamento de casas, serviços e abertura nas periferias

Esse critério está unido ao anterior. A pandemia, para muitos Institutos e Congregações, além do fechamento de estruturas escolares, trouxe uma avalanche de fechamento de presenças, com o redimensionamento. As casas de espiritualidade, as casas de formação, nas quais as normas de distanciamento, de higiene e do acatamento das orientações sanitárias para evitar o contágio, deixaram feridas enormes. Durante a quarentena, os jovens tiveram a

oportunidade de marcar encontros por meio das plataformas digitais, com perguntas do tipo: o que vão fazer com as nossas casas? Algumas escolhas já estavam em andamento, antes da pandemia, e outras aceleraram, porém, muitas foram inéditas, até então inimagináveis. A pandemia deixa aos Institutos e Congregações o critério de não crescer, colocar-se à mesa do diálogo, estabelecer o discernimento comunitário e provincial. Trata-se de um tempo inédito de abertura e não de fechamento ou fuga do mundo. O ponto central de tudo isso, sobretudo, com o fechamento de presenças, mudança de pessoal, não é a questão central, mas é preciso saber interpretar quais são as periferias existenciais que estão interpelando os Institutos e os governos das Congregações. Agora, atenção: não se pode correr o risco de dizer: como governo central ou provincial, não devemos refletir sobre o carisma em si, porque se queremos falar de carisma, só existe apenas um, o do Evangelho e da cruz.

8º critério: pensamento ecológico, fluxo migratório, impacto da inteligência artificial, novas sensibilidades.

Estamos tocando, com as mãos, um dos efeitos da globalização: de um mercado chinês um vírus chegou até a minha casa. A vida

religiosa, sobretudo na pandemia, está sendo chamada a não permanecer na janela, mas a descer no asfalto ou no barro, colocando mãos, energia, vontade, pessoas, coração nas novas sensibilidades que caracterizam a humanidade hoje.

O aquecimento global e a questão ecológica, por exemplo, não são “coisas do mundo”, mas pede a todos nós, homens e mulheres da vida religiosa de sermos protagonistas. O pensamento ecológico, um dos sonhos de Francisco, não pode ser reduzido apenas a gestão dos objetos descartáveis, mas colocar na agenda da congregação a questão ecológica sistematizando um projeto de ação e de reflexão. Isso significa ativar um caminho de reflexão e de etapas que ajudem a todos no Instituto, inclusive os funcionários das casas, colaboradores, benfeitores, pais etc, a criar uma mentalidade comum, de ação para preservação da “casa comum”. Desse modo, a abertura para o uso da inteligência artificial e o impacto da mesma sobre nossas vidas será mais concreta e viável.

9º critério: narrada, personalizada, digitalizada: o futuro da formação inicial e permanente.

Limito-me a breves comentários. A formação (inicial e

permanente) está em crise, não porque não seja necessária, mas porque é muito fatigosa. Dos itens elencados, acima, faz-se urgente individualizar, como Instituto e Congregação, lugar, ambiente, relações, situações externas à própria estrutura onde acontece a formação dos religiosos e religiosas. O mundo leigo é rico dessas oportunidades, portanto, é necessário deslocar a formação dos espaços tradicionais para que seja mais concreta, robusta, integral.

10º critério: do fascínio pessoal à mística da cruz: a questão da autoridade.

Conviver juntos (as), na mesma casa, sem poder sair por longos meses, foi um dos preços altos da pandemia. Muitas relações progrediram, outras causaram desequilíbrios e alguns levaram ao estresse psicológicos, até histerias. A pandemia mediu, na minha própria carne, os meus limites. O fascínio carismático não fragilizou-se diante do tsunami psicológico pandêmico. Muitos religiosos (as) sentiram

o que sentiam muitos homens e mulheres da Bíblia: abandonados por Deus. Os Institutos e as Congregações, de recente fundação, que ainda têm fundador (a) vivos, tocaram, com as mãos, a realidade de que não basta ter a pessoa carismática em casa para garantir a harmonia. O fascínio pessoal, antes ou depois, tende a ser colocado aos pés da cruz, único caminho da verdade. Muitas comunidades de religiosos(as), na Europa e em outros continentes, sentiram a mesma inquietação e avaliação do mérito.

Para refletir

- **O que mudou em mim, na comunidade, após o pico pandêmico?**
- **Quais aspectos da minha vida, da Província, da comunidade, foram redimensionados ou tornaram-se ainda mais rígidos?**
- **Quais feridas foram abertas e quais estão em processo de cicatrização?**

A EXPERIÊNCIA DO DESERTO NA ESPIRITUALIDADE SALESIANA: OS SONHOS DE DOM BOSCO COMO FONTE

PE. JOÃO DA SILVA MENDONÇA FILHO, SDB

Resumo

O autor apresenta a experiência do deserto na espiritualidade salesiana, por meio dos sonhos de Dom Bosco. Uma luta religiosa, na qual se manifesta a graça de Deus e o demônio, que levou o santo dos jovens a desenvolver, no seu sistema educativo, uma práxis de convivência preventiva à luz de uma profunda intimidade com Deus. A partir da experiência rural de João, passando pelo chamado vocacional, até as ciladas do demônio e à forma providente de Deus, que guiou as escolhas e a fidelidade criativa de Dom Bosco, é possível

descrever uma espiritualidade tipicamente salesiana.

Palavras-chave: deserto, espiritualidade, demônio.

Introdução

Quando pensamos em sonho, às vezes, temos a impressão de que são apenas descargas inconscientes no sono profundo. O psiquiatra Carl Gustav Jung (1875-1961), suíço, desenvolveu seu pensamento em diferentes temas, mas é na análise do inconsciente e dos arquétipos que ele nos ajuda a entender um pouco

mais os sonhos de Dom Bosco. Evidentemente, não irei, aqui, desenvolver a teoria de Jung, não tenho esta competência, mas quero me apropriar das intuições para desenvolver um dos temas que mais me encanta na espiritualidade: a Revelação de Deus nos sonhos. E, posso, até, afirmar com certo temor, que, no caso de Dom Bosco, esta realidade é forte, evidente e não dá para escapar.

Desenvolverei o artigo em alguns paradigmas, que alimentaram e formaram o imaginário religioso de Dom Bosco e que foram transmitidos por ele aos seus seguidores. Ele tinha uma capacidade enorme de agregar recursos humanos, projetar realidades que as pessoas não conseguiam sequer imaginar, romper com interditos e, ao mesmo tempo, manter princípios morais e religiosos considerados, por ele, intocáveis. Neste sentido, Dom Bosco foi um padre conservador, antirreformista, firme em suas convicções, sem ser prepotente.

Com o objetivo de evitar um artigo demasiado longo, não desenvolverei um estudo sobre todos os sonhos, isso seria também impossível para mim. Meu campo de ação será a maturidade vocacional que os sonhos proporcionaram a Dom Bosco e o combate espiritual – deserto – que configuraram sua espiritualidade.

O ambiente rural que não saiu de João

João Melchior Bosco (1815-1888) nasceu numa região de camponeses, marcada pelo trabalho árduo na terra, de sol a sol. Sua infância está impregnada em sua memória, em suas fantasias de menino, adolescente, jovem e adulto. O ambiente religioso das colinas, vales, vinhedos dos Becchi nunca saíram de sua imaginação. Quando adulto e com sua obra iniciada, todos os anos, voltava à terra natal com seus jovens e salesianos. Os passeios eram festejados de forma religiosa e lúdica. Tudo concorria para reacender, podemos dizer assim, a chama daquele ambiente verde e curativo para ele, ao mesmo tempo que relembrava os ícones das torres das igrejas e das devoções marianas que permearam sua íntima relação com a Mãe de Deus.

Pode-se dizer que todo este ambiente rural é um grande arquétipo que formou o ego de João, acumulando, em sua memória, fatos e personagens que nunca desapareceram, como sua mãe, Margarina Ochiena, padre Calosso, o primeiro padre com o qual teve contato e manteve grande amizade e admiração, seus irmãos José e Antônio, personalidades diferentes que marcaram e forjaram o caráter de João.

O padre João Bosco foi um homem de grande memória, capacidade incrível para decorar textos e proclamar, aprendeu vários ofícios para sobreviver quando jovem; enfim, todo este material ficou, sempre, latente em sua prodigiosa memória afetiva. Não é de se estranhar que padre João Bosco tivera sensações fortes diante de fatos, pessoas e desafios. Quando não tinha dinheiro e estava endividado, colocava os jovens e os salesianos para rezar e saía pela rua sem rumo, praticamente a esmo, perdido, pensativo, e sempre encontrava alguém que o ajudava com o dinheiro que ele necessitava¹. O que movia este homem imbuído da presença de Deus? Por que ele nunca se sentiu abandonado ou perdido em meio a tantas adversidades de seu tempo: perseguição religiosa, mudança política na Itália, a miséria e o abandono de numerosos jovens, as pestes, a fome, os conflitos com a própria hierarquia eclesial, amizade com políticos influentes e, ao mesmo tempo, contrários à Igreja. Diante de todas essas situações, o padre João Bosco não se intimidou, nem buscou proteção para si, mas unicamente o bem dos jovens.

Seu pensamento era lógico, centrado em argumentos fortes.

1 LEMOYNE João Batista, Memórias biográficas de São João Bosco, vol. VI, tradução Luiz Bazzanello, Osmar Bezutte, Augusto Bartoli, Brasília: EDEBÊ, 2020, p. 189-190.194

Realizou com seriedade os estudos básicos para a ordenação (filosofia e teologia), com rigor e disciplina pessoal que chegou até o esgotamento físico. Era exigente consigo mesmo. Mortificado, cuidador de sua reputação, transparente em suas amizades e, ao mesmo tempo, amável, comunicador e sabia agradar as pessoas, no momento certo, sempre tendo como meta conseguir manter sua obra e abrir os ricos à caridade. Aliás, o padre João Bosco sabia como conquistar os nobres e ajudá-los a abrir seus tesouros, para servir aos mais pobres, porém, ele nunca se beneficiou de privilégios econômicos para si. Sua mão era estendida para doar, porque seus sentimentos eram movidos pelo princípio da compaixão.

Porém, esse padre João Bosco continuou sendo o camponês dos Becchi, com a batina surrada como a roupa de um agricultor, com os sapatos furados, como as botas do trabalhador, as mãos calejadas, como as mãos de quem trabalhou no cabo da enxada. Pobre camponês que nutria o gosto pelo trabalho e produziu livros sobre a história da Itália e eclesiástica, panfletos, textos devocionais, narrativas bíblicas para os jovens; enfim, uma coletânea literária riquíssima numa época de pouca educação formal. Ele usou de toda sua imaginação

para fazer chegar aos jovens e ao povo mais simples e até aos nobres, a doutrina da Igreja. Um escritor fantástico que ainda precisa ser descoberto.

Toda sua produção nasceu do olhar atento de um camponês migrante que deixou a zona rural, mas que nunca arrancou de sua personalidade o seu ser homem do campo.

Os sonhos vocacionais de João menino a João padre

A lista é enorme. O primeiro salesiano a catalogar e, até, escrever os sonhos de Dom Bosco foi o padre Júlio Barberis, primeiro mestre de noviços da Congregação. Com sua habilidade, conseguiu organizar, até 1875, 14 cadernos com sonhos de Dom Bosco e os entregou, antes de morrer, ao padre José Vespignani².

Apresentarei, em partes, esses sonhos, para ajudar numa visão mais sistemática da questão, visto que os sonhos são complexos, há visões e sonhos misturados. É necessário, portanto, distinguir o que seja sonho a nível psicológico, teológico e pedagógico-pastoral, como apresenta Pietro

Porém, esse padre João Bosco continuou sendo o camponês dos Becchi, com a batina surrada como a roupa de um agricultor, com os sapatos furados, como as botas do trabalhador, as mãos calejadas, como as mãos de quem trabalhou no cabo da enxada.

Stella em seus estudos³. Mas, ainda temos que considerar o contexto social, eclesial e espiritual de Turim e da Itália, os tempos de Dom Bosco⁴. Este cenário é importante para compreender o significado espiritual ao qual, nos propomos, na tentativa de revelar o deserto, como lugar de amadurecimento humano e espiritual de Dom Bosco, à luz da cultura que o envolvia, rural urbana, que lhe ofereceram temas, formas, linguagens de cunho espiritual⁵.

3 GIRAUDO Aldo, Lo stato degli studi sui "sogni" di Don Bosco, , In BOZZOLO Andrea (a curadi), I sogni di Don Bosco esperienza spiritual e sapienza educativa, p. 133s.

4 EZIO Bolis Echi di um mundo. Note sul contesto storico-spirituale riflesso nei sogni di Don Bosco, In BOZZOLO Andrea (a curadi), I sogni di Don Bosco esperienza spiritual e sapienza educativa, p. 144ss.

5 Ibid, p. 143.

2 MARIO FISSONE, Recezione e trasmissione dei sogni de Don Bosco, In BOZZOLO Andrea (a curadi), I sogni di Don Bosco esperienza spiritual e sapienza educativa, ROMA: LAS, 2017, p. 498.

SONHO	DATA	IDADE DB	ARQUÉTIPO
Vocacional (1ª inspiração)	1824/ 1825	9/10	Cabritos, ursos, meninos, luta, homem venerando, Senhora majestosa.
Vocacional (revisão de vida)	1831	16	Não identificado.
Vocacional (proativo)	1831	16	Senhora, rebanho de ovelhas, Senhor vestido de branco.
Vocacional (2ª inspiração - missão)	1836	21	Meninos bagunceiros, luta, grande cidade.
Vocacional (território da missão)	1844	29	Lobos, cabras, cabritos, cordeiros, ovelhas, lobos, cães, pássaros, pastora, campo, pastores, igreja.
Vocacional (expansão da missão)	1845	30	Multidão de jovens abandonados, campo, igreja, santos mártires, virtude da obediência.
Vocacional (3ª inspiração – institucionalização)	1884	68	Cidade urbana, multidões de jovens, bela senhora, mãe da Igreja.
Vocacional (conclusão)	1886	70	Retorna à zona rural, colinas, caminhos, cidade urbana, personagens falecidos, continentes.

O sonho dos 9/10 anos, entre 1824 e 1825, não se tem uma data fixa, “condicionou todo o modo de viver e de pensar de Dom Bosco, sobretudo a maneira de sentir a presença de Deus na vida de cada pessoa e do mundo”⁶. As fontes desse sonho é o resultado de uma sucessão de narrativas e, até escritas, segundo Bozzolo, citando Lemoyne, um dos grandes biógrafos de Dom Bosco. A primeira é a fonte A, encontrada nas Memórias do Oratório de

São Francisco de Sales (MO), redigida pelo padre João Bosco; a fonte B é uma narrativa de Dom Cagliari, no processo de canonização de Dom Bosco. Segundo ele, Dom Bosco narrou o sonho entre 1858-1859, depois da visita ao Papa Pio IX, quando narrou, ao pontífice, o sonho e recebeu a ordem de escrevê-lo; a fonte C é do padre Júlio Barberis que praticamente repete a de Dom Bosco; a fonte D é de José Turco, amigo de infância de João Bosco que recebeu, segundo ele, de outra pessoa; a fonte E, é uma narrativa do padre Miguel Rua,

6 BOZZOLO Andrea, Il sogno dei nove anni, In sogni di Don Bosco esperienza spiritual e sapienza educativa, Op.Cit., p. 211

referindo-se a José Turco, e, segundo ele, quem narrou o sonho foi a irmã de José, Lúcia Turco; a fonte F, é uma breve narrativa de José Turco, no processo de canonização de Dom Bosco. Segundo o padre Desramaut, as narrativas A \ B e C provêm do mesmo Dom Bosco; enquanto as D, E e F, da família Turco.

Importante, ainda, destacar que as Memórias do Oratório(MO) foram escritas entre 1873 a 1875. O texto sofreu correções e foi finalizado em 1879. É fato que esse sonho se repetiu várias vezes e foi escrito por Dom Bosco 50 anos depois⁷. Segundo Bozzolo e da minha parte, esse sonho foi uma profunda experiência espiritual de Dom Bosco, que queria envolver os salesianos na sua mesma experiência fundante carismática, memória afetiva de uma experiência viva e amadurecida, dentro de uma concepção onírica, nunca ilusória que esconde a verdade, como defendia Freud, mas em conexão com a realidade.

Podemos, até, perguntar-nos se o sonho foi menosprezado por João Bosco, seguindo o conselho de sua avó Zucca que lhe disse: “não devemos dar valor aos sonhos”. De fato, o padre João Bosco não lhe deu um valor central, mas nunca o esqueceu. As suas repetidas

narrações fizeram-no amadurecer na compreensão de que sua missão era uma intervenção divina. Karl Rahner, um dos grandes teólogos do século XX, afirmou, categoricamente, que “a possibilidade de uma revelação privada por meio de visões, sonhos e escuta, é para um cristão, fundamentalmente, concreta. Deus, enquanto Deus pessoal e livre, pode fazer-se sensível ao espírito criado, não apenas por meio de suas obras, mas também de sua palavra, livre e pessoal”⁸. É possível concluir dizendo que o pare João Bosco, ao narrar o sonho, ressignificou os fatos que já estavam em andamento, como a opção pelos jovens abandonados, a fundação da Congregação e a expansão missionária.

O grande pilar do sonho foi a memória afetiva de padre João Bosco, quando começou a escrever suas memórias aos 57 anos, e conclui aos 63. A Congregação já estava praticamente estruturada. É fato que a presença providente de Deus foi clara e transformou a sua vida, cujas bases são a história e a interpretação. Isto nos deixa uma boa margem hermenêutica, para visitar o sonho com algumas características consideradas por nós, a saber: 1^a inspiração; revisão de vida; proatividade; 2^a inspiração; território da missão; expansão

7 Ibid, p. 212; DA SILVA MENDONÇA FILHO João, O sonho dos 9 anos, 1^a Ed., São Paulo: Palavra & Prece, 2014.

8 RAHNER K., Visione e profezie, vita e pensiero, Milano 1995, p. 37.

da Congregação; 3ª inspiração e conclusão. Esses elementos irão, aos poucos, constituindo o deserto, o lugar de combate, que aparecerá nos sonhos no qual o demônio, o sacramento da confissão e eucaristia são bem evidentes.

1ª inspiração

O processo fundacional de uma Congregação religiosa começa quando o fundador é atraído por Deus para uma missão específica e, podemos dizer, como um enxerto na vida da Igreja. Quando Jesus disse: “Eu sou a videira e vós os ramos” (Jo 15,5), o ramo está na videira, pode até receber um enxerto, mas precisa permanecer unido para receber a seiva e crescer. Assim, é o carisma do fundador. Pode até não existir, mas, quando é colocado na videira, permanece e dá frutos (Jo 15,7). Constatamos que na vida do padre João Bosco, a revelação do sobrenatural é evidente, quase escandalosa, no bom sentido da palavra.

Antes de entrar no assunto relativo ao padre João Bosco, acredito que seja interessante apresentar uma distinção entre inspiração direta e indireta, para melhor entender o fenômeno nele, pois a intervenção de Deus, na vida dos fundadores, tem modalidades muito diversas que

caracterizam a personalidade de cada pessoa⁹. Uma inspiração direta, ou imediata “é uma graça de ordem mística, na qual Deus manifesta, de maneira clara e obscura, a sua vontade a respeito do fundador (a)”¹⁰, por meio de vozes, visões ou sonhos, a exemplo de Ângela de Mérici, Paulo da Cruz, Inácio de Loyola, Alberione, Dom Bosco, Tereza de Calcutá e tantos outros. Acontece, como um clique na mente do fundador (a), dentro de um contexto cultural, geográfico e familiar. A inspiração indireta costuma surgir através de situações mais complexas, externas, que não aparecem em experiências místicas. É o que chamamos de inspiração mediada pelo Espírito Santo.

A inspiração tem um desenvolvimento gradual. A primeira é uma fase preparatória, na qual Deus vai conduzindo o processo. Queremos entender isso, na experiência dos sonhos vocacionais do Padre João Bosco. A segunda é um processo de conversão que mexe com o olhar social, eclesial e missionário do fundador (a). Também podemos chamar de 2ª inspiração. Veremos isso no decorrer do texto.

Para compreender a inspiração direta, no padre João Bosco,

9 CIARDI Fabio, *I fondatori uomini dello spirito, per una teologia del carisma di fondatore*, Roma: Città Nuova, 1982, p. 49.

10 IDEM

precisamos partir da sua narrativa do sonho dos 9/10 anos. Um dos estudiosos deste sonho foi o padre Antônio da Silva Ferreira, no texto crítico das Memórias do Oratório. Segundo ele, Dom Bosco traz, para o presente, sua memória infantil e camponesa e como entendeu o chamado de Deus. É uma narrativa que traduz os sentimentos de uma criança da zona rural, preocupada com os amigos, vivendo no campo, trabalhando na terra, com a meta de crescer forte, humilde e robusto, vencendo o pecado através das virtudes¹¹. A presença de um homem de aspecto viril e de uma mulher majestosa evocam a presença da maternidade e da paternidade. Os personagens entram naquela confusão de amigos, que dizem palavras e brigam, coisas de crianças. Este combate físico se manterá na vida de Dom Bosco. Em várias circunstâncias ele lutará, enfrentará dificuldades de todo tipo, inclusive contra o demônio, mas saberá superar, sendo forte, humilde e robusto.

2ª Inspiração

A estrutura narrativa do sonho apresenta a espiritualidade salesiana em 3 chaves de leitura:

¹¹ BOZZOLO Andrea, *Il sogno dei nove anni, In sogni di Don Bosco esperienza spiritual e sapienza educativa*, Op.Cit., p. 237.

Situação dramática e a resposta do menino João;

A aparição do Senhor viril que provoca medo e confusão;

Aparição da Senhora majestosa que esclarece a dúvida de João. É uma visão dentro da visão quando os meninos se transformam em animais e depois, novamente, em seres humanos;

Diálogo entre os 3 personagens, com a identificação objetiva da Senhora;

O clima fraterno em volta da Senhora, alegria, é característica da festa salesiana, o antídoto contra o deserto – tentação do demônio;

A espiritualidade que emerge deste sonho aponta para a missão oratoriana, o chamado de Deus, os mistérios dos nomes dos personagens, a mediação materna de Maria e a força da amabilidade¹². O choro de João, diante do alcance da missão, se repetirá, no final de sua vida quando, durante a missa na igreja do Sagrado Coração, em Roma, ele recorda tudo e diz: “Foi ela quem tudo fez”.

3ª inspiração

A Senhora pousa a mão sobre a cabeça do menino João, prometendo que tudo aquilo, que

¹² Ibid, p. 251ss.

parece impossível, será possível a seu tempo e ele irá compreender. De fato, quando Dom Bosco escreve essas memórias, está com a Congregação instituída e em plena expansão. Aquilo que parecia confuso, agora, está claro e se realiza com a preparação da primeira expedição missionária. O que parecia apenas fantasia de um menino que sonha, agora, torna-se realidade. Desapareceram o medo e a dificuldade de entender e surgem a obra e a missão salesiana.

No carisma do fundador, acontece a ação do Espírito Santo (1 Cor 12,11). O Espírito é o verdadeiro protagonista. Esse mesmo processo continua na institucionalização e na missão da Igreja que acolhe e absorve o carisma fundacional. O processo, com raríssimas exceções, segue o seguinte itinerário:

1. Deus chama uma pessoa para uma missão na Igreja;
2. O chamado sente uma inspiração inicial – voz interior – fundamentada no Mistério de Jesus Cristo;
3. A partir do momento do chamado e dentro do chamado, começa um processo de conversão, de forma direta ou indireta, à luz de situações que inquietam a pessoa chamada;
4. Ao sentir-se instrumento de Deus, para uma obra maior

que suas forças, o chamado se deixa seduzir, pelo Espírito, e começa a agir, algumas vezes, sem contar com a compreensão e a aceitação, inclusive da Igreja;

5. Num certo momento, ele atrai outras pessoas e formula uma regra de vida básica cristã sem a pretensão, em muitos casos, de fundar uma congregação religiosa;
6. Os primeiros discípulos, seduzidos pelos exemplos evangélicos do fundador, começam a agir como ele, seguindo suas intuições, às vezes, assombrados com os fenômenos que acontecem;
7. O carisma do fundador(a) se desenvolve com o tempo e amplia seus horizontes e conquista, com a aprovação da Igreja, que reconhece a ação do espírito Santo;
8. O fundamental é que o fundador(a) centraliza sua ação na pessoa de Jesus e obtém a capacidade de olhar as realidades, ao seu redor, com algo específico que o atrai e inquieta. No caso do padre João Bosco, por exemplo, foi o contexto juvenil, de exploração, abandono, orfandade, fome e morte. Esses fatos transformaram o padre João Bosco por dentro. Em São Francisco de Assis, o seu

olhar levou-o à conversão aos marginalizados de lepra, os excluídos de Assis. Em Santo Inácio de Loyola, foram os exercícios espirituais como imitação de Cristo. Santa Tereza de Calcutá percebe a imitação de Cristo no pobre que clama: “Tenho sede!” Em cada fundador(a), é possível enxergar o ardente desejo da imitação de Cristo com uma característica própria.

9. Evidenciam-se na vida dos fundadores(as) os apelos da Igreja que, num determinado contexto, lhes comove as entranhas e lhes questiona a própria conduta. Por conseguinte, um carisma nasce a partir do olhar do fundador(a) sobre a Igreja e a Sociedade que os circundam e clamam por ele(a).

3. O deserto na espiritualidade salesiana: o combate com o demônio.

Quando falamos de deserto, na tradição religiosa, temos que voltar aos padres do deserto, aqueles homens e mulheres que conseguiram ver no deserto o lugar do encontro e do desencontro, a batalha com as forças interiores e externas que moldavam a vida cristã. Dos séculos IV ao VI, é muito forte a experiência

eremita que vai ao deserto para vencer as forças diabólicas. O diabo era interpretado a partir de arquétipos ferozes, animais peçonhentos ou felinos, que estavam no deserto, para matar e devorar os seres humanos. A vida monástica é muito marcada por esta experiência e gerou toda uma cultura religiosa e mística fundada no exercício – ascese – e na intimidade com Deus. As tribos que fugiram do Egito, lideradas por Moisés – hapirus – encontraram, no deserto, lutas intensas, ora contra a fome, ora contra a sede. Tiveram que superar o faraó antes de entrarem na Terra Prometida. O próprio Jesus, depois do Batismo, foi levado ao deserto e, depois de 40 dias de fome e sede, foi tentado pelo diabo.

São João Bosco teve o seu deserto! Às vezes, temos a impressão de que a vida do nosso fundador foi cheia de conquistas, mas sua biografia e suas memórias, narradas por ele e seus filhos, mostram que viveu claramente as tormentas do diabo, num deserto de grandes tribulações. Os sonhos, que permearam sua vida, estão repletos de imagens do demônio, em diferentes contextos e figuras. Esta luta, com seus tempos de paz e de provação, fez florescer em Dom Bosco uma clara e forte presença de Deus, que o manteve de braços levantados em constante luta.

Padre Antônio Ferreira da Silva, um dos nossos grandes historiadores salesianos, fez um belo estudo sobre os sonhos, que vai me ajudar muito a descrever este deserto espiritual que foi, sem dúvida, um marco importante na vida ascética de Dom Bosco¹³.

Na tabela abaixo, apresento a lista de alguns desses sonhos, sem a pretensão de ser exaustivo. Não irei comentar um por um, porque seria tema para um livro. Apenas quero destacar elementos desse deserto que brotam das visões e sonhos.

SONHO	DATA	IDADE DB	ARQUÉTIPO
Calar-se na confissão	1862	47	Jovem.
O elefante	1863	48	Festa, elefante, celebração litúrgica, violência e morte, Maria
A marmotinha	1859	44	Retorno das férias, marmota
A lanterna mágica	1865	50	Igreja, jovens, homem negro e chifruado,
A serpente	1862	47	Cobra gigante, terra natal, corda, Maria, Rosário. O sonho tem duas partes.
O gato e as flores	1865	50	No pátio com os jovens, laços, negação da confissão.
Demônio no pátio	1871-1872	56/57	Dom Bosco doente em Varazze.
Indicação dos demônios para destruir a Congregação	1884	69	Gula, amor às riquezas, títulos, arrogância, carreirismo.
O touro furioso	1876	61	Início do retiro, touro com 7 chifres, dois olhos, 4 partes.

13 FERREIRA, Antônio da Silva, Acima e além, os sonhos de Dom Bosco, São Paulo: Salesiana, 2010.

Esses sonhos foram escolhidos devido à preocupação de limitar o tema, mas encontramos mais de 150 sonhos de São João Bosco. É um mosaico riquíssimo de uma rica personalidade que encontrou na força de suas intuições, inclusive inconscientes, horizontes para avançar na missão que compreendia como ação divina na sua existência¹⁴.

A educação dos jovens era, para São João Bosco, uma ação integral: educação, trabalho e crescimento na fé¹⁵. Para isso, criou um espaço, o Oratório festivo de Valdocco, como uma “aldeia aberta”. Ninguém entrava ou permanecia naquela casa forçado. Havia regras – Regulamento do Oratório de São Francisco de Sales – atitudes a serem assimiladas, processos pessoais a serem assumidos, trabalho, estudo, preparação profissional, religião, cidadania. O Oratório não era um reformatório, uma prisão de menores e de jovens, mas uma casa que acolhia e recolhia os filhos ao redor do pai. Naquele ambiente, os jovens encontravam um padre educador, colaboradores, educadores, mulheres educadoras, entre elas, de 1847 a 1857, Maria Occhiena Bosco, a mãe de Dom Bosco;

depois a mãe do jovem Miguel Rua, o primeiro sucessor de Dom Bosco, a mãe do bispo Gastaldi, senhoras distintas da corte de Turim; enfim, cristãs determinadas a colaborar na educação e na evangelização dos jovens pobres, abandonados, vulneráveis, na sua grande maioria.

A omissão, na confissão, num processo de educação moral dos jovens, era, para São João Bosco, um grande desafio. O medo, a vergonha, inclusive, naquele século, os conceitos sexuais eram rígidos demais, isso, certamente, levava muitos jovens a um certo temor de revelar o que sentiam ou faziam na descoberta da sexualidade. Então, era comum, como hoje, esconder os atos. Porém, Dom Bosco tinha uma sensibilidade aguda para as questões juvenis e queria ver seus jovens livres, alegres e sempre bem dispostos. Quando percebia comportamentos ambíguos, brincadeiras tendenciosas, palavrões e leituras de livros com narrativas imorais, logo rechaçava o pecado, nunca o pecador. Então, a figura do demônio aparece como o autor de tais silêncios, ora como monstro, ou uma pessoa, ou animal indefeso. Mas sempre uma ameaça escondida, algo que não se revela plenamente ou que engana pela astúcia.

É o caso do elefante, um animal que aparece, no pátio do

14 PERAZA Fernando, Los estigmas de nuestro tiempo y la pedagogia de la bondade. Situaciones históricas, reflexiones e hipótesis interpretativas, proyecciones y utopias educacionales, Quito: Ecuador, 2012, p. 89-92.

15 Ibid, p. 137.

Oratório, e parece inofensivo, calmo. Os jovens ficam encantados pelo animal. O pecado encanta, seduz. Porém, vicia, maltrata, impede a alegria e destrói. É quando o elefante torna-se violento e começa a matar os jovens. A única salvação era obedecer e colocar-se debaixo do manto de Maria. O elefante muda, há uma mutação e vira um monstro terrível. O tormento do demônio acompanhará a missão de Dom Bosco até o fim de sua vida. Perguntemo-nos, então, por quê? Aqui está o deserto na nossa espiritualidade salesiana. Deserto da desconfiança, da falta de fraternidade, da falta de oração e devoção mariana, do distanciamento dos superiores, da intemperança, do ócio.

O sonho da serpente é outro momento de provação para Dom Bosco. O símbolo da serpente, além da fertilidade é também da astúcia. A serpente tem a capacidade de gerar muitas crias, assim como o pecado. Ela fecunda, no coração, a maldade e se projeta em atitudes danosas à pessoa e aos outros. A serpente é, também astuta, capaz de atrair, cega, mas com grande sensibilidade de olfato, até agarrar a presa. Dom Bosco conhecia bem os jovens que se deixavam seduzir e que eram férteis em ações maléficas, contra si mesmos e contra os demais.

Interessante é que o demônio ataca sempre no pátio do Oratório. O pátio é o lugar do encontro, da alegria e do bem estar, o demônio procura destruir nos jovens e nos educadores, exatamente, a convivência. É o caso, também, do sonho do touro furioso. Um sonho longo, durante os retiros espirituais que, para Dom Bosco, era tempo de profunda conversão para os jovens e para os salesianos. O demônio se manifesta, exatamente, naquele momento. O touro ataca e a obediência às ordens de Dom Bosco é a arma para impedi-lo de matar. É um sonho agitado, em 4 etapas. Um touro com vários chifres, uma espécie de criatura alada. Ataca onde há ociosidade, desobediência. O incrível é que o touro não desaparece. O sonho se conclui com a presença dele no Oratório. Podemos dizer que é uma ameaça permanente para o espírito salesiano.

Outro sonho emblemático de Dom Bosco, é o da Orientação dos demônios para destruir a Congregação Salesiana, de 1884, narrado ao padre Viglietti, na época secretário pessoal do santo. O sonho acontece numa sala. Os demônios, em forma de leões, tigres, serpentes e figuras humanas, planejavam a melhor forma de acabar com a Congregação. Era necessário plantar no coração dos salesianos algumas tentações. A primeira delas era “o amor às

riquezas,” porém, alguns demônios discordavam, porque diziam que nem todos os salesianos iriam cair nesta armadilha. Então, surge a tentação da “liberdade”, camufladas nas murmurações. São João Bosco escutava tudo num canto da sala. Outro demônio sugeriu a vangloria como tentação, ou seja, “ser doutores, grandes intelectuais”, acompanhado pela “arrogância” e distanciamento dos pobres, preguiça e comodidades. Quando Dom Bosco narra esse sonho aos salesianos, ele o faz de forma didática, porque comunica os fatos a educadores. Trata-se de uma luta que permanece na Congregação, sobretudo, quando nos afastamos da nossa identidade carismática, tão relevante hoje com o Capítulo Geral 28.

Esses e outros sonhos têm elementos fortes, espirituais e psicológicos. Eles revelam o estado de ânimo de Dom Bosco, ou seja, sua sede de Deus e de evangelização dos jovens e, depois, dos salesianos que o seguiam. São João Bosco tinha sede de libertar da segurança e da aridez dos pecados todos os jovens. Para isso, lançava-se com todas as suas forças, sem medir situações, momentos e pessoas. Chegou a dizer que, para salvar os jovens, seria capaz de arrastar a língua pelo chão até o Santuário de Superga. Tal era sua convicção e sede de anunciar o Evangelho da Salvação. O padre Miguel

Rua testemunha que Dom Bosco não deu uma palavra, não fez uma ação, que não fosse para a salvação dos jovens. Isto é, um sinal eloquente do seu lema DA MIHI ANIMAS COETERA TOLLE – dá-me as pessoas, fica com o resto.

No entanto, há o elemento psicológico dos sonhos, os arquétipos com os quais o demônio se personifica. Feras terríveis que investem contra a pessoa de Dom Bosco e dos jovens. Ações que, inclusive chegam a matar, num claro significado de que o pecado é morte, decadência, falimento da fidelidade a Deus conquistada no Batismo. Isto, mexe com a cabeça do padre João Bosco. Sua personalidade é transpassada pelo combate psicológico afetivo e ele grita no deserto das tentações para que seus jovens não se deixem dominar pelo diabo.

Embora, atormentado por esses sonhos, ele não perde a serenidade, o trato e as palavras atrativas para com os jovens. Sua presença não assusta, mas atrai e consola. Quando ele aparecia no pátio, assumia a posição de guardião, animador, provocador e recriador das relações. Quando estava distante, em alguma atividade, fora de Valdocco, como no caso da famosa carta de Roma (1884), sonhava, exatamente, com o pátio

e, dois jovens ex-oratorianos, já falecidos, revelam a ele o ambiente sem alegria, sem vida e dominado pelas murmurações, pelo medo dos superiores, pelo distanciamento físico e mental entre salesianos e jovens. Este é o medo de São João Bosco. Ele teme que o pátio deixe de ser o espaço real da vida oratoriana e perca seu sentido educativo evangelizador. Enviou uma carta aos jovens e outra aos salesianos, narrando o sonho, para mostrar que era urgente voltar aos tempos de outrora. Aqui, temos a mente pura e resiliente de Dom Bosco que consegue ver o passado como narrativa construtiva, o presente como paixão pelo Reino e o futuro como condição de recriar o pátio como lugar de encontro de amigos.

Conclusão

Pensar a experiência do deserto, na espiritualidade salesiana, é algo ainda primário. Tenho consciência de que se encontra ainda escondido nas entrelinhas do *Da mihi animas Coetera Tolle* – dá-me as pessoas, fica com o resto - uma visão de Dom Bosco seminarista, padre jovem, adulto e idoso, gasto pelo trabalho incansável num combate contra as forças do demônio, que o desafiava dentro do próprio pátio de Valdocco. O diabo não

agia fora do ambiente educativo evangelizador, mas dentro das ações que Dom Bosco promovia. Era um combate cotidiano. Uma luta desigual, que levou, muitas vezes, Dom Bosco ao cansaço físico e a um estilo de presença vigilante, no meio dos jovens, com a lâmpada da prudência sempre acesa, com o selo da obediência. O diabo vence quando a desobediência e as murmurações assumem o espaço da alegria, e geram desconfiança e falta de fraternidade.

A nossa espiritualidade implica combate. No entanto, com a imagem da camponesa dos Becchi que pousa a mão sobre a cabeça de Joãozinho, ainda hoje, como naquela madrugada de 31/01/1888, no seu último suspiro, a mão de Dom Bosco, moribundo, continua na cabeça dos salesianos, como sinal visível da força que nos faz vencer o diabo.

Bibliografia

- LEMOYNE João Batista, *Memórias biográficas de São João Bosco*, vol. VI, tradução Luiz Bazzanello, Osmar Bezutte, Augusto Bartoli, Brasília: EDEBÊ, 2020.
- MARIO Fissone, *Recezione e trasmissione dei sogni de Don Bosco*, In BOZZOLO Andrea (a curadi), *I sogni di Don Bosco*

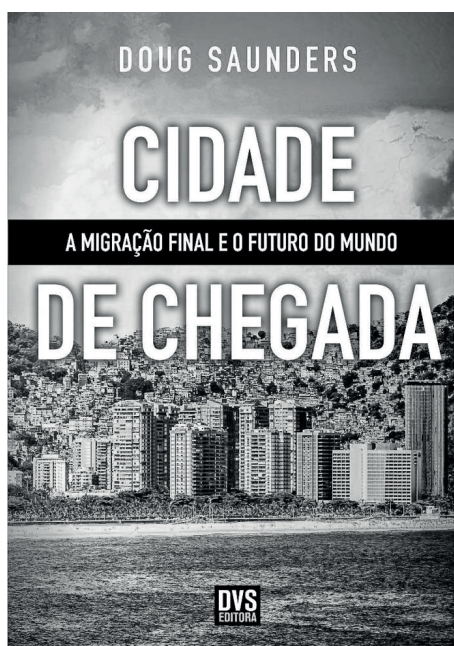
- esperienza spiritual e sapienza educativa, ROMA: LAS, 2017.
- GIRAUDO Aldo, Lo stato degli studi sui “sogni” di Don Bosco, , In BOZZOLO Andrea (a curadi), I sogni di Don Bosco esperienza spiritual e sapienza educativa.
- EZIO Bolis Echi di um mundo. Note sul contexto storico-spirituale riflesso nei sogni di Don Bosco, In BOZZOLO Andrea (a curadi), I sogni di Don Bosco esperienza spiritual e sapienza educativa,
- DA SILVA MENDONÇA FILHO João, O sonho dos 9 anos, 1ª Ed., São Paulo: Palavra & Prece, 2014.
- RAHNER K., Visione e profezie, vita e pensiero, Milano 1995
- CIARDI Fabio, I fondatori uomini dello spirito, per uma teologia del carisma di fondatore, Roma: Città Nuova, 1982
- FERREIRA, Antônio da Silva, Acima e além, os sonhos de Dom Bosco, São Paulo: Salesiana, 2010.
- PERAZA Fernando, Los estigmas de nuestro tempo y la pedagogia de la bondade. Situaciones históricas, reflexiones e hipótesis interpretativas, proyecciones y utopias educacionales, Quito: Ecuador, 2012



MIGRAÇÃO E ‘CIDADE DE CHEGADA’

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS¹

O autor é Doug Saunders, jornalista britânico e canadense. O estudo leva, como título ‘Cidade de chegada’ – a migração final e o futuro do mundo (DVS Editora, 2010). Trata-se de um conceito que procura explicar a relevância das favelas ou zonas suburbanas para a entrada e inserção dos migrantes no núcleo urbano propriamente dito. ‘Cidade de chegada’ consiste em uma espécie de lugar híbrido, onde zona rural e zona urbana se encontram e se fundem. Um espaço intermediário, o qual, ainda, mantém relações diretas com os povoados de origem, no campo, ao mesmo tempo que, na cidade, vai abrindo e ampliando uma rede de laços com



a metrópole. Importante, aqui, é o leque de conhecimentos que permite descortinar as portas de entrada, seja no que se refere ao mercado de trabalho ou aos demais direitos básicos.

De acordo com o autor, são quatro as principais funções da ‘cidade de chegada’. A primeira

¹ Vice-presidente do SPM, 8 de novembro de 2021

é “a criação e a manutenção de uma rede: uma teia de relações humanas que liga o povoado à cidade de chegada, e esta [última] à cidade estabelecida”. Em contato com os dois polos, instala-se um serviço de comunicação permanente entre um e outro. À medida em que é bem-sucedida, essa intermediação acaba por desenvolver o que o jornalista chama de “máquina de cidadãos”. E, inversamente, quando malsucedida, pode degenerar em terreno fértil para o consumo e tráfico de drogas, a violência e o recrutamento de jovens para o crime organizado.

As ‘cidades de chegada’, em segundo lugar, “funcionam como um mecanismo de entrada”, no sentido de facilitar a busca por trabalho e moradia, facilitando, igualmente, a vinda da próxima geração de migrantes, “num processo conhecido como migração em cadeia”. Destacam-se, aqui, as remessas de dinheiro aos lugares de origem, a garantia de empregos e/ou serviços, mesmo que instáveis e temporários e a tentativa de criar esquemas que possam contornar as restrições à migração. A rede de parentesco e de conhecimento permite que o migrante deixe sua terra natal, não de forma cega e sem horizonte, mas sabendo exatamente com que pode contar para abrir caminho no emaranhado complexo da cidade.

A terceira função dessas “cidades de chegada” consiste, justamente, em atuar como “plataformas de estabelecimento urbano”. Com os poucos recursos que traz e a ajuda dos parentes e amigos, o migrante recém-chegado poderá, entre outras coisas, chegar a adquirir uma casa própria, iniciar um pequeno negócio autônomo, além de “estudar os filhos” na cidade estabelecida. O conjunto da família é capaz de sacrificar uma ou duas gerações, contanto que os descendentes possam se formar. “A vida é uma aposta sobre o futuro das crianças”, com a qual todos se empenham. Daí, a insistência em se manter na “cidade de chegada”, por piores que sejam as condições, uma vez que a maior herança que podem legar continua sendo o estudo. “Aqui não está bom, é verdade, mas só volto para a zona rural num caixão”.

Em quarto e último lugar, conforme o autor, “uma ‘cidade de chegada,” em bom funcionamento, oferece aos habitantes um caminho de mobilidade social, permitindo sua entrada (...) nas classes trabalhadoras mais abastadas que lhes garantem empregos permanentes”. Trata-se de um passo nada desprezível, o que pode levar a pavimentar o “caminho para a cidade central”. Neste caso, a ‘cidade de chegada’ completa seu círculo bem-sucedido:

permitir uma migração gota-a-gota do campo para a cidade, oportunizar aos filhos e/ou netos meios e condições de formação média e superior, constituir-se enquanto plataforma ou trampolim para o núcleo urbano.

A conclusão, de Doug Saunders, é que essas 'cidades de chegada', longe de figurar como lugares estáticos e estacionários de pobreza e inércia, são, ao contrário,

espaços dinâmicos de criatividade e empreendedorismo, onde os migrantes encontram vias de acesso não somente a seus direitos e necessidades fundamentais, como também à participação social e política. As redes de apoio e solidariedade, estabelecendo pontes entre os povoados de raiz e o destino desejado, criam a possibilidade de atravessá-las rumo ao horizonte da vida urbana.




CRB NACIONAL
REGIONAIS

**CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA**



ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA 2020

Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: convergencia@crbnacional.org
Pode também acessar o site e imprimir o boleto: www.crbnacional.org.br

Nome completo:
Congregação:
Endereço:
CEP (código postal): Cidade: UF: País:
Nova assinatura () Renovação ()
Telefone: () E-mail:
Forma de pagamento:
Efetivo () Depósito Bancário () Agência: C/C:

Valor da Assinatura:

Brasil: R\$ 145,00 América Latina e Caribe: U\$ 80 Europa: E 70 Outros países: U\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag:452-9-C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para CRB Nacional (convergencia@crbnacional.org.br).